

LÍDIA CRAVEIRO

ROMANCE

A Cápsula do Tempo

O passado não
reconhece o seu
lugar...está sempre
presente



Sopa de Letras Edições



Leituras com sentido



Contents

A CÁPSULA DO TEMPO

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

Nota da autora

Obrigado por ler o meu livro!

A AUTORA

Referências bibliográficas:

A CÁPSULA DO TEMPO

ROMANCE

LÍDIA CRAVEIRO

A CÁPSULA DO TEMPO

Lídia Craveiro

Publicado por: Sopa de Letras Edições

Diagramação: Sopa de Letras Edições

Revisão: Sopa de Letras Edições

e-mail: lidiacraveiro@gmail.com

Designs de Capa: Sopa de Letras/ tecnologia Canva.com

Imagens de Capa: Imagens Pixabay

1ª Edição: Outubro de 2019

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução da obra em qualquer formato.

Qualquer semelhança com pessoas, factos e lugares é pura coincidência.

Uma caixa do tempo é um recipiente concebido para guardar ideias ou informações de uma determinada época, para ser aberta num tempo futuro.



Prólogo



Serra da Arrábida, 2006

Era bom demais para ser verdade. Marta não queria acreditar que o cão que corria ao longo da praia há minutos, e agora a fitava com os uns olhos meigos e velhos, fosse a Cuca.

Um assobio vigoroso fez com que o animal estacasse nas quatro patas, levantasse as orelhas na direção do som, e ficasse pronto para partir. Ganiu para Marta, hesitou olhando-a mais uma vez, e correu até ao dono que esperava com a porta do jipe aberta saltando lá para dentro de imediato.

A porta do carro fechou-se com o vigor de um braço masculino.

Marta não quis olhar. Com o coração aos saltos, como se ainda fosse adolescente, preferiu ficar na dúvida. Era demasiada coincidência para que o acaso os tivesse reunido ali, naquela praia, onde outrora foram tão felizes, para depois os separar de novo.

Não era Afonso.

Não podia ser.

Decidiu.

Naquele instante, decidiu também que era uma palermice estar ali sentada a apanhar frio, à espera que o passado surgisse intacto só para ela o poder agarrar no momento em que o perdeu, e seguir para o futuro, sem perdas e danos. Estar ali, no local onde pescavam e passavam as férias de verão, não lhe ia trazer ninguém de volta, muito o homem que sempre amara.

Afonso devia estar casado, feliz, e nem se lembraria mais dela. Fora tão tola em pensar que ele se lembraria da pirralha com quem brincou, trocou promessas de amor e vida, e alguns beijos quase castos. Esperou tantos anos que ele a procurasse que, quando conheceu Jorge aceitou a dedicação dele como uma benesse. Mas também estava longe de adivinhar que o doce e cavalheiro Jorge, o grande cirurgião, o seu marido, era um

desposta narcísico que em pouco tempo se revelaria e a faria querer fugir dele, com alguns continentes de permeio.

Arrumou a cana e todo o estojo de pesca, deitou o isco à água e dirigiu-se lentamente para o carro com o pensamento nos olhos meigos do animal. Talvez Afonso tivesse dado a cadela. Talvez fosse uma coincidência, e o animal – agora que pensava nisso –, ser apenas meigo com as pessoas, apesar do seu ar intimidador. Fosse o que fosse, simpatizara com ela.

Olhou a praia mais uma vez e entrou no carro onde a temperatura era bem mais amena.

Dali a Lisboa era um pulinho e em breve estaria em casa para descansar e, amanhã, seria mais um dia de muito trabalho na clínica, mas, por enquanto, ia aproveitar o resto do dia para efetuar umas arrumações em casa.

Subia a serra, em marcha lenta, de janela aberta, apanhando o ar frio do inverno, observando a natureza verdejante ao longo da estrada, o rio Sado lá em baixo, espelhando o verde da serra e, dando graças a si própria pela coragem que tivera em cortar com a sua outra vida, com Jorge. Subitamente ouviu um estrondo de algo a embater em chapa e um grunhido de animal, estridente, como se estivesse a morrer, logo seguido de outro choque mais violento. Inconscientemente levou o pé ao travão e reduziu a marcha do carro ao máximo que pode.

Não tardou a avistar o motivo de tanto barulho. A uns duzentos metros, um jipe preto estava enfiado na parede de rocha da serra e, no meio da estrada, um javali enorme, jazia, no contraste do sangue vermelho com o negro do alcatrão. Morto pelo embate com o jipe.

Alguns carros rodearam o animal e seguiram em frente. Apenas um abrandou um pouco e se dispôs a verificar o acidente. Marta parou o seu carro a uma distância de segurança do veículo acidentado, e correu a observar o estado do passageiro.

O homem estava caído sobre o volante, aparentemente inconsciente, e um cão grande lambia-lhe a cara enquanto gania aflito, como a pedir ajuda para o dono acidentado. O animal empoleirado no banco do pendura, demonstrava uma agitação de sofrimento.

A enfermeira experiente entrou em ação.

Marta identificou-se e pediu ao condutor do carro que parou que fizesse a sinalização de acidente e ligasse para a emergência médica,

enquanto ela tentava perceber os sinais vitais do homem acidentado. Desviou-lhe o cabelo desgrenhado da testa para tentar perceber de onde escorria o sangue que sujava o volante e, ao mesmo tempo que verificava que ele tinha uma ferida na testa, provocada por uma pedra que se soltou da ribanceira e que entrou no carro partindo o vidro dianteiro, abafou um grito ao reconhecê-lo.

Respirava e a pulsação era irregular. Estava vivo.

As lágrimas saltaram-lhe dos olhos sem que ela conseguisse ter mão nelas parecendo ter vontade própria.

O cão saltou para o banco traseiro enquanto ela tentava imobilizar Afonso até a equipa de socorro chegar. Tantos anos sem o ver e encontrava-o entre a vida e a morte. Limpou-lhe o sangue da cara e tentou proteger a zona do cérebro onde a pedra tinha embatido. A ferida era feia e tinha a certeza de que o osso estava fraturado.

Afonso não podia morrer.

Ela não o podia deixar morrer, não agora.

**Ribatejo, 1988**

- Mãe, posso ir brincar? – perguntou o garoto, como se brincar fosse algo proibido na sua idade.

Antes que Joana pudesse responder, ouviu a voz do marido vinda da sala.

- Afonso! Já largaste o milho às galinhas?

O rapaz de nove anos olhou para a mãe como a desculpar-se da falha, e viu-lhe a aflição nos olhos.

Afonso sentiu o sangue a ferver nas veias.

- Vem cá! – berrou a voz masculina.

Afonso correu até ao pai, sabendo que se demorasse mais um segundo a sova seria maior.

- Deitaste comida às galinhas? – repetiu a pergunta.

O garoto abanou a cabeça, incapaz de mentir, mesmo sabendo que a falha lhe ia custar umas quantas correadas.

- Vira-te – ouviu-se.

Joana já sabia o que aquilo significava.

Em tempos, antes de se casar, a mãe dissera-lhe que o papel da mulher era também obedecer ao marido, mas, um dia sabia que não ia responder por si, e desancava-lhe uma cadeira pela cabeça abaixo. Não suportava ver os olhos meigos do filho, cheios de mágoa e dor a ser sovado por Adérito. Criança nenhuma devia passar por aquilo, dizia-lhe a amiga Teresa, sempre que falavam no assunto e estava carregada de razão. Mas qualquer coisa dentro de si se iria partir se um dia tivesse de abandonar o marido. Não era mulher para viver sozinha, o preço a pagar era demasiado e não iria suportar as línguas viperinas da aldeia.

Joana ouviu o cinto, uma e outra vez acompanhado dos gemidos da criança, até perfazerem cinco correadas. Desta vez foram só cinco, porque Adérito só abrandava quando se fartava e por vezes não se fartava, deixando o filho estendido no chão, chegando ao ponto de lhe marcar as costas. Mas o que mais enfurecia Adérito era que Afonso não implorava

nem gritava. Limitava-se e gemer baixinho, tão baixo que o pai nem ouvia.

Afonso gemia de dor, mas não gritava e, nessa contenção, a mãe adivinhava-lhe a raiva e o ódio que ele ganhara ao pai, temendo que um dia, quando ele crescesse o feitiço se virasse contra o feiticeiro e Afonso matasse o pai.

Nos dias como o de hoje, cada vez mais frequentes, Joana sentia-se a pior das mães à face da terra. Não era capaz de se voltar contra o marido, por medo e por educação. Fora educada para ser submissa aos homens tal como o fora ao seu pai, sem que ele precisasse de lhe bater para o conseguir, mas o seu *querido paizinho*, como lhe chamava, era um homem bom, compreensivo e afável com as filhas, pois Deus apenas lhe dera mulheres.

Hoje Adérito ia bater no garoto todo o dia, tinha a certeza disso.

**

- Hoje ainda acontece uma desgraça Teresa! – gritou Joana ao telefone. - O meu Adérito não para de bater no Afonso, por todos os motivos e mais algum. Parece que odeia o filho. Depois cai nele, chora e não se conforma com o que fez! O raio do homem! Diz que já não é um homem inteiro só porque lhe falta um pedaço da perna. Por favor amiga, leva o meu Afonso contigo, receio que ele mate o cachopo com o cinto. Os nossos homens voltaram malucos daquela maldita guerra Teresa. Oh Deus! Se existes acaba com este sofrimento! – levantou as mãos em prece para o céu.

Joana Simões era a desolação em pessoa.

- Levo sim, Joana – disse Teresa. - Chama lá o garoto que eu faço por ele, sabes que nem precisas pedir. Ele e a Marta dão-se bem e não quero ficar com pesos na consciência, se acontecer alguma coisa. Mas Joana, leva o homem ao médico. O teu homem sempre foi muito vaidoso da sua boniteza, não se conforma de já não ser uma estampa como outrora. Raio do homem! – praguejou Teresa. - Dizem que em Lisboa há bons médicos para a cabeça. O teu homem não era assim antes de partir. Deve haver alguma coisa que ele possa tomar que o acalme. E porque é que ele não usa a perna postiça, como o Zé Vargas? Esse desunha-se a andar por aí e até já trabalha na lavra às vezes quando não lhe dá para andar aos tiros pela lezíria.

- Não quer, diz que não é pirata para usar uma perna de pau – respondeu Joana.

- Desculpa-me dizer-te isto, rapariga, casaste com o homem mais bonito da aldeia, mas é cá um presunçoso! O que é que ele é a mais que os outros? Os outros também combateram como ele, tantos que vieram estropeados! – observou Teresa. – E, no entanto...- ia dizer que não tinham enlouquecido, mas parou a tempo. Não queria chocar a amiga.

- Diz que mata quem o obrigar a fazer o que quer que seja. Olha, não fosse por ele ser quem era antes desta guerra, e pelo meu filho, e largava-o hoje mesmo – respondeu Joana.

- Talvez o devesse largar mesmo, por causa do teu filho. Um dia o rapaz não te perdoa, mulher. E mais, se acontece uma desgraça, quem não consegue viver depois, és tu. Ainda és tão nova e bonita mulher! Ele acaba com vocês! – disse Teresa, na esperança de que ela abrisse os olhos. Teresa por vezes ficava a pensar como é que Joana, a Joaninha da Fazenda, professora primária de profissão, era tão tacanha, ao ponto de tolerar um idiota daquele calibre e ainda permitir que ele batesse no filho daquela forma. Toda a gente na aldeia profetizara uma desgraça com aquele casamento. Menos Joana.

Joana benzeu-se ao mesmo tempo que um arrepio de medo lhe trespassou o corpo. Joana sabia que Teresa tinha razão, mas não queria tomar consciência disso, por isso, desconversou.

- O meu Afonso tem apenas nove anos e já trabalha de manhã à noite. Isso era no nosso tempo! O garoto tem é que agarrar-se aos estudos. Não sei que faça...

Joana ficou a lamentar-se ao ver o filho a afastar-se com a amiga e a achar que a sua vida nunca mais tinha rumo. Outrora, Adérito era um homem bom, trabalhador, alegre, e com as duas comissões na guerra em África, tornara-se num bicho do pior que há. Nem as cobras e os crocodilos dos rios por onde ele dizia que andara, deviam ser tão selvagens. A única coisa que lhe restara era aquela face bonita que não há muitos anos encantava as raparigas nos bailaricos da aldeia.

Dez minutos depois, Teresa Ramires chegava à quinta, situada nos limítrofes da aldeia, com o garoto de nove anos a seu lado. Afonso já se habituara a ser recolhido pela família Ramires, sempre que o pai tinha uma crise. Naqueles dias enlouquecidos, o pai tratava-o mal, chegando a sová-lo com um cinto, várias vezes ao dia. Tinha sido uma manhã

complicada e ainda lhe doíam as costas, das vergastadas que o pai lhe dera quando percebeu que ele se atrasara a alimentar as galinhas poedeiras, sem que Afonso entendesse porque cinco minutos de atraso, podiam causar tanto barulho da parte do pai, e um mal terrível às galinhas.

Por mais que a mãe lhe explicasse que o pai já fora outro homem, Afonso olhava-o com ódio e jurara a si próprio que um dia o mataria. E não acreditava que um pai fosse o que a mãe afirmava. Um homem bom não perdia a sua essência.

Afonso sabia há muito tempo onde estava a espingarda e a chave do armário que guardava a arma, apesar de tanto a mãe quanto o pai pensarem que a chave não estava ao seu alcance. Várias vezes já o abrira e empunhara a espingarda fazendo pontaria a algo que simbolizasse o pai e normalmente era uma fotografia que a mãe mantinha em cima do aparador da sala. A caçadeira estava carregada com dois cartuchos e da próxima vez que ele lhe batesse, abria o armário, metia a arma à cara e disparava sobre o pai.

O garoto questionava-se que tipo de pai era o dele para o tratar tão mal, sobretudo depois de ser recolhido em casa de Teresa e Sérgio e comparar a sua vida com a de Marta e Sara. Os pais de Marta e Sara eram um encanto de pessoas e tantas vezes desejara ser filho deles, que já lhe perdera a conta. Chegara mesmo a fingir que tinha sido adotado pelo casal.

Mal o vislumbrou Marta correu a abraçá-lo e agarrou-lhe a mão puxando-o até ao celeiro.

A garota de cinco anos tinha um olhar vivo e um sorriso fácil. Era franzina e dona de uma face de boneca com olhos pretos grandes e cabelo preto aos caracóis. Afonso adorava-a como se ela fosse uma irmã. Mas Marta dizia-lhe que um dia se iriam casar. Fosse lá o que isso fosse – casar-, Afonso achava que nem sempre era uma coisa boa e desejava com toda a força que isso nunca acontecesse. Bastava olhar para os olhos da mãe, sempre marejados de água, para saber que o casamento era uma coisa triste. Nunca se haveria de casar. Não queria transformar-se num homem parecido com o pai.

- Bateu-te outra vez? – perguntou Marta com toda a sua inocência dos seus cinco anos.

Ele assentiu envergonhado.

- Um dia mato-o – respondeu ele.

Ela assentiu de novo. Não sabia o que era a morte, para além de ver uns pardais inertes caídos dos ninhos na primavera, mas o pai de Afonso deveria morrer.

- Marta...o teu pai também esteve na guerra, lá longe, e não é assim, como o meu.

- Esteve? Vou perguntar-lhe.

- Não! Não vais não! – e pegou-lhe pelo braço obrigando-a a permanecer a seu lado, sentada nas ervas altas e fofas.

Quase quatro anos de idade separavam-nos, mas a realidade juntava-os sempre que ele estava em apuros e Afonso via em Marta a sua depositária de confidências, apesar da sua tenra idade. Marta estava longe de saber o inferno em que Afonso vivia, e muito menos sabia entender coisas da vida que para ele já eram tão óbvias, tal como a maldade humana. Crescera rápido nas emoções, tão rápido que o corpo não conseguiu acompanhar a sua maturidade e, por vezes, parecia um adulto metido dentro de um corpo franzino e alto. Afonso Simões era um garoto entroncado, alto até para a idade, e parecia-se com o pai ao ponto de as pessoas da aldeia dizerem que era a cópia de Adérito. Mas Afonso não queria ser como o pai. Jamais.

E quando lhe diziam que herdara a figura bonita do pai, chegou a odiar-se, pensando que podia fazer algo para o evitar. O pai era um homem monstruoso e, um dia ele iria pedir contas a Deus por lho ter destinado, já que as velhas da aldeia, sobretudo a tia Maria Rosa e a Teresinha das Dores, lhe diziam que era o destino e a vontade de Deus.

- Marta! Afonso! Venham jantar! – gritou Sérgio, de lá de cima da casa.

Depois do jantar as crianças jogavam às cartas com Sérgio-, enquanto Teresa fazia a cama no quatinho pequeno, destinado a visitas quando as havia - e brincavam os três com os brinquedos de Marta. Sara tinha uma deficiência intelectual, pelo que não se importava de brincar com a irmã mais nova e com Afonso.

- Achas que o conseguias convencer a ir ao médico?

- A quem mulher? – perguntou Sérgio a Teresa.

- Adérito, homem! O homem está maluco. Grita e bate no garoto sem motivo nenhum.

Sérgio abanou a cabeça. Aquela tarefa era melindrosa.

- Oh Teresa! Já viste o que seria eu dizer ao Adérito que ele está doente e tem de ir ao médico dos malucos? Quem vai ao psiquiatra são os doidos Teresa, o Adérito, tem stress de guerra, são coisas diferentes e não me atrevo a sugerir tal coisa.

- Mas Sérgio, alguém tem de o fazer! Imagina se acontece uma desgraça – dizia Teresa tentando convencer o marido a agir.

Ainda ficaram mais meia hora naquela discussão até que Teresa se deu por vencida. No entanto Sérgio ficou a pensar como rodear o assunto. Talvez se procurasse o sargento, ele o conseguisse. Que diabo, o sargento era o sargento! Eram todos camaradas, mas o sargento tinha um grande poder sobre eles, ainda hoje, mesmo passados tantos anos quando o sargento pedia para se reunirem, eles o faziam.

Soaram tiros no escuro da lezíria.

As crianças correram pela escada em busca de proteção, logo seguidos de Sara que dizia:

- É o Z' é Ma' maluco! É o Zé Malu'co! – e ria-se batendo palmas.

A jovem gaguejava até completar a frase. Sara tinha treze anos, mas possuía a idade mental da irmã.

Teresa e Sérgio olharam um para o outro sem proferir qualquer palavra. Teresa fechou a janela do quarto das garotas.

- Meninas para a cama já! Os tiros já terminam. Alguém anda à caça, os coelhos são tantos que só fazem estragos – mentiu na tentativa de desculpar o homem enlouquecido.

Sérgio conduziu Afonso, colocando-lhe a mão no ombro ossudo, para o quarto do fundo do corredor.

- Senhor Sérgio...é o Vargas aos tiros, não é?

Sérgio não quis mentir ao garoto. Era impossível mentir a uma criança tão marcada pela vida, e que de criança apenas possuía o corpo. Em tudo o mais Afonso Simões era um adulto em miniatura.

- É sim filho. Ele imagina que ainda está em África, na guerra. Um dia prendem-no. Só espero que...

E não terminou a frase. Ia dizer que esperava que ele não matasse ninguém antes de ser preso.

- A minha mãe diz que ele está tão doente como o meu pai. Não sei se estão, se são apenas homens maus. Mas, cá para mim, podem morrer os dois. Não fazem falta. Homens como eles não fazem falta- proferiu com desprezo.

Sérgio sentiu o coração a encolher. A guerra fizera muitas vítimas em Angola, Moçambique e Guiné, mas os que ficaram, as suas famílias, também eram penalizados, e Afonso era vítima, bem como os filhos do Vargas. Uma aldeia marcada por uma guerra. Uma guerra que roubou os melhores anos da juventude e a paz de espírito aos homens. Nenhum homem que testemunhasse o que eles testemunharam voltaria a ser o mesmo. Sérgio Ramires, sabia isso, também estivera lá com eles, para saber as atrocidades que viveram.

Depois da madrugada de 25 de Abril de 1974 voltaram às suas casas e exigiam-lhes que continuassem calados, e a fazer a sua vidinha de sempre. Tal não era possível. Uns ficaram loucos, outros estropiados e perto de dez mil perderam a vida, numa guerra que visava apenas defender os interesses dos colonos brancos que há quinhentos anos escravizavam os negros. Foi-lhes incutido o ódio aos negros e muitos, mal informados e sem instrução, embarcaram nessa mentira, como se fosse a maior das verdades. Homens bons vieram transformados em assassinos e com o ódio no coração. Adérito era um deles.

- O teu pai era um homem bom, Afonso. Um dia vais perceber o que ele passou lá no ultramar. Não foi fácil para nenhum de nós filho, mas nem todos somos iguais. Eu tive a sorte de ficar nas enfermarias – mentiu - o teu pai foi para a selva combater um inimigo que apenas estava a defender o seu território e as suas vidas. A guerra é como o tempo, não poupa ninguém, percebes?

Afonso não percebia. O que ele percebia era que o pai quase o matava à pancada sem que ele lhe fizesse mal algum.

- Mas o senhor não é assim como ele – preferiu o garoto tentando contrariar a justificação que ouvira.

Já naquela idade revelava um poder de observação assaz pertinente.

- Não calhou. Não calhou...- respondeu Sérgio em surdina enquanto lhe dava um pijama que Joana mandara para ele vestir.

Sérgio sabia que não ter vindo da Guiné louco, devia-se à sorte de ter alguns estudos e também o ter conhecido um aventureiro belga, homem esclarecido, que lhe contara o verdadeiro motivo daquela guerra, senão pensaria como todos, que os *turras* eram os grandes responsáveis e o grande inimigo. Viver numa ditadura era o mesmo que viver às escuras, poucos tinham acesso ao conhecimento, e menos ainda sabiam o que levava o ditador a manter o país no obscurantismo.

Segundo o belga, que passou uns largos meses na tabanca do sírio, a dormir num quarto alugado e a beber cerveja com a companhia onde ele o Vargas e o Simões estavam, tudo começara no dia 15 de Março de 1961, quando os escravos se revoltaram contra os patrões das fazendas de café e os assassinaram à catanada não fazendo diferença entre homens mulheres e crianças. Fora este acontecimento, instigado pela CIA, diziam algumas fontes e o belga também, que levou Salazar a defender as suas colónias em África com homens armados. Salazar ao ignorar a pressão para descolonizar ficou completamente isolado no panorama político mundial, depois de em 1955 ignorar as recomendações da ONU nesse sentido. Após a segunda guerra, a pressão mundial para descolonizar era total, mas Salazar preferiu dar cidadania portuguesa aos povos das três colónias e passou a chamar-lhe províncias ultramarinas, pensando que assim, contornaria o problema.

O resultado estava perante os olhos dos países que estiveram no conflito armado.



O dia amanhecera soalheiro e o cantar dos galos da quinta acordara as crianças desejosas de se reunirem na lezíria para brincarem. Afonso, Sara, Marta vinham do Norte e, Tiago, Maria e Sílvia de Sul. Juntos, percorriam os campos em redor dos grupos de homens e mulheres que trabalhavam nas valas de arroz e nos campos semeados de melão, melancia, tomate e milho. A única coisa que os barrava eram as cercas dos touros bravos. Por aí não passavam e, sempre que um dos campinos os avistava ralhava para que se afastassem. Os animais podiam ferir de morte algum dos miúdos que se aventurasse a passar por ali e, por descuido ou desconhecimento, fizesse algum movimento brusco, assustando o animal. Mas as crianças sabiam viver, na imensa planície que rodeava as margens do Tejo. Tudo servia para uma boa aventura. Uma cobra de água que passava pela vala e assustava as mondadeiras de arroz submersas em água até à cintura, um trator que passava carregado de tomate a caminho da fábrica, e finalmente o sinal sonoro que indicava o fim da jornada de trabalho na fábrica do descasque do arroz indicava a hora de voltar a casa. Naquele tempo, o perigo estava em casa, não na liberdade que usufruíam vagueando pela lezíria e pelo rio.

De vez em quando Sérgio percorria os campos na carrinha, em busca das crianças, e levava-os para mais perto de casa, para passada meia hora os ver partir de novo, com canas de pesca, em direção ao rio. No verão o rio Tejo era uma atração para a criançada pelo que desistia de as fazer voltar a casa, antes dos trabalhos terminarem pelos campos.

- Olha Marta, lá estão eles - Afonso apontou para as três crianças que se aproximavam.

O mais velho, Tiago, carregava um cesto com comida. Era da idade de Afonso, mas um pouco mais baixo. Tiago Vargas, tinha um riso escarninho que usava com demasiada frequência, o que fazia dele um colega de brincadeira a evitar. Era um rapaz bonito, com porte atlético com pele cor de âmbar e dono de uns olhos verdes, tal como a irmã Maria.

Afonso e Marta não simpatizavam muito com Tiago. Marta era muito miúda ainda e sofria com as diabruras de Tiago que volta e meia lhe puxava os cabelos, ou a atirava para dentro de água vestida, só para ver Afonso socorrê-la, também vestido. «Aquele rapaz tinha o diabo no corpo, já tão novinho», dizia Teresa muitas vezes em frente das crianças, quando os avisava para lhe contarem quando Tiago as maltratasse. Mas o rapaz era demasiado temido entre os seus pares, para algum deles o denunciar. As ações de Tiago Vargas rondavam a doença mental, diziam as pessoas mais esclarecidas da aldeia. O rapaz não era bom da cabeça, tal como o pai, diziam outros mais maldosos. Se havia coisa que as gentes dali sabiam fazer, era comentar a vida alheia. Ninguém escapava às línguas viperinas da aldeia.

- Hoje vamos pescar besugos? – perguntou Afonso. – Com as redes – afirmou.

- Tens um tato para isso! – disse de imediato Tiago.

Maria dá um safanão em Tiago e diz:

- Para de ser estúpido! Assim nunca vais ter amigos!

- E para que é que os quero! És uma ranhosa! Tu e essa cambada *de putos*.

- Tiago! Cala-te! Digo à mãe que andas a chamar nomes feios! – ameaçou Maria.

- Vai lá e faz isso! - desafiou-a.- Ela não vai acreditar em ti. Não sabes que a mãe só acredita em mim? – vangloriou-se.

Maria virou-lhe as costas. O irmão era irritante.

De súbito os tiros soaram outra vez lá para os lados da casa dos Vargas. Era o que bastava para calar Tiago, e os outros sorriram com cumplicidade. Sabendo que o pai estava a fazer figuras de parvo, Tiago, escondia-se envergonhado e até os tiros cessarem, não aparecia mais.

- Onde vais totó? Não vês que ele não se aventura até aqui? – dizia a irmã, rindo-se dele.

- Deixa-o Maria. A única coisa que o detém de ser desagradável é saber que o teu pai anda por aí aos tiros – disse Afonso.

Afonso e as três garotas ficaram a ver Tiago a esconder-se entre duas valas com medo que o pai aparecesse por ali de caçadeira em punho.

- Vamos brincar para o celeiro logo mais? – disse Marta, desejosa de se estender em cima dos fardos de palha e comer as passas de ameixa que a mãe secara ao sol, para guardar dentro de frascos em conserva.

Afonso concordou.

- Vamos agora - era uma boa oportunidade para se livrarem de Tiago e do seu mau feitio e lá partiam os quatro rumo ao celeiro dos Ramires para mais uma tarde de faz de conta.

**

Durante anos, as cinco crianças repetiram estes rituais partilhando pequenas coisas das suas vidas ligadas por acontecimentos comuns, tais como a ida dos pais à guerra, as brincadeiras junto ao rio, o ponto de confluência da vida das gentes de Vila Franca e da aldeia de Galopim, e também a partilha de ideias e sonhos que mais tarde, já na adolescência de Afonso e Tiago – os mais velhos - começaram a fazer parte integrante das suas vidas.

O tempo passou e eles cresceram sem que à sua volta os adultos alterassem grande coisa às suas vidas. Marta estava com quinze anos, tal como Maria Vargas e tornaram-se as duas, raparigas bonitas, cada uma de forma diferente. Marta tinha uma beleza serena de mulher morena, de olhos escuros e cabelo. Era alta e torneada e aos poucos, os olhos dos rapazes começaram a afoitar-se até ela. Afonso e Tiago, agora com dezoito anos tinham-se tornado dois homens. Afonso mais maduro que Tiago e desejando ambos a hora de partir para Lisboa para estudar. Tiago manifestava a vontade de ingressar na marinha para seguir a carreira militar. Sara, com corpo de mulher, continuava a acompanhar com o grupo, agora com a complacência de todos face às suas dificuldades. Apenas Sílvia a irmã de Maria e Tiago, se recolhera a casa e se dedicara à escola e ao estudo, raramente saindo de casa nos últimos anos. Os dois rapazes tinham-se tornado amigos, ainda que Afonso considerasse ser mais amigo de Tiago do que ele de si e, as diferenças entre Sara e os outros acentuavam-se cada vez mais. Sara há muito que não se enquadrava nas conversas da irmã e dos seus amigos, passando a seu mundo a ser a escola para crianças inadaptadas que frequentava desde os seis anos. Afonso e Marta tornaram-se inseparáveis ao longo dos anos, em parte devido às estadias frequentes de Afonso na casa dos Ramires, mas, nos últimos anos, a natureza da sua cumplicidade tinha-se alterado – eram namorados.

Tiago Vargas perseguia Marta com o pretexto de querer namorar com ela e, Maria, sua irmã, vivia um pouco sozinha vagueando, nas horas vagas, pela vila e pela lezíria, mitigando as suas mágoas de adolescente

esquecida pelos pais e pelos irmãos. Maria era o protótipo da adolescente carente de afeto de quem ninguém se aproximava – à exceção de Marta -, com medo de que ela se apegasse demais. Maria era demasiado livre e solta para uma aldeia tão pequena como Galopim. Essa liberdade, pouco própria para uma adolescente prestes a rondar os quinze anos, devia-se ao facto de Palmira ser uma mãe muito preocupada em agradar ao seu homem, e José Vargas, um louco, a maior parte do tempo. Maria Vargas, sabia tirar partido do facto de ter uns pais descuidados.

A vida das crianças alterara-se nos últimos anos. Todos tinham preocupações individuais mais prementes que a pertença ao grupo.

Dentro de pouco tempo os rapazes iriam partir para a capital para prosseguir estudos na universidade e Marta e Maria teriam ainda de esperar uns anos até puderem fazer o mesmo. Enquanto Marta tinha ambições de estudar e sair da terra, Maria parecia cada vez mais infeliz, sem que ninguém percebesse os motivos. Palmira Vargas, mãe de Maria, só tinha olhos para Tiago o filho mais velho e, agora que o marido deixara de gritar pela lezíria, depois que ela o convencera a ir ao médico a Lisboa e a tomar os comprimidos que o médico lhe receitara, vivia a cuidar dele. José Vargas, conhecido pela sua retidão de carácter criou os filhos com pulso firme apesar de nunca lhes ter tocado e apenas tinha olhos para a sua Palmira, o amor da sua vida, que nunca o abandonara. De um momento para o outro, o homem enlouquecido deu lugar ao agricultor que sempre fora, e granjeou de novo o respeito das gentes da vila. Todos lhe diziam que o médico era muito bom, porque ele sossegou a cabeça e ainda engordou um bocadinho.

**

Com o passar dos anos, Adérito passou a temer que Afonso, agora um rapagão com quase um metro e oitenta, se virasse a ele sempre que o tentava açoitá-lo e, já raramente o manifestava essa intenção. Mesmo quando tentava, já não conseguia. Afonso já por diversas vezes o avisara que um dia ele se arrependeria de tudo o que lhe fez ao longo dos anos.

- Ainda tem sorte de eu falar consigo. Outro filho, já lhe teria dado a provar do seu próprio veneno. Não abuse mais da minha paciência, pai – dissera há dias voltando-lhe as costas de imediato.

Naquela tarde, Adérito Simões estava especialmente enlouquecido. Já rasgara duas camisas e destruíra um móvel à pegada só porque se desequilibrara e lhe cairá para cima. Não contente com todos os estragos

que fizera, e esquecido que o filho era um homem, mandou chamar Afonso para o desancar acerca da lavra dos terrenos que este não completara no dia anterior. Depois da escola, Afonso, fazia todos os trabalhos do campo sendo ele a adotar o comando dos negócios da família, passando a ideia que ainda era o pai que comandava os trabalhadores. Desejando que os estudos o levassem para longe de casa, só já suportava o pai com base nessa esperança. Mais três meses e saía de casa de vez. Lisboa era demasiado perto, talvez se candidatasse à universidade do Porto.

Quando a mãe lhe apareceu ao celeiro, encolhida, e com os olhos a lacrimejar, já sabia que mais problemas iriam surgir.

- Nem penses que me vou deixar bater. Olha para mim mãe! – gritou. – Sou um homem! Achas que aquele doido me volta a pôr as mãos em cima?

- Por favor Afonso, não faças nada de que te possas arrepender mais tarde, filho – suplicou. – Ele é teu pai!

- Precisamente por isso – ripostou.

Afonso descalçou as botas de borracha enlameadas e enfiou os ténis apertando-os com rapidez, sentindo a raiva a crescer dentro dele e disposto a enfrentar a fera de uma vez por todas. Respeito era uma coisa da qual lhe conhecia bem o significado, mas jamais se deixaria maltratar outra vez.

Abriu o armário, empunhou a espingarda, verificou se ainda tinha os cartuchos e destravou-a, colocando o dedo indicador no gatilho.

Percorreu o corredor sem ouvir os gritos da mãe do lado de fora da casa, pedindo ajuda.

Deu um pontapé na porta da sala onde o pai costumava ver televisão ou dormir, e enfrentou-o de arma na cara.

O silêncio instalou-se de repente. Apenas se ouvia a respiração alterada de Afonso e os gritos de Joana, pelo campo, cada vez mais distantes pedindo ajuda aos trabalhadores.

A tez morena de Adérito embranqueceu subitamente.

- Vou preso uns bons anos, mas você jamais me toca! – gritou. - Quem pensa que é para me tratar dessa forma? Seu pulha armado em vítima! Acha que tem o direito de me maltratar só porque foi à guerra e pisou uma mina? Seu vaidoso arrogante! Não passa de um merdas! Qualquer homem, é melhor que você! – berrou-lhe.

Adérito estremeceu, mas Afonso nem deu por isso.

Afonso fez pontaria ao peito do pai e, por momentos, viu-o morto, estendido no chão numa poça de sangue.

Adérito baixou a cabeça e, naquele momento, soube que tinha perdido o filho para sempre.

Afonso, baixou a arma, olhou-o nos olhos e, virou-lhe as costas, levando a arma consigo. A raiva e o ódio dissiparam-se quando viu medo nos olhos do pai.

“Merda! Escusava de descarregar a raiva em mim, pelo facto de ter sido enganado pelo estado português naquela guerra maldita. Que culpa tenho eu que tivesse ficado sem uma perna e que tivesse feito coisas inimagináveis em defesa de uma nação que não lhe pertencia?” – pensou enquanto se afastava dali.

Guardou a chave do armeiro no bolso, não fosse o pai ter alguma ideia triste, e rumou em direção ao campo para continuar o trabalho.

Encontrou a mãe acompanhada de meia dúzia de trabalhadores correndo apressados. Quando o viram, estacaram, receando o pior.

- Está lá em casa. Mijado de medo, e com a cabeça baixa. Está tudo bem, mãe, não te aflijas. Vocês podem voltar comigo – disse dirigindo-se aos trabalhadores.

Afonso tornara-se num homem adulto aos dezoito anos de idade por via do sofrimento e agora da responsabilidade.

Joana seguiu para casa e os homens acompanharam o patrão. Afonso era o patrão desde que tomara corpo e maneiras de homem, lá por volta dos quinze anos.

No fim do dia, quando regressou a casa, encontrou-a vazia, nem sinal do pai ou da mãe.

Em cima da mesa da cozinha um bilhete escrito à mão, com a letra da mãe.

“O teu pai aceitou ir para o médico em Lisboa. Ficamos em casa da prima Antónia e só voltamos depois que ele for consultado. Avisei a Teresa e o Sérgio que estás sozinho. Eles estão à tua espera para jantar. Adoro-te filho. “

Afonso soube naquele instante que a sua atitude tresloucada e em desespero fez com que o pai acordasse do estado de loucura em que estava há anos e tomasse uma atitude. Ficou contente com isso, mas não sabia se alguma vez conseguiria amá-lo. Nas costas ainda tinha algumas marcas de

fivela, das muitas correadas que ele lhe dera em criança. Não era tarde para o pai, mas era tarde para a relação dos dois.



Londres, ano 2000

Marta abriu o envelope azul com cuidado, retirou a folha escrita a caneta de tinta permanente do seu interior, e começou a ler. A caligrafia bonita da mãe, aprendida no tempo em que ainda era uma arte, era a oitava maravilha do mundo, para os seus olhos. Cada carta de Teresa era uma obra de arte. Só mesmo ela mandaria uma carta pelo correio, como se não tivesse ao seu dispor as novas tecnologias ou não as soubesse usar. Dizia que nada podia substituir uma carta com um papel bonito e uma caligrafia cuidada. Tinha razão. Toda a razão. Até porque uma carta dava trabalho a escrever, a colar o selo e a colocar no correio. Um procedimento em desuso, mas ninguém podia travar o progresso, embora a mãe pensasse que sim, ao recusar-se a utilizar o email. Quando a geração da mãe já cá não estiver, o digital venceu o que restava para vencer e não virá mal ao mundo por causa disso pensou Marta a sorrir.

Tanta reflexão por causa de uma carta. Mas esta carta não era uma carta como tantas outras, era uma carta que reclamava a sua volta à família. À terra. Ao país.

A carta era breve e concisa. Precisavam dela em casa. Quando Marta tinha uns dezasseis anos, a mãe disse-lhe que a única coisa que lhe pedia em vida, é que tomasse conta da irmã, quando ela já não o pudesse fazer. Naquela época achou o pedido egoísta. A mãe não lhe podia exigir que se sacrificasse pela irmã. Que culpa tinha ela se Sara era retardada? Pensara na altura.

Marta olhou a carta de papel bonito mais uma vez, sorriu, e guardou-a no bolso do casaco.

Pobre Sara. Pobre irmã. Logo ela que lhe devotava um amor sem igual, ser desprezada por uma irmã egoísta e imatura era qualquer coisa de indesculpável. Na época, aos dezasseis anos tinha o mundo por explorar e aquele pedido deixara-a zangada. Por vezes pensava mesmo que os pais só a tinham posto no mundo para que ela cuidasse de Sara quando eles já não existissem.

Retirou a mala do armário e colocou-a em cima da cama começando a enfiar a roupa lá dentro. Dentro de horas partia para casa. Tinha uma boa razão para não voltar a Londres e era a altura certa para virar costas. Rodou a cabeça em volta da sala para admirar o seu refúgio minúsculo de três assoalhadas, e suspirou. Depois do divórcio foi morar sozinha e teve que ocupar o tempo com algo que a mantivesse sã de mente. Os móveis que restaurou integrando uma decoração Shabby Chic^[1], tão feminina, branca, e que Jorge detestava, os livros que agora lia fluentemente em inglês organizados na biblioteca pessoal, e o cestinho com metade do seu tesouro pessoal, que mais parecia um arranjo decorativo, pousado em cima da cómoda velha. Um tesouro composto por duas chaves de ferro que encontrou enterradas na cabana velha ao lado do celeiro - nas explorações que fazia com Afonso -, uma pedra amarela apanhada na praia, também com Afonso, dois livros aos quadradinhos da década de setenta achados no lixo, e um anel de prata com uma ametista falsa cravada no centro; um dos muitos anéis que Afonso lhe dera enquanto frequentavam a escola primária e que ele surripiava da caixa dos acessórios de moda da mãe. «Guarda-o, disse ele. Guarda-o para sempre, para gostares sempre de mim.»

Marta voltou a sorrir e a memória levou-a para a infância, para aquele campo deserto no meio da propriedade dos Vargas, antes do *incidente*.

Marta arrumou de forma mecânica as tralhas que costumava usar dentro da mala de mão, verificou se tinha dinheiro suficiente na carteira, mas sempre com o pensamento na adolescência e fechou a pesada mala de viagem. Tudo o que possuía estava ali dentro.

Afonso. Que seria feito dele, passados quinze anos?

A caixa do tempo surgiu-lhe na mente, sem que ela pudesse evitar. Seria bom que tivesse conseguido encerrar tudo lá naquele buraco cavado na lezíria, dentro daquela caixa de lata velha, protegida por plástico. Queria deixar tudo enterrado, mesmo tudo, até aquela maldita tarde em que Maria não apareceu para pescarem no rio Tejo.

Devia ter quinze anos e, naquela tarde, Afonso apareceu lá a casa, como era hábito, depois da escola e de ter efetuado todas as tarefas que o pai lhe mandava fazer, que lhe poderiam custar um par de pauladas nas costas, caso não as cumprisse. Trazia uma caixa velha de lata na mão, e uma ideia na cabeça. A caixa tinha estampadas umas rosas miudinhas meio comidas pela ferrugem e acusava os anos de utilização.

- Encontrei-a no velho celeiro. Devia ser das costuras da tua *bisa*. Nas casas velhas encontram-se sempre muitos tesouros Marta – disse Afonso.

- Velharias. Queres tu dizer – disse Marta.

- Porque é que as raparigas são sempre tão parvas! – respondeu ele irritado.

Picavam-se amiúde, para disfarçar o amor que já os unia quando ambos despertavam para uma sexualidade que bramia a toda a força.

- Porque vocês só têm ideias estúpidas! Então, vamos à charneca ou não? – disse mudando de assunto rapidamente.

- Vamos, mas temos de ter cuidado para que não nos vejam. Queria que...- e ficou a olhar para a caixa – queria que...não te vais rir de mim, pois não?

- Sou a tua melhor amiga, não sou?

Ele assentiu.

- Os amigos de verdade não se riem uns dos outros – disse ela.

E era verdade. Marta nunca se ria dele quando o via com nódoas negras nos braços, nas costas, ou sujo porque tinha estado a limpar o estábulo das vacas enquanto o pai, Adérito Simões, curtia a bebedeira de aguardente. O pai de Afonso, depois que voltara da guerra no ultramar tornara-se o diabo em pessoa e atormentava o filho e a mulher, chegando ao ponto de os ameaçar de morte. Tudo sob o efeito do álcool, fora desse estado, era uma figura apagada e triste. Mas esses momentos duravam pouco. Adérito dizia que só o vinho o alegrava e lhe tirava as dores da alma, contava Afonso, quando, nas tardes livres, se refugiavam na charneca junto ao rio, a pescar e a conversar.

Marta limpava-lhe as feridas e dava-lhe um lenço para ele chorar, embora ele jamais tenha chorado na frente dela. Afonso guardava o lenço no bolso e ao chegar a casa colocava-o na gaveta do seu tesouro pessoal. Era assim desde que ele tinha uns nove anos e ela cinco. Não havia uma amizade tão forte como a deles, mas, como Afonso tinha mais quase quatro anos que Marta, quando ela fez treze anos, o pai proibiu-a de sair sozinha com Afonso. Nunca se esquecera porque essa proibição coincidia com o ter-se tornado mulher. A mãe dissera-lhe que a vida, a dela, a partir dali era diferente e as brincadeiras no rio acabaram-se.

Tão longe que esse tempo estava, mas mesmo assim, tão presente, como se fosse hoje.

E os pensamentos continuavam.

- Então – ganhou coragem – vamos enterrar um tesouro só nosso, com as coisas que mais gostamos e, um dia, quando formos adultos e livres, voltamos lá e recordamos a nossa amizade.

- Uma cápsula do tempo? Como os tesouros da história? - perguntou ela. Como os túmulos do Egito?

Ele confirmou. Era a história deles. A história que os unia.

- Cada um coloca lá dentro o que quiser – dissera ele.

E assim foi.

A cápsula do tempo ainda estaria enterrada para preservar os tesouros e os segredos dos dois? Não teriam as cheias do Tejo arrastado a preciosa embalagem lacrada a plástico surripiado das estufas do pai? Porque a amizade, essa esfumara-se no momento em que Afonso foi para Lisboa estudar, meses depois de enterrarem a cápsula do tempo.

**

Marta vestiu o casaco, calçou as botas e saiu para o frio de Londres. Podia telefonar a Jorge para levar a gata para casa dele, e não passar pelo incómodo de o aturar uns minutos, mas como tinha de comprar latas de comida para deixar ao animal, passava pelo hospital e informava-o pessoalmente da sua decisão, nessa altura. Ao deixar as latas de comida gourmet para gato, não se sentia tão culpada pelo abandono do bichano. Parecia aqueles pais que compensavam a sua ausência com brinquedos caros.

Jorge foi o seu marido, mas hoje era apenas o chefe do serviço hospitalar onde trabalhava. Não conseguia definir o que ainda os unia, mas a verdade é que não conseguiam separar-se durante muito tempo, apesar de estarem divorciados há dois anos. Volta e meia lá estava ele no apartamento dela, sempre com a desculpa para ver Melissa, a gata que lhe oferecera quando ela completou trinta e dois anos, prenda que ela tinha devolvido se não o fosse ofender. E Jorge não podia ser contrariado.

Nunca!

Jorge era sádico e controlador a maior parte do tempo e ela não gostava, mas quando assumia um papel normal na cama, era o mais doce dos homens e era essa a sua fraqueza em relação a ele, porque Jorge sabia satisfazê-la como nenhum dos seus namorados anteriores foi capaz. Mas a vida não era só sexo e quando ele vestia a outra pele, no dia a dia, ela odiava-o.

Arrepanhou o casaco de lã grossa contra o peito e atravessou a rua quando o semáforo ficou verde. As últimas réstias de luz diurna escapavam-se para lá do Tamisa em direção à ponte de Westminster. O cheiro a escapes e a frio era familiar, e estranho ao mesmo tempo. Sentiu saudades de casa, da aldeia de Galopim e de quando ainda era criança e escorregava pela pequena duna do rio, na propriedade dos Vargas, sentada num saco plástico, cavalgando a pequena duna de areia movida pelas cheias e que ela ia desfazendo aos poucos.

Aconchegou mais o casaco e o gorro que lhe tapava os cabelos cuidadosamente enrolados num coque para não saírem do ninho de lã fofa.

Meia hora depois estava em Moorfield's, à porta do hospital e a preparar-se para mais um sermão de Jorge. Já estava a antecipar o discurso de repreensão, quando lhe pedisse que levasse a Melissa para casa dele, e lhe comunicasse que por agora a vaga de enfermeira ia ficar livre. Partia para Portugal, a mãe e a irmã precisavam de cuidados e o pai não ia aguentar cuidar das duas, embora ele jamais o reconhecesse. O pai era um daqueles homens rijos, que nem a guerra do ultramar quebrara, apesar de ter passado tempos conturbados depois que acabou em 1974, costumava contar a mãe, mas nunca deixou que a família fosse afetada pelo seu comportamento, por vezes estranho aos olhos dos outros. Qualquer som mais alto, ou um simples avião a passar nos céus era motivo para Sérgio se esconder debaixo de uma mesa onde quer que estivesse.

Com o pensamento no ex-marido Jorge, Marta reconhecia que ele nunca a deixara completamente livre e, apesar da convivência entre ambos se ter tornado impossível depois que Marta lhe comunicara que iam ser pais, e Jorge ter respondido que o momento não era oportuno, tinha que gerir a equipa da qual era cirurgião chefe há pouco tempo, e um sem número de desculpas de quem não está disponível para a paternidade. Na época levava-lhe a mal, sobretudo porque estava sozinha com ele em Londres e sempre fizera concessões a favor da vida de casal desde o dia em que o conheceu. Até aceitar os seus gostos sexuais peculiares, durante algum tempo, aceitou. Felizmente, a gravidez não foi bem-sucedida e em pouco mais de um mês tinha perdido a criança de forma espontânea. Com essa perda, caiu também a admiração e o amor por Jorge, no dia em que lhe comunicou que a gravidez fora interrompida.

- Não é a melhor altura querida, sabes bem que sou um homem com muitas responsabilidades – dissera em tom de censura. – O aborto vem em boa hora – rematou sem qualquer emoção.

Pela primeira vez, em cinco anos vira-o como ele era. Não era má pessoa, mas era egoísta o suficiente para não ter espaço para mais ninguém a não ser ele próprio.

Naquele dia Marta separou-se dele afetivamente.

Ouviu as *crocas* de borracha a deslizarem pelo corredor e nem precisou olhar para saber quem era. Aquele andar felino era inconfundível, Jorge era um predador, lindo e mortífero. Antes de o enfrentar sorriu para si própria, ao dar-se conta do magnetismo sexual que ele exercia sobre ela, ainda. Por vezes questionava-se se não seria como ele, caso contrário, não teriam casado. Felizmente já não estavam ligados e, apesar das notícias de casa não serem boas, estava aliviada por ter de partir. Agora tinha uma boa desculpa para se afastar dali, para além de que o momento político que se vivia no Reino Unido, pós decisão do país sair da EU- *Brexit* -, não lhe garantisse que ficasse em Londres, ouviam-se rumores que os empregadores iam ter que justificar a permanência dos estrangeiros como sendo indispensáveis ao país ou, caso contrário, dispensá-los.

- Não estavas de serviço? – perguntou ele com um franzir de sobrolho mal chegou perto de Marta.

- Não. Não estava – disse ela. – Estás a operar? – perguntou sabendo a resposta.

- Não – respondeu ele, frio.

A pergunta era estúpida e desnecessária. Jorge era sempre assim: incisivo. O melhor cirurgião do hospital – como se intitulava – e o individuo mais arrogante que alguma vez ela conhecera. Tão bonito naquele ar desmazelado enfiado numa túnica e calças verdes e tão perverso no interior.

“Como foste capaz Marta? Como é que casaste com este homem cheio de si? – pensou para si.”

- Porque se estivesses a operar eu estaria contigo, certo? – acrescentou.

- Marta! Marta! Sempre tão atenta – disse com ar reprovador. Uma característica que Marta detestava nele.

- Jorge! Jorge! Sempre tão controlador... vou partir para Portugal – informou de imediato. - A minha mãe precisa de mim. Não está bem de

saúde.

- Deves estar a brincar! Não vais não. E não pode contratar alguém?

- Poupa-me e economiza-me Jorge. As tuas brincadeiras são de mau gosto. Já formalizei o pedido de dispensa nos serviços e...não sei quando volto. Por enquanto vou tirar férias antecipadas, depois logo vejo. Queria pedir-te que fiques com a Melissa, isto é, se a tua namorada não se importar.

- Não tenho namorada – disse ele seco.

Os olhos de Jorge comiam Marta ao ponto de ela se sentir despida. Arrepiou-se e deu um passo atrás. A proximidade com ele era perigosa.

- Pois, já me esquecia, são só amigos – ironizou. - Então? Ficas com a Melissa?

- Sabes que sempre adorei a gata...e a dona – acrescentou. – Foste tu que quiseste divorciar-te de mim. Por mim, ainda hoje estaríamos juntos.

- É verdade, sei que sim. E não vamos falar nos motivos da separação, pois não? – respondeu brusca. Só de pensar ainda se sentia mal. - Passas lá por casa e levas a gata. Deixo-te um saco com a comida e latas de paté em cima da mesa da cozinha. Adeus Jorge – e deu-lhe um beijo na face bem barbeada e perfumada em jeito de despedida, ao mesmo tempo que lhe colocava a chave de casa na mão.

- Dentro de quinze dias quero-te de volta. Nem penses que vou substituir-te na equipa – disse ele, fazendo-lhe um afago no braço.

“Não tens outro remédio querido, dificilmente me apanhas aqui de novo. Só se não conseguir arranjar emprego em Portugal – pensou.”

Ademais tinha informado a senhoria que não voltava.

- Claro, claro. Fica descansado - sossegou-o. Não valia a pena antecipar uma briga com Jorge. Tendia a sair vitorioso.

Fez-lhe adeus com um aceno de mão e afastou-se pelo corredor matraqueando os saltos médios das botas no chão de ladrilhos cinzentos, sem se virar para trás nem uma única vez. Sabia que ele tinha os olhos pregados nas suas costas, e que era difícil de enganar, mas também descobrira ao longo dos anos em que estiveram casados que apenas se importava com ele e com o seu sucesso profissional, e que ela existia na sua vida para garantir que ele tinha êxito. Jorge tinha uma camada de verniz social, polida, sob a qual por vezes aparecia uma fissura de onde saía um pequeno diabinho, capaz de humilhar quem o afrontasse. Nunca o fizera com ela em público, mas com os outros membros da equipa era

mordaz sempre que se enganavam nalgum procedimento. Com ela apenas usava o olhar mortífero que Marta aprendeu a conhecer desde o dia em que entrou no hospital e na equipa de cirurgia chefiada por ele.

- Marta! – ouviu-o chamar do fundo do corredor.

Correu apressadamente para o elevador, e entrou no primeiro que abriu antes que ele a alcançasse.

O capítulo da sua vida onde Jorge tinha estado, fechara-se definitivamente - sem que ele o soubesse ainda – e já tinha páginas a mais no entender de Marta.



Ribatejo, 2016

A montanha parira um rato.

A melhor metáfora que encontrava para justificar a carta exagerada da mãe. Tudo estava calmo e sereno pela casa e pela quinta à exceção de Dona Teresa permanecer a maior parte do tempo em repouso por causa da cirurgia, única alteração nas rotinas diárias da mãe.

Apenas as mensagens constantes de Jorge lhe tiravam a serenidade, mas em breve iria mudar de número de telefone e evitar que ele a massacrasse o dia inteiro com ameaças veladas, face à hipótese de Marta pensar em não voltar ao trabalho.

Sara ali estava, sentada em frente da televisão, sempre com um sorriso na cara. Fez-lhe uma festa no cabelo e sentou-se a seu lado.

- Então Sara como vai o teu trabalho? Estás a gostar?

Marta não sabia o que perguntar à irmã, sentada a seu lado, e a adorá-la literalmente - a avaliar pelo olhar dela. Nunca foram muito chegadas e o facto de a mãe proteger tanto Sara, afastou-a, numa época em que ela tinha de decidir se continuava a trabalhar no hospital de Santarém, ou aceitava o emprego no hospital de Londres.

Sara sorriu e abanou a cabeça positivamente.

- Vai bem. Vendo muito pão. No próximo mês vou ser aumentada – disse Sara com a sua candura.

Sentia-se mal por não conhecer bem a única irmã que tinha, mas estava disposta a remediar a situação. Olhou para ela e lamentou o que lhe acontecera à nascença. Sara seria uma mulher resoluta se não fosse a sua limitação intelectual. Mesmo com as suas dificuldades, tornou-se uma mulher trabalhadora e responsável até onde as suas capacidades cognitivas lhe permitiam. Era Sara que tomava conta da mãe desde que esta saíra do hospital.

- Fico contente por ti. Sara...nunca fomos muito próximas, amigas mesmo, entendes? E lamento isso...

Sara acenou que sim com a cabeça, mais por hábito do que capacidade para entender todo o significado das palavras da irmã.

Marta achou-se uma péssima irmã. Sara era generosa nos afetos com todos.

- Mas se me deres uma oportunidade, queria conhecer-te melhor – disse Marta com receio que Sara não quisesse.

Sara abraçou a irmã espontaneamente com toda a falta de jeito que a sua deficiência lhe conferia.

- A mãe vai ficar cont'ente. Ela diz que tu f'oste para longe por minha c'ausa – gaguejou.

- Não fui não – apressou-se a responder. A mãe por vezes é injusta nas suas avaliações – disse ressentida com a mãe.

Marta sabia que era verdade. Naquela época tinha receio que a prendessem à casa e aos negócios da família, nas estufas de tomate, com o objetivo de cuidar da irmã, e nunca mais tivesse oportunidade de saber o que era o mundo fora da aldeia de Galopim e dos seus arredores.

Teresa apareceu a arrastar os pés, devagar, como lhe recomendara o médico. Qualquer força despendida antes dos tecidos estarem cicatrizados era o suficiente para estragar a operação. Anos de esforço nos trabalhos das estufas a ajudar o pai depois que ele voltou do Ultramar, e uma filha parida aos trinta e sete anos, custaram-lhe o útero descaído e a fazer compressão sobre a bexiga. Restara-lhe apenas a opção da cirurgia com a promessa por parte do cirurgião que ficaria curada daquele mal-estar contínuo.

- Olha quem aí vem! – Marta não conseguiu esconder o tom de censura e desapontamento com a mãe. – Sabes o que a Sara me estava a contar?

- Sei – respondeu séria. - Sara, não devias ter dito isso à tua irmã.

- Mas mãe! Tu disseste que não era segredo! – protestou Sara.

- Não é segredo filha, mas já passou tanto tempo, não devemos remexer em dores antigas.

Sara compreendia apenas a parte mais óbvia do discurso da mãe e, pelo tom de voz da mãe entendeu que fizera asneira.

Quando Sara tinha quatro anos, numa consulta de pediatria, foi revelado que ela nunca seria independente. Sara tinha um atraso de desenvolvimento intelectual - assim lhes dissera o médico pediatra há quarenta e cinco anos - consequências de um parto difícil e demorado.

Durante os primeiros anos, Teresa ainda teve esperança de que o médico tivesse errado no diagnóstico, mas perto da entrada na escola, rendeu-se às evidências e, uns anos mais tarde, tinha Sara quase nove anos, chegou Marta, sem qualquer beliscadura. Teresa sentiu a sua dignidade como mãe e mulher recuperada ao pôr no mundo uma criança sem defeito. Amava as duas de forma diferente, mas Sara precisava mais dela, portanto, foi sem qualquer premeditação que se dedicou mais à primeira filha, não percebendo sequer que Marta se ressentia da falta de atenção da mãe.

Mas, contrariamente ao vaticinado pelos médicos, Sara aprendeu a ler, devagarinho, e não podia ser mais autónoma do que era. Até tinha um emprego. Os anos de ensino especial e uma profissão aprendida na instituição para crianças com deficiência, fizeram dela uma cidadã com dignidade.

- Desculpa M'arta – gaguejou e fez uma festa na cara da irmã.

Sara era carinhosa por natureza e, a sua face terna e ingénua, cativava quem se aproximasse dela.

- Não tem importância. Não vamos falar mais nisso – e afagou-lhe a cabeça num gesto espontâneo. O primeiro que tivera com a irmã e toda a vida. – Mãe... conta-me o que é feito das gentes daqui.

- Queres saber de Afonso? – perguntou a mãe com um sorriso compreensivo.

- Ahhh! Também..., mas vivem mais pessoas por aqui, e como já parti daqui há dez anos deve haver novidades – disse a disfarçar o óbvio para as duas.

As duas mulheres – mãe e filha – riram-se. Não era novidade para nenhuma das duas, o sentimento que uniu Marta e Afonso durante toda a adolescência, até ele ter partido para estudar em Lisboa, tinha Marta dezasseis anos.

- Nunca mais o vi por aqui – disse Teresa ajeitando-se no sofá.

- Quem? – perguntou Marta, fazendo que não entendia. Não queria que a mãe percebesse a sua curiosidade.

- O Afonso, de quem é que estamos a falar? Parece que gastou o dinheiro do avô e não chegou a estudar...coitado, dizem por aí as más línguas da aldeia. Aquele rapaz penou muito nas mãos do Adérito até ele morrer, o raio do homem parecia que vinha envenenado lá da Guiné. Dizem que as negras fazem bruxarias para prenderem os homens a elas. A Joana acredita nisso – disse Teresa abanando a cabeça. – Mas eu não. A

Adérito sempre foi um estupor. A Joana passou muito nas mãos dele. Mas ela adorava-o. Enfim...foi escolha dela – lamentou.

Apesar de serem amigas, Teresa não tinha coragem de perguntar por Afonso. Ao longo dos anos percebeu que Joana, não falava do filho e, depois que o marido falecera naquele estúpido acidente na vala de irrigação, fechara-se em si e em casa, abortando qualquer tentativa de se aproximarem de si.

- Seja o que for que aconteceu ao Adérito, só lhes diz respeito a eles. Não quero saber do passado, muito menos do passado dos outros. As pessoas não são todas iguais. O pai também esteve na guerra com o Adérito e o Vargas e nunca nos tratou mal – observou Marta.

Era verdade, mas Sérgio fora auxiliar de enfermeiro grande parte do tempo em que permaneceu nas comissões em África e raramente ia ao mato, o que lhe deu outra perspetiva do conflito, embora por vezes falasse de África com um misto de mágoa, raiva e nostalgia. Dizia, nas noites em que lhe dava para falar sobre a Guiné, que quem lá viveu jamais seria o mesmo.

Teresa conhecia bem a filha mais nova e sabia que havia poucas pessoas tão preocupadas com o bem-estar dos outros como ela. Se não fosse assim, ela não teria voltado logo que lhe escrevera uma carta mais dramática. Não tinha sido verdadeira com a filha, mas sabia que Marta não estava feliz há muito tempo e só mesmo um bom motivo a faria sair de perto daquele marido presunçoso. Não lhe ia dizer que na sua perspetiva Jorge era um pavão vaidoso e que usara um truque de mãe para a afastar dele. Percebera há muito tempo que ela era um mero acessório na vida daquele homem, tanto que mesmo depois de se divorciarem, ele não a deixava muito tempo em paz perseguindo-a como se fosse uma presa e ele o predador.

- Sempre gostei do Afonso, só não o tirámos daquela casa na altura, eu e o teu pai, porque ele defendia a mãe sempre que o Adérito enlouquecia e a pobre da Joana morria de medo do marido. Afonso era um garoto rijo e depois de adulto, tornou-se o defensor da mãe. Adérito deixou de lhe bater no dia em que ele o enfrentou de arma na cara.

Marta recordava-se de Afonso lhe ter confidenciado que desejara matar o pai naquele dia. Recordou-se ainda da tarde em que ela e Maria combinaram ir pescar ao rio, talvez apanhassem uns quantos peixes

pequenos para fazer uma fritada regada a sumo de laranja do laranjal dos Vargas. Um lanche de raparigas era sempre uma festa.

Nessa tarde Maria Vargas não apareceu no local combinado. Era frequente, nos últimos tempos, o pai não a deixar sair de casa com medo que alguém lhe fizessem mal. José Vargas, conhecido como Zé Maluco - depois que regressar da Guiné - sofria do mesmo mal de Adérito. Os dois com a desvantagem de lhes terem amputado uma perna estilhada por uma mina terrestre que apanhou os dois. Mas, enquanto o pai de Afonso se entregou à bebida para suportar as memórias da guerra, Zé Vargas “o maluco”, gritava de noite e dia com dores imaginárias na perna amputada, até que um dia, depois de o levarem ao médico a Lisboa, deixou de gritar e tornou-se num homem sossegado, preocupado com os filhos, sobretudo com Maria. O médico receitara-lhe uns comprimidos que o faziam estar quieto, diziam as gentes da aldeia. Aprendeu a usar a perna de *borracha*^[2] e era frequente vê-lo pela charneca, pelas bandas do rio, a vigiar os trabalhadores. Zé Maluco deixou de o ser, no dia em que tomou os comprimidos, diziam as vizinhas, mas, nessa altura, já o filho Tiago seguia a passadas do pai, criado nos seus calcanhares a temê-lo e a imitá-lo, e a trazer ao cimo a arrogância de uma educação com um traumatizado de guerra. Tiago era naquela época um adolescente rebelde e perigoso.

- Que estás tu a matutar Marta? – perguntou a mãe.

- Nada mãe. Sara queres ir comigo visitar o velho celeiro?

Sara aprontou-se de imediato pondo-se de pé e alargando a bonita boca num sorriso. Dava todas as notas que ganhava na padaria, a vender o pão, para que Marta gostasse dela. A irmã era o seu ídolo.

- Tu e Afonso faziam daquele lugar uma caverna de Ali Babá – deixou cair Teresa, enquanto Sara corria a ir buscar os casacos das duas.

- Tantos tesouros que tiravam de lá. Até a lata de costura da bisavó o Afonso encontrou – disse a mãe. – O que lhe fizeram?

Marta sorriu. A lembrança do tesouro enterrado desviou-lhe a atenção da amiga Maria Vargas. Que seria feito dela?

- Não sei mãe – mentiu. - Vamos Sara?

Não queria explicar que a enterrara com um pequeno tesouro pessoal e um segredo que deveria ficar enterrado para sempre.

Sara enfiou o braço no da irmã como se fosse uma criança apesar do seu corpo adulto e bem proporcionado, e prontificou-se a acompanhá-la.

Saíram do carreiro que levava às estufas e desviaram-se para os lados do velho celeiro de madeira e pedra.

As madeiras estavam novas. O pai tinha-o restaurado há pouco tempo - observou Marta.

“- *Marta! Marta!*”

Marta desviou o olhar em busca da voz familiar, mas não viu ninguém, por mais que tentasse em todas as direções.

- E’stás à procura d’e al’guém?

- Não. Pareceu-me ouvir uma voz, mas talvez seja a minha mente a pregar-me partidas.

- O que é a m’ente?

- É a nossa cabeça a pensar Sara – explicou com um sorriso e um afago na face da irmã, vermelha do frio.

- Ah! Já me lembro, a mãe explicava-me muitas vezes e’ssas coisas de mentir, que não devemos fazer.

- Está bem Sara...é isso mesmo – e voltou a afagar-lhe o cabelo meio grisalho a denotar a idade compadecendo-se da limitação da irmã, ao mesmo tempo que sentia crescer o carinho e a vontade de a abraçar.

Sara era uma adulta com cérebro de criança pequena, apesar de toda a sua independência nas coisas da vida diária. Cuidava da casa, dela própria, fazia tarefas rotineiras, como empacotar pão, mas as suas capacidades não iam além disso. Marta olhou a irmã com alguma inveja da sua inocência. Por vezes desejou não ter capacidade de pensar sobre a vida, talvez fosse mais fácil enfrentar tudo o que tinha de enfrentar no dia-a-dia, mas, por outro lado, com uma dificuldade como Sara, jamais seria a Marta que era, por isso se sentiu agradecida pelo seu discernimento.

Passaram pelo celeiro e Marta não deu sinal de abrandar a marcha. Rumou à velha charneca meia acidentada que dava para o rio Tejo e olhou lá para baixo.

Ainda podia indicar o local com precisão. Lá estava a velha pedra, o arrife^[3] de medronheiro e o rio. Tudo permanecia inalterável.

Nisto o telemóvel tocou e Marta perscrutou o visor. Era Jorge. Não atendeu. Fazia uma semana que estava em Galopim e ele já devia estar a pensar que deixara de a controlar. Nem lhe ia responder. Ainda tinha mais três semanas de férias e a carta de rescisão de contrato já devia ter chegado aos recursos humanos. Jorge ia ficar uma fera quando soubesse,

mas, polido como era, jamais iria dar o braço a torcer, pelo contrário, iria fazer tudo para a persuadir a voltar.

Raios que o partissem! Não queria aturá-lo mais. Quando o pensamento evocava a figura do ex-marido, Marta perdia a polidez e a boa educação.

Olhou para a base do arbusto de medronheiro, uns cem metros acima da margem do rio e identificou o lugar. Era ali que tinham enterrado a cápsula do tempo com os seus tesouros. Era ali que tinha enterrado o segredo que guardava desde a adolescência. Dentro de um envelope colado para que Afonso não quisesse bisbilhotar.

Será que as cheias de Inverno não levaram a caixa enterrada?

Mais abaixo onde o rio era mais estreito e tinha bancos de areia, uma silhueta de homem alto, vestido com um fato de motard, olhava na direção delas.

Marta estremeceu. Parecia o fantasma de Adérito a pairar por ali.

- Vamos embora Sara. Está a arrefecer, estou com frio – disse Marta.

Arrastou Sara pela lezíria, em passo acelerado até entrarem na quinta. A visão do homem, ali parado, lembrara-lhe Adérito, pai de Afonso e sentiu um arrepio pela espinha, sempre o receara e nem o facto de o saber sete palmos abaixo da terra a descansou. Adérito fora o diabo em pessoa.



Galopim, 2016

Afonso largou o casaco de motard, em cima da cadeira, na entrada da casa. As entranhas fervilhavam-lhe de emoção e de saudade de Marta. Podia jurar que conhecia a figura que vislumbrou do outro lado do rio, embora tivesse a cabeça coberta por um gorro de lã. Se não soubesse que Marta estava no estrangeiro, ia jurar que era ela que observava o local onde enterraram a cápsula do tempo quando eram adolescentes, e onde estava enterrado o segredo que ele guardava desde aquele tempo.

Mas não podia ser Marta.

Rumou até ao escritório e sentou-se na secretária, esperando resolver alguns assuntos pendentes, tais como verificar se os presuntos espanhóis, e o vinho de reserva especial, tinham sido despachados da origem diretamente para as suas lojas. Verificou a localização das encomendas através do link no email do fornecedor. De manhã estariam em Lisboa. Tinha que lá estar para receber e verificar a qualidade dos produtos. Gostava de ser ele a verificar as encomendas. Era o olho do dono que engordava o negócio, sempre ouvira dizer ao avô, e confirmava que o velhote estava carregado de razão.

Sempre que se deslocava a casa visitava o local onde ele e Marta tinham enterrado a cápsula do tempo, que supostamente ficaria na memória dos dois. Mas o tempo muda as pessoas, e nem sempre para o bem. Marta esquecera-se dele e, depois de todos os rumores que circularam pela cidade acerca de si, nesta altura, mesmo passados tantos anos, seria *persona non grata* junto da família dela. Mesmo que se encontrassem de novo, Marta, não queria saber deles e do que viveram na época.

Desde que o pai falecera, Afonso, ia com frequência a casa da mãe e, muitas vezes pensava em ficar de vez, e dirigir os negócios há distância. As terras que herdara do pai, estavam meio abandonadas e tinha ideias para cultivar produtos hortícolas gourmet em grande escala para os restaurantes ou mesmo exportar. Lisboa era perto e conseguia vender

produtos frescos sem grande logística e estava a estudar o assunto da exportação. A ideia andava a fermentar na sua cabeça, fazia algum tempo e, a proximidade com a propriedade dos Ramires ajudava. Quem sabe se um dia conseguia por os olhos em cima de Marta numa das visitas esporádicas que fazia à família. Marta nunca lhe saíra da cabeça mesmo depois de a saber casada. Voltou a atenção para o ecrã do computador e pensou em Maria e em como ela estaria a safar-se com as lojas, sobretudo nesta época natalícia. Não podia deixá-la sozinha mais tempo, não era justo, ela já ajudava tanto, aliviando-o de muito trabalho.

Maria safava-se muito bem sem ele, a cuidar das lojas, e Afonso tinha total confiança em Maria, no entanto, essa confiança resumia-se ao trabalho, em tudo o mais Maria era uma preocupação. Beatriz apesar de não lhes dar problemas, à mãe e a ele, ambos tinham pavor que lhe acontecesse alguma coisa que lhe desgraçasse a vida. Bia era uma jovem temerária que tinha uma vontade enorme de descobrir o mundo - e nisso eram muito parecidas - mas a mãe e ela chocavam-se muito e, amiúde, era Afonso que tinha de servir de árbitro entre as duas. Tinha terminado os estudos secundários e queria seguir os estudos em relações internacionais. O seu maior sonho era trabalhar no estrangeiro, talvez Londres, costumava dizer a jovem.

Londres.

Era lá que ela estava.

Marta. A sua Marta.

- Então filho, já voltaste do rio? – perguntou sabendo que sempre que Afonso estava em Galopim ia contemplar o rio. - Um dia tens de fazer a tua vida sem fantasmas. Essa rapariga ainda te assombra – observou Joana Simões ao olhar para o seu único filho.

- Só o meu coração mãe- respondeu sério. - Assombra o meu coração, mas não contes a ninguém – riu-se. - De resto estou bem. Só tu sabes quem é o meu amor, mais ninguém precisa de saber, dona Joana – e voltou a sorrir com aquele ar enigmático que tanto chamava a atenção do mulherio.

- Não tens vergonha de confessar isso à mãe – provocou-o.

- Não mãe. Agora já não tenho, sou demasiado adulto para esconder algo da minha mãe – disse abraçando-a.

Joana colocou a mão no ombro do filho e sossegou-o. Aquele segredo – que Marta continuava no pensamento de Afonso - morreria com ela. Afonso era um homem bom e justo e o que mais lhe custava era ouvir

dizer que ele esturrara o dinheiro do avô e não estudara. Mentiras, só mentiras. O povo da aldeia falara de Afonso durante muito tempo, até arranjam assunto melhor e mais escabroso, e depois esqueceram-se da sua existência. O povo tinha memória curta, para tudo, felizmente para as pessoas.

- Vou para Lisboa ainda hoje, mãe. Prometo voltar no próximo fim-de-semana e talvez fique mais tempo. Quero só finalizar uns negócios com Espanha e depois fico descansado uns dias, aqui contigo. Tenho umas ideias para as terras da várzea que queria explorar melhor e preciso de fazer um estudo do terreno. Acho que vou voltar a cultivar as terras – disse para a mãe.

- Olha Afonso, ainda sou capaz de cuidar de mim, não preciso que estejas sempre aqui. Eu sei porque vens – atreveu-se a dizer. – Coração de mãe nunca se engana. Mas se queres cultivar as terras, sabes que nada me daria maior prazer, afinal são a tua herança.

Afonso olhou a mãe com dureza. A última coisa que queria era que sentissem pena de si. E parecia-lhe que ela o via como um coitadinho.

- Não me olhes assim. Dá-me pena ver-te, ano, após ano, mês após mês, semana após semana, a rondar a várzea, em busca dela. Ela não volta Afonso. Está casada com um cirurgião de Londres e nem quer saber da família dela. Consta que ela saiu do país para não ter de carregar com a irmã. Aquela irmã é um fardo para ela, sabias Afonso? Ou nunca pensaste que a Marta se tornaria numa pessoa assim? Sempre gostei muito da Marta, mas as pessoas mudam filho. E muito – afirmou convicta do que dizia.

- Mãe! Fica-te mal pensares essas coisas da Marta. Quando eu precisei, ela e a família, sempre me acolheram e lamberam as minhas feridas. Já te esqueceste quando o pai estava naquele estado enlouquecido?

- Não, não esqueci. É verdade que te ajudaram. Mas depois que ela estudou não quis saber mais de ti – disse Joana, na esperança de que ele a esquecesse.

- Isso não é verdade. O pai dela proibiu-a de andar sozinha comigo pela várzea, e eu compreendo. Naquela época eu estava um homem e Marta uma jovem muito apetecível. Ainda bem que nos afastaram. Não sei o que poderia ter acontecido, mas a nossa vida seria diferente hoje se continuássemos juntos e não sei se seria para melhor. Provavelmente seríamos pais demasiado cedo. Tens noção disso?

Joana tinha noção sim, mas qualquer coisa teria sido preferível do que aconteceu depois.

- Sobretudo não tinhas encontrado a Maria. Já seria algo muito positivo – disse não escondendo a antipatia pela mulher.

- Não embirres mais com a Maria, mãe, peço-te. E não vamos falar mais do passado.

- Como queiras. Vou acabar o jantar.

Dona Joana saiu, remoendo as suas mágoas que não podia revelar ao mundo, fechando a porta do escritório atrás de si, e Afonso recostou-se na cadeira de couro macio para repousar um pouco. Houve tempos em que aquela casa era um autêntico manicómio com os gritos do pai e os seus atos de verdadeira loucura a destruir tudo quanto apanhava na frente e a sová-lo quando ele era criança. Por vezes, os gritos ainda ecoavam nos seus ouvidos, mas isso era passado e ele já não estava mais ali, felizmente. Tinha pena do pai e lamentava nunca se terem conhecido noutras circunstâncias. Adérito era um jovem forte e sem medo quando embarcou para Angola ciente que ia ajudar o seu país a ganhar a guerra contra os pretos. Voltou um destroço humano, enlouquecido pelas atrocidades que viveu nos campos de batalha que lhe despertaram o monstro que já existia dentro de si. A mãe tentou convencê-lo a perdoar o pai, com as descrições que fazia dele enquanto ser humano, antes de ter partido para Angola, mas Afonso apenas tinha aquela imagem cravada na mente e era-lhe difícil perdoar tanto maltrato, ainda que o pai não estivesse consciente do que fazia por vezes. Precisou muito de um ombro firme e carinhoso, como agora Bia precisava dele e, jamais iria desiludi-la.



Marta estava finalmente livre do emprego de Londres e isso já lhe valera umas quantas recriminações de Jorge e a promessa que viria pessoalmente buscá-la a Portugal para que ela voltasse ao hospital. Marta foi cordial, mas muito firme na resposta. Londres era um capítulo encerrado e eles os dois também.

- Jorge, não vale a pena perderes o teu tempo comigo. Já tomei as minhas decisões e não volto atrás – respondeu firme.

- Marta! Marta! Não me podes fazer isso!

- Olha Jorge, nem tudo tem a ver contigo, o mundo não gira à tua volta, embora tu te consideres um deus. O que tu não admites é que eu possa decidir por mim sozinha. Não quero esse tipo de vida para mim. Esclarecido? Por mais necessidade que tenhas de controlar tudo à tua volta, a minha vontade e a minha consciência, são minhas apenas. Aceita isso de uma vez! – gritou-lhe.

- Tens um namorado? – insistiu na conversa.

- Não tens nada que ver com isso e não vou responder-te. Quanto à Melissa, fica com ela, nunca reparaste, mas sou alérgica a gatos.

- Marta! – gritou ele do outro lado do aparelho.

- Adeus Jorge. Sê feliz com a tua namorada paquistanesa, com a Melissa e esquece que eu existo. É um favor que me fazes.

Desligou a chamada aliviada de espírito, e restringiu o número para que ele não voltasse a ligar-lhe. Com Jorge tinha de ser assim: cortar a comunicação de vez.

Subiu o Chiado devagar, divagando e observando as pessoas. Os rostos cansados, alguns alegres, outros enigmáticos, mas a maioria sem expressão e caminhando como se fossem formigas em carreiro. Recordou-se, por analogia, do poema do poeta António Gedeão «Luísa sobe a calçada, sobe a calçada Luíza...» e, sentiu-se como essa Luísa, uma Luísa qualquer, a libertar-se da carga do seu mundo carregado de problemas.

O movimento contínuo das pessoas a subirem e a descerem a rua era frenético. Àquela hora do dia todos apressavam o regresso a casa e ao quentinho das lareiras. O inverno chegara em força e, com ele o frio.

Hoje, especialmente hoje, depois da discussão com Jorge, apetecia-lhe um jantar diferente para se compensar, e lamentou não ter passado por um supermercado para comprar um queijo, pão e uma garrafa de vinho tinto para saborear dali a pouco junto à lareira, usufruindo do silêncio da casa e da sua própria companhia. Ainda com o pensamento no seu casamento desastroso, ia vendo as montras decoradas com motivos natalícios e, um enorme queijo da serra da estrela chamou-lhe a atenção numa montra de produtos gourmet.

Ali estava algo que faria as suas delícias e que iria preencher um belo pedaço da frustração acumulada, e contribuir para lhe estragar a silhueta esguia.

Entrou na loja e ficou agradada com a decoração rustica que expunha produtos de primeira qualidade nas prateleiras. Vinhos, arroz, sementes, pão, enchidos, queijos e um sem número de iguarias que custavam os olhos da cara, mas faziam as delícias de quem tivesse bolsas recheadas de dinheiro. Marta olhava para a prateleira dos vinhos quando uma jovem de estatura média, cabelo escuro e olhos verdes, se aproximou dela.

Sentiu um calafrio.

Era um fantasma.

- Posso ajudá-la a escolher? – disse a jovem de forma formal e educada.

- Sim claro... balbuciou sem tirar os olhos da figura atraente da rapariga, surpreendida com a semelhança entre ela e Maria Vargas. A sua amiga Maria a quem perdera o rasto há muitos anos. Um mistério que ninguém se atrevera a desvendar naquela época. Maria desaparecera como por milagre da noite para o dia. Uns diziam que estava presa em casa por estar grávida de um desconhecido, outros que a tinham posto num colégio interno e outros ainda que o pai a tinha matado à pancada e enterrado na areia do rio para não ser preso. Houve quem vasculhasse o leito do rio em busca de um cadáver que nunca encontraram e, várias vezes foram avistadas velas acesas atarraxadas em cima de cortiças a boiar no rio para encontrarem o corpo afogado. Rezava a crença, na boca das gentes do povoado, que a cortiça parava no sítio onde o corpo estivesse. A província era cheia de histórias do folclore cultural. Mas nunca ninguém se atreveu a bater na porta dos Vargas para aferir o que tinha sucedido a Maria.

- Temos este tinto que é leve e frutado, cai bem com um queijo... senhora? Sente-se bem? – perguntou a jovem ao ver a sua cor a fugir-lhe.

Marta empalidecera de repente. Até a voz era igual.

- Sim, desculpe. Vou levar esta garrafa e aquele queijo pequeno – apontou para um queijo em cima da pilha arranjada com requinte.

- Com certeza. Deseja número de contribuinte no recibo?

Ela acenou que sim, procurou o cartão na bolsa e estendeu-lho sem retirar os olhos da rapariga. As semelhanças eram óbvias, mas era uma ilusão. Aquela jovem não teria mais de vinte anos e Maria Vargas era da sua idade, portanto não podia ser ela.

A jovem colocou o vinho e o queijo num saco com logotipo da loja – *Elenco de Aromas, loja gourmet* -, recebeu o dinheiro registou o pagamento e estendeu-lhe o saco e o recibo.

- Tenha um bom serão - disse a jovem educadamente.

- Obrigado...qual é o seu nome? – perguntou como se ainda tivesse esperança que fosse a amiga perdida no tempo.

- Beatriz.

- Boa noite Beatriz, um bom Natal para si.

- Para a senhora também, obrigada.

E ficou com o peito cheio de saudades daquele tempo em que tudo parecia composto na sua vida. Naquela época tinha Afonso e Maria e, hoje, perdera o rasto aos dois.

Marta pegou no saco pousado em cima do balcão de azinho envernizado e virou-se em direção à porta, enquanto Beatriz sorria com a delicadeza da desconhecida e se ocupava de um casal de alemães que entraram na loja.

Marta ia tão absorta nos seus pensamentos que nem reparou na figura masculina que entrara ocupando o espaço com o seu corpanzil.

Um raspar de ombros, um pedido de desculpa e cada um seguiu o seu caminho sem que se apercebessem um do outro e, do encontro que há muito esperavam que acontecesse. Marta saiu para o frio da rua movimentada, e Afonso entrou na sua loja onde Bia atendia os clientes em vez da mãe que se escondera lá dentro mal vira Marta entrar.

Bia deu um beijo a Afonso que lhe afagou os cabelos compridos ao de leve e Maria surgiu de dentro do escritório a compor o avental preto, e começou a atender os clientes que afluíam em grupo à loja, talvez para comprarem os últimos presentes de Natal.

- Viste-a? - perguntou Maria a Afonso.

- Como? – perguntou ele sem entender nada.

- Viste a Marta? Acabou de sair daqui quando tu entraste. Não te cruzaste com ela?

- Quê? A Marta saiu daqui? – perguntou atónito.

Afonso correu para a rua esbarrando nalguns transeuntes. Olhou para um lado, para outro. Correu até à porta do centro comercial Chiado, olhou para o átrio e não a viu e, a correr, desceu até à praça da Figueira sem qualquer vislumbre de Marta. Desistiu. Estava à procura de uma agulha num palheiro e a fazer figura de tolo.

**

Marta entrou na rua do Norte em pleno Bairro Alto e percorreu a rua até casa. Tirou a chave, abriu a porta e subiu os dois lanços de escadas até ao apartamento que tinha alugado há duas semanas. Ligou a moderna lareira *Focus* a gás e foi largar as botas no armário no quarto de vestir. Abriu a torneira da banheira e, distraída, deitou lá para dentro sais perfumados em quantidade suficiente para um banho coletivo. Despiu a roupa lentamente e saboreou aquele momento só seu. Ultimamente sabia-lhe bem um pouco de solidão. Enfiou um pé na água e depois o outro e estendeu-se relaxada na banheira.

Uma hora depois estava mais calma apesar de muito intrigada com a semelhança da jovem com a amiga de infância.

Umas fatias de queijo da serra com pão caseiro de forno de lenha, regado com um bom vinho era tudo o que precisava hoje. Como enfermeira sabia que não estava a fazer uma alimentação saudável, mas, o que menos lhe importava nesse momento era preocupar-se com o que comia.

Há uma semana que estava a trabalhar na clínica e só o facto de estar sozinha sem a sombra de Jorge, a uma hora de distância do ribatejo, era gratificante.

**

- Então? – perguntou-lhe Maria.

- Não vi ninguém. Tens a certeza?

- Sim. Era ela. – disse em surdina não fosse Bia ouvi-los. – Escondi-me lá dentro – disse como se fosse uma criança.

- Para quê? Ela ia gostar de te ver. Perdi uma oportunidade! Sabes há quanto tempo espero por isto? - disse azedo.

- Desculpa, mas não tive coragem. Como é que ia explicar a minha presença aqui?

- Maria! Um dia ela volta aqui, sobretudo se estiver a viver na cidade. A Marta sempre teve gostos gastronómicos requintados. Será que voltou? Estará só para passar o Natal? Vinha com o marido?

- Não, Afonso. Estava sozinha – disse perentória.

Maria tinha pavor que a descobrissem. Nestes anos todos a única pessoa que sabia da existência dela era a mãe de Afonso e, apesar de tudo não a incomodava. Mas morria de medo de que alguém a reconhecesse, embora fosse quase impossível. Ao fim de tantos anos, com toda a transformação que o seu corpo sofrera com o crescimento, era improvável, mas à cautela, ainda continuava a olhar por cima do ombro e, de duas em duas semanas, mudava para a outra loja que Afonso possuía nas Amoreiras, com o pretexto de fazer uma gestão mais eficiente, como se Afonso precisasse disso. Sabia que era uma perfeita parvoíce ter aqueles cuidados para não ser reconhecida, pois um dia alguém iria estar no sítio certo à hora errada e não teria tempo de fugir. Se a família a descobrisse não ia aguentar a rejeição. Tinha pavor de ser rejeitada. Afonso sabia e deixava-a andar à vontade.

- Maria! Se ela aparecer por aqui, não te atrevas a deixá-la ir. Vence a tua vergonha, amarra-a, faz o que quiseres, mas ela tem de ficar até eu chegar – ordenou.

Maria abanou a cabeça, incrédula perante o que ouvia. Como é que Afonso podia querer falar com Marta quando ela não lhe ligava há tantos anos? Não havia volta a dar, os homens deviam ser todos uns palermas de primeira categoria. À segunda categoria pertenciam os outros, nos quais nem queria pensar, esses bem mais perigosos, que lhe podiam despertar paixão. O mais perigoso era Afonso de quem não conseguia desviar-se nem um milímetro mesmo sabendo que não era a eleita da vida dele.



As memórias não paravam de afluir à sua mente. Por mais que tentasse desviar o pensamento, Afonso regressava sempre àquela época em que ela estava perdidamente apaixonada por ele sem se dar conta. As brincadeiras da infância, aos poucos, tinham dado lugar a uma admiração e amor que ela jamais poderia vir a sentir por outro rapaz. Não queria nem podia acreditar nisso. Marta deveria ter casado por desespero – preferia pensar.

Era a sua Marta. A rapariga com que jurara nunca casar quando ela se referia ao assunto nas brincadeiras de criança, mas que desejara mal ela botara corpo de mulher.

Naquela época Marta tinha completado dezasseis anos e sentia-se a rapariga mais feliz do mundo. Nada a desviaria de Afonso e decerto ele iria levá-la a sério a partir dali. Que diabo, com dezasseis anos era uma mulher e, apesar de ele ser mais velho, não se notava a diferença de idades – achava ela -, estava quase da altura dele e as suas formas eram as de uma mulher adulta quando se observava ao espelho. Ele não podia ignorá-la.

Nada a faria supor que naquela tarde de domingo em que esperava que ele aparecesse para deambularem pela charneca, trocarem confidências, beijos às escondidas, e a excitação que os corpos lhe proporcionavam o pai a chamasse à salinha onde arrumava os papéis da quinta.

- Senta-te Marta. Quero falar contigo.

Sentou-se no sofá onde o pai costumava fazer as suas sextas no verão, depois de almoço, e ficou a matutar porque teria ele a cara tão séria. As pernas tremiam-lhe e as mãos estavam suadas. Não tinha medo do pai, mas a sua intuição dizia-lhe que o assunto não ia agradar-lhe e que de alguma forma o pai ia decidir a sua vida a partir dali.

- Marta, como tu sabes, eu e a mãe adoramos-te, és a luz da nossa vida e, não queremos que te aconteça alguma coisa que vá alterar os teus planos de estudar e ter uma vida feliz. Estudar é das coisas mais importantes da vida. Não queiras ter a minha vida, filha. O trabalho do campo é duro e, eu e a tua mãe estamos cheios de mazelas à custa de tanto dobrar as costas com a enxada.

Onde é que ele queria chegar? Pensou Marta, incapaz de perguntar.

- Paizinho, despacha-te que o Afonso deve estar por aí a aparecer e queremos ir...

- É precisamente por causa do Afonso que te chamei. Ele não vai mais voltar aqui. Não te fica bem andares pela charneca e pelo rio com um rapaz mais velho. As pessoas falam filha, e não te queremos falada na aldeia. Ontem chamei o Afonso e falei com ele. Ele entendeu.

- Mas pai! Porque é que fizeste isso? Não podes separar-me do Afonso!

Uma lágrima discreta apareceu-lhe ao canto do olho e a face mostrou a extrema emoção que escoava pela mente.

- É melhor assim. O Afonso é um jovem prestes a entrar para a universidade e tu ainda és muito jovem. Ele vai-se embora daqui a semanas.

- Já sei porque é! Têm medo que eu engravide, é?

E nisto levantou-se do sofá e correu para a rua sem esperar resposta do pai.

Até hoje não sabe se ele lhe iria dizer mais alguma coisa, mas também duvidava que naquela altura tivesse feito a diferença. Quando Sérgio Ramires dizia que não, era não.

**

Marta saiu levemente do transe em que caminhava na rua quando ouviu o chiar dos travões, ao mesmo tempo que saltava para o passeio. Quando pensava em Afonso ficava sempre nas nuvens.

De súbito sentiu o ombro a estalar de dor e acordou totalmente dos devaneios com o passado.

- Desculpe menina – disse uma voz grave.

- Podia ver por onde anda – resmungou ela a esfregar o ombro.

- Peço desculpa mais uma vez, que posso fazer para me redimir?

Marta deixou de massajar o ombro, mais aliviada, e encarou o homem. Estava a ser arrogante, mas custava a habituar-se aos maus modos dos portugueses depois de viver tanto tempo em Londres. Londres não era um mimo de educação, mas as pessoas não andavam aos choques umas às outras na rua. Havia uma certa ordem que todos seguiam, enquanto em Lisboa pareciam caminhar aos ziguezagues.

- Basta olhar em frente, afinal andam mais pessoas na rua – respondeu indignada.

Marta deu com os olhos num homem de estatura média, vestido à executivo e com um rosto bonito. Parecia um yuppie dos anos noventa. Uma figura deveras atraente – pensou. Pena ser um bruto.

- Conheço-te – disse ele de repente com um largo sorriso.

- Não creio – respondeu ela a pensar que tinha chocado com um engraçadinho.

Marta olhou melhor.

O rosto dele tinha qualquer coisa de familiar, mas não se lembrava de onde o podia conhecer.

- És a Marta, filha dos Ramires, não és?

Ela concordou sem entender de onde ele a conhecia.

- Sou o Tiago Vargas, lembras-te?

Marta caiu em si de repente. Aquele era o odioso Tiaguinho, a peste que lhes assombrava a vida na escola quando eram crianças. Que destruiu as lancheiras e arrancava laços de fita da cabeça das raparigas e, mais tarde, na adolescência, tornara-se um bruto igual ao pai. Reconheceu os traços do homem que vira pela última vez quando saiu para estudar na escola de enfermagem, faziam uns bons anos.

- Como vais Tiago? – perguntou apenas por educação. Detestara a criança, o adolescente e o sentimento não se desvanecera mesmo depois de adultos.

- Bem e tu? – perguntou ele a sorrir deveras satisfeito por se ter cruzado com ela.

- Também – respondeu lacónica e séria. Encurtava o discurso para que ele seguisse em frente e a deixasse com o seu passeio de sábado.

Nada ia alterar os seus planos de passear livremente por Lisboa.

- Que fazes por aqui num sábado de manhã? Não estavas em Londres?

Tanta pergunta – pensou Marta.

- Já não.

- Queres almoçar comigo? Podemos pôr as novidades em dia – convidou de repente.

Não considerava Tiago Vargas propriamente um amigo. Mas, passados tantos anos não queria ser descortês. Mas, a última coisa que lhe apetecia era tagarelar com ele acerca da vida, num sábado de manhã depois de tantos anos sem o ver. O passado era para ficar lá no passado. Enterrado, de preferência muito fundo.

- Anda lá – pediu-lhe com carinho. – Sei que não fui propriamente um bom colega de brincadeira e de escola, mas Marta passaram tantos anos... não queria que ficasses com má impressão de mim e eu sei que ficaste.

Admitiu para si própria que as pessoas mudam e que não tinha o direito de estar a julgá-lo com base no que sabia dele do tempo em que eram adolescentes.

- Seja – concordou. - Podemos almoçar no Chiado, estamos aqui perto – sugeriu ela.

- Tinha mais em mente um almoço à beira mar...tenho aqui o carro, em dez minutos estamos sentados a uma mesa, ao sol, e com um bom prato na frente. Por favor? – pediu sorrindo-lhe.

- Está bem – concordou escondendo a contrariedade.

Ele pegou-lhe delicadamente no cotovelo e indicou-lhe que descesse com ele no elevador até ao parque subterrâneo.

Tiago cheirava a perfume caro, vestia roupa desportiva de inverno, também cara, e transbordava charme por todos os poros. Não reconhecia este Tiago.

Para Marta, estar ali a acompanhá-lo até ao carro, era algo que ainda não estava a fazer sentido. Não gostava especialmente de Tiago, nunca gostara e, tinha sido um azar esbarrar com ele na rua.

Na frente deles um carro mercedes preto acendeu as luzes.

- Por obséquio – disse ele abrindo-lhe a porta do carro, como um perfeito cavalheiro.

Eh lá! – pensou Marta. Tiago Vargas tinha mudado imenso. Jamais lhe atribuiria um gesto daqueles.

Ela entrou e teve a certeza de que ele só a estava a tentar impressionar. Um carro de cem mil euros, desportivo, apetrechado com todos os extras, era algo que não imaginava que ele possuísse. Os Vargas não eram propriamente pobres, mas não ostentavam o que possuíam de forma vaidosa. Nunca o fizeram e ou algo mudara, ou ele era mais rico do que ela pensava.

Fosse Tiago Vargas o que fosse, Marta não tinha interesse em saber.

Em pouco mais de vinte minutos o portentoso carro deslizava na marginal em direção a Cascais, até que Tiago virou à esquerda e disse:

- É aqui. Vamos comer um Bife à Portuguesa?

- Pode ser. Há anos que não como essa iguaria portuguesa. E tu que fazes? -perguntou mais para justificar a sua inusitada presença ali, do que

pelo interesse que Tiago lhe despertasse.

Tiago tinha-se tornado num belo homem. Quem diria que o filho do Zé Maluco, se tornaria tão sofisticado!

Tiago não precisava de incentivos para falar de si e, enquanto pedia uma mesa ao sol, ajudava-a a retirar o casaco para que ela ficasse mais confortável e pedia bifes à casa para os dois, derretendo-se em charme e simpatia encetando um discurso acerca das suas proezas.

Tiago era mesmo assim, não perdia tempo e, nesse aspeto não mudara nada.

- Trabalho no mundo da alta finança, num banco, e a minha especialidade é aplicações.

- Tu? Sempre te imaginei a cuidar das terras do teu pai – deixou escapar, como se não o vislumbrasse a fazer mais nada do que a lavrar a terra.

Estava a ser má, reconheceu, mas era uma pequena paga para os puxões de cabelos e as perseguições pela lezíria quando ela brincava com Afonso e a irmã dele, Maria.

Ele gargalhou de forma seca, demonstrando que não achara graça.

- Marta, Martinha...já não sou o mesmo rapazola teu vizinho. Sei que na época tu e o Afonso não tinham boa opinião acerca de mim, mas as pessoas mudam. Certo?

E enfrentou-a na cara com aqueles olhos frios e medrosos que sempre o caracterizaram.

Marta desculpou-se pela frase pouco assertiva e de imediato se arrependeu de estar ali.

- Desculpa, tens razão – disse ela envergonhada.

- Tu própria deixaste de ser a rapariga de província que eras. Olha só para ti. Linda e sofisticada – acrescentou com um ar de macho conhecedor do assunto.

- Hoje vamos desfazer as más impressões do passado– assegurou ele. - Estou apostado nisso e, agora se me dás licença vou lavar as mãos e já volto.

Sempre pragmático e mandão- concluiu ela.

Tiago entrou nos lavabos masculinos e sacou do *iphone*.

- Dulce querida, fiquei preso no trânsito. – disse mal ouviu a voz da chefe do outro lado.

Dulce Moreira era a sua chefe e o mais recente engate, pelo que achou por bem devolver a chamada. Esquecera-se por completo que tinha combinado almoçar com ela e a culpa tinha sido de Marta que lhe surgiu na frente no momento menos oportuno. Mas, jamais deixaria passar uma oportunidade daquelas. Marta Ramires estava-lhe atravessada na garganta desde que tinham dezasseis anos.

- Sei que não ouves som de trânsito..., mas querida... o meu carro é insonorizado. Claro que não vou abrir o vidro para tu ouvires os sons! Está um frio de morte e não quero ficar doente. Vá lá Dulce! Acalma-te! Daqui a três horas estou aí. Vim a casa dos meus pais e demorei-me e agora não consigo sair deste trânsito infernal – mentiu.

Aos poucos foi-se despedindo da amante, mas sabia que tinha os dias contados naquela posição no banco se continuasse a correr atrás de outras mulheres. Dulce não era para brincadeiras, quer no trabalho, quer na cama e, se soubesse que ele andava a saltar de galho em galho, qual macho alfa à procura de outras fêmeas, não lhe perdoaria.

Voltou para junto de Marta com um enorme sorriso. O sorriso que ela lhe conhecia tão bem, ao qual Maria se referia sempre como o sorriso do “quer qualquer coisa” de nós, sempre que Tiago precisava de algo que os colegas tinham, normalmente apontamentos de aulas, ou algum pedaço de lanche.

- E então que fazes por cá? – perguntou ele sentando-se displicentemente na cadeira.

Pergunta cliché de quem está a tentar ganhar tempo - pensou ela.

- Bem...trabalho como qualquer pessoa que tenha emprego neste país estranho.

- Não me digas que fazes parte do grupo de ressabiados que não tiveram oportunidades por cá e foram para o estrangeiro?

Marta franziu o cenho desagradada com o comentário por um lado, mas por outro sabia que o merecia. Por estranho que parecesse, também era o seu país.

Tiago, ao ver a expressão dela, sabia que tinha acabado de *cagar o pé todo*, junto de Marta e nem se apercebeu. Marta detestava espertos como ele. Ele sabia lá o que era querer trabalhar e não ter emprego. Ela também não sabia, felizmente, mas conhecia muitos jovens que estavam nessa situação.

- Na realidade não, não sou ressabiada, mas reconheço que é muito difícil encontrar lugar para trabalhar cá. Eu própria, que tenho quase dez anos de experiência como enfermeira instrumentista de cirurgia, depois de procurar, só arranjei trabalho numa clínica. Os hospitais preferem contratar tarefeiros de quem se livrem quando não precisam. Por isso nós os enfermeiros preferimos ir para Londres.

- Isso é uma critica ao país? – perguntou ele.

- Sim é, e também uma constatação – afirmou enfrentando-o com um olhar duro - Mas e tu, conta lá como chegaste ao...mundo da alta finança?

Na horizontal, podia ele dizer, mas não disse. Ela ia adorar saber, mas não lhe fazia o gosto.

- Depois de me licenciar em Gestão de Empresas, fui estagiar no banco e rapidamente fui subindo de categoria.

Na realidade demorara menos de sete meses. Ainda o estágio não tinha terminado e já ele dormia na cama de Dulce Moreira.

Tiago só não disse que a chefe tinha adorado os seus músculos duros – e não só – e que ao final do primeiro mês de estágio já ela o comia com os olhos, para dois meses depois o devorar literalmente no fim de cada dia de trabalho. Se confessasse que se deitara com uma mulher mais velha do que ele dez anos para manter o lugar no banco, Marta ia achá-lo tão tolo como quando eram adolescentes e ele lhe declarara a sua admiração e amor.

Naquela época, Marta, limitara-se a dizer-lhe que eles não estavam destinados um ao outro. Mas Tiago não entendera e não aceitara a recusa dela.

- E tu porque escolheste essa profissão? Marta tu eras uma artista, pintavas, desenhavas, construías coisas fantásticas com as tuas mãos... como é que...

Marta sorriu finalmente com algum prazer. Nunca o ouvira ser tão simpático.

- Obrigado Tiago, não te sabia tão observador – disse com sinceridade.

- Mas sou. Lembro-me que o Afonso recolhia velharias em todo o lado e, para deixares de o ouvir dizer que um dia ainda valeriam muito dinheiro, transformavas tudo com pinturas e depois oferecias às vizinhas da vila. Autênticas obras de arte – confirmou ele.

- É... já me tinha esquecido que Afonso passava a vida atrás de antiguidades – mentiu.

Jamais esqueceria o prazer que as coisas velhas – objetos, livros, fosse o que fosse que tivesse uma patine amarela fruto do tempo, ou picos de ferrugem, – davam a Afonso. Ainda seria assim? De repente sentiu saudades e desejou que em vez de Tiago, fosse ele a estar ali.

Mas claro que era impossível. Afonso tinha casado, ao que soubera pelas gentes da vila, embora todos desconhecassem quem era a noiva e, devia estar bem na vida, pois raramente retornava à vila. A família de Afonso tinha guardado a identidade da noiva e, até hoje, não sabia o nome da mulher que estava no lugar que devia ser seu desde sempre.

Os bifes chegaram num prato a abarrotar de batatas fritas e molho, aquele molho divino que só a Portugália tinha e, Marta, entreteve-se a saborear a carne macia embebida no molho castanho, observando a marina com dezenas de barcos ancorados. Mesmo com Tiago ali ao lado, admitia que estava melhor em Portugal que em Londres. Ali não corria o risco de ver Jorge e ao menos havia sol. Em Londres teria de se contentar com poucas horas de sol por dia, sobretudo nesta época. No entanto o estado de insatisfação com a vida permanecia e segundos mudou de opinião. Preferia ter almoçado sozinha a...

Porra! A vida é mesmo tramada. Logo hoje havia de tropeçar neste marmelo emproado!

- Em que estás a pensar Martinha?

Aquele *Martinha* punha-a fora de si, desde sempre. Arrepanhou um sorriso amarelo e reteve a vontade de lhe atirar com a garrafa de água à cara, mesmo sabendo que esse pensamento fazia de si uma pessoa menos boa. Mas Tiago sempre lhe despertara o seu lado mais negro.

“Martinha! Martinha!” - dizia sempre como se estivesse a repreendê-la por algo que lhe desagradava. Porque é que nunca achara graça à forma como ele a chamava?

- Estou a pensar que o sol está muito agradável, mesmo com este frio -mentiu de novo. Perto de Tiago tornara-se a pior mentirosa que conhecia. Não se reconhecia.

- Pois está! Por isso te trouxe aqui. Estamos quase no Natal, mas continua bom tempo – respondeu vago de conversa.

De repente o assunto esgotara-se entre eles.

Que linda conversa sobre o tempo – pensou Marta com cinismo. – Pelo menos era inócua, não a obrigava a falar de si própria.

- Onde vais passar o Natal? – perguntou ele para cortar o silêncio.

- Em casa – respondeu seca.
- Que casa? A tua ou dos teus pais? - insistiu.
- Dos meus pais. Claro.

Ele fitou o horizonte e pareceu triste.

- Eu também vou a casa dos meus pais no natal, mas desde que Maria partiu, nunca mais foi a mesma alegria. A minha irmã Sílvia não perdoa ao meu pai o que ele fez e só lá vai uma vez por ano, quando vai – disse com o pensamento distante. – Quando vai é quase sempre nesta época, por causa da minha mãe, e não se demora mais que um par de horas. E eu não sou lá muito chegado à família como sabes.

Marta não sabia, mas ficou a saber e, não gostou daquela confissão que não pedira. Nunca gostara de Tiago, não confiava nele e tinha razões para isso, mas tinham passado tantos anos desde aquela época, que não queria fazer juízos sobre o homem que estava na sua frente apenas baseada no que conhecia da adolescência. As pessoas mudam, sobretudo quando crescem, e hoje ele era um homem feito.

De repente sentiu-se desconfortável. A tarde ia adiantada, o sol baixou de repente e o frio entrou-lhe nos ossos, congelando-a.

- Podemos ir embora? – pediu.

- Não queres ir passear a Sintra? – disse tentando retê-la mais um pouco.

- Não – disse perentória. – Tenho coisas combinadas e não posso desmarcar.

- Claro.

Que porra! – pensou ele. *Também tinha um almoço combinado com a Dulce e não fora. Se bem que foi uma ótima forma de me escapar dela.*

Marta, Martinha! És sempre a mesma, mas desta vez não me escapas vou deitar-me contigo seja onde for.



Antes de Marta sair do carro de Tiago ele pediu-lhe o número do telemóvel. Marta desculpou-se com o facto de estar em Portugal há pouco tempo e ainda não ter comprado um, mas não valia a pena ter mentido daquela forma tão infantil, porque foi apanhada no mesmo instante.

Nas profundezas da sua mochila, o telefone tocou uma música sugestiva e Marta fez um sorriso amarelo, encolheu os ombros envergonhada até à raiz dos cabelos e desculpou-se da melhor forma que conseguiu.

Porra se tivesse aqui um buraco atirava-me lá para dentro.

- É da minha irmã. O telefone. Ela emprestou-mo.

A mentira era pior que dizer-lhe que não queria voltar a vê-lo. Reconsiderou.

- Tudo bem, Tiago... desculpa pela minha falta de educação, mas sabes como é...tendo em conta as nossas diferenças da adolescência...- disse sincera.

Tiago sabia, mas não queria saber.

- Não tem problema, fui precipitado... se não quiseses dar, eu entendo. Mas Marta, passaram tantos anos!

Ela assentiu, rendida às evidencias.

Não valia a pena hostilizar Tiago em nome de uns quantos lanches comidos, uns laços de cabelo arrancados e deitados ao lixo e uns empurrões para dentro das valas de rega, fazia mais de vinte anos. Tiago sempre granjeara inimigos á conta de defender a imagem do pai louco aos gritos e de caçadeira em punho aos tiros, a matar inimigos que não existiam na lezíria. Quando na escola os garotos falavam do Zé Maluco, ele escondia-se de vergonha e depois vingava-se pela calada, quando os outros estavam desprevenidos; desaparecia uma lancheira do saco das merendas e aparecia espezinhada atrás dos canteiros das flores, um boné de marca levava umas tesouradas, os lápis e canetas eram esmagados aos pés juntos no chão do recreio, ou do nada deitava alguém ao chão e jogava-lhe uns pontapés.

Pobre Tiago que sempre lutou com a vontade de ter um pai diferente mas nunca conseguira, nem à custa de pontapés.

Trocados os números e a promessa de Tiago de voltar a convidá-la para sair, Marta enfiou-se em casa com a sensação de que o dia lhe tinha sido roubado à força e ficar com um dia a menos de vida. Podia ser a mais pura parvoíce para se pensar, mas ela estava ciosa do seu tempo a sós e, noutra altura, poderia ter achado piada a ter reencontrado Tiago Vargas tantos anos depois, mas hoje não.

Meteu-se na cama cedo depois de um banho que levasse a sensação desagradável, com a intenção de ir à pesca a Setúbal no dia seguinte. A pesca continuava a ser o seu passatempo favorito pela calma e fusão com a natureza que a atividade lhe proporcionava e, apesar de ter noção que era estranho ver uma mulher sozinha, a pescar à linha ela sempre o fizera, quer no rio, quer no mar. Desde a adolescência que as rochas da praia da Figueirinha lhe conheciam o traseiro pela quantidade de horas que passava sentada nelas à espera de fígar um pequeno sargo, que, orgulhosamente exibia ao pai e depois cozinhava para o jantar. Passava horas à espera de que um peixe mordesse o isco. O pai ensinara-os a pescar, a ela e a Afonso, na época de férias em casa da tia Amélia, em Setúbal, durante duas semanas inteiras no Verão e, diariamente iam àquela praia, de águas geladas, tanto como a arca congeladora lá de casa. Preferia mil vezes pescar que ser obrigada a mergulhar na água fria com o pretexto de fazer bem aos ossos. Marta sempre fora sensível às mudanças de temperatura e tinha mais medo de água fria do que o gato Pompom cuja única motivação de vida era comer os ratos do celeiro.

**

Marta olhou o horizonte. Ao longe avistava Troia e o que restava do antigo embarcadouro que servia os ferryboats na travessia do rio Sado. O mar estava calmo e verdejava com o reflexo da serra. Nunca vira águas tão bonitas como aquelas. Quando avistadas do alto da serra da Arrábida, onde o verde da vegetação lhe dava uma beleza indescritível, como se a água fosse uma esmeralda gigante, a foz do Sado era um paraíso embora a serra testemunhasse crimes e desaparecimentos misteriosos ocasionalmente. Mesmo essa fealdade da vida não lhe tirava beleza e imponência com a península de Setúbal a seus pés. Aquele pedacinho de Portugal, tinha um encanto especial para si, pois testemunhara o seu amor por Afonso, quando

nos últimos anos da adolescência dos dois, Marta e Afonso tiveram consciência do teor dos sentimentos que os uniam.

Estacionou o carro no parque da praia e agasalhou-se com o casaco impermeável. Saiu do carro e sentiu a brisa do mar a despentear-lhe os cabelos, que rapidamente apanhou num coque atrás da nuca, prendendo-os com o chapéu que enterrou pela cabeça abaixo. Preparou a cana, verificou o isco, pegou no saco da pesca e na mochila com os pertences pessoais e caminhou até ao fundo da praia, no seguimento da serra. Havia poucas hipóteses de apanhar peixe. Era inverno, a água estava fria e os peixes não subiam o rio. Mas queria lá saber. Precisava de repetir os momentos bons da vida e essa era uma forma de o fazer.

A praia estava deserta a não ser por umas gaivotas que sobrevoavam o areal e agora se aproximavam curiosas do que aquela pessoa lhes poderia dar de comida.

Do outro lado do parque de estacionamento um veículo todo terreno de cor azul parou. Marta ouviu a porta do jipe, e um cão pastor alemão, saltou lá de dentro, ladrando ao vento, quiçá de contentamento por poder correr em liberdade. O animal fitou Marta ao longe e quando se preparava para correr em direção a ela, o assobio do dono, oculto do outro lado da viatura, conteve-o. O animal estancou junto ao carro, aguardando ordem do dono, e ficou a ganhar mostrando a contrariedade pelo gesto do dono.

Marta olhou de soslaio para se certificar que o cão não se aproximara dela e desceu as escadas de madeira até ao extenso areal. À esquerda havia uma pequena enseada rodeada de rochas e decidiu que era ali que ia lançar a linha ao rio, tal como fizera no passado. O seu inconsciente dizia-lhe que talvez o pescasse de novo. O passado.

A praia continuava deserta e para além daquele recém-chegado apenas o som do mar e as gaivotas que deambulavam em busca de algum pedaço de alimento enchiam o local com os seus pios.

Ajeitou os seus pertences e acomodou-se na pedra. Deu-se ao luxo de levar uma almofada comprada à pressa na loja chinesa umas portas abaixo da sua, para ficar com o traseiro mais confortável. Marta era o protótipo da mulher prevenida.

Lançou a cana à água e esperou, alternando o olhar entre a boia e o horizonte ao largo do rio, observando os ferry's no seu vaivém contínuo, atravessado o rio Sado, de Setúbal até à península de Troia, transportando carros e pessoas. No passado aquele era um passeio que fazia parte das

férias de verão. O rio tinha um ar mágico naquela altura e não o perdera. Continuava a ser o seu cantinho preferido de Portugal.

Ao longe, o homem corria na praia, junto à linha d'água, com o cão a seu lado, ao mesmo tempo que arremessava uma bola e o animal corria a apanhá-la esperando que o dono repetisse o gesto.

Cão e dono pareciam felizes naquela brincadeira e Marta sorriu para si própria deixando-se conduzir para o passado, quando Afonso um dia apareceu com uma cachorrinha bebé de pastor alemão, para ela batizar. Queria que ela fosse a madrinha da bicha.

- Mas Afonso, os cães não têm padrinhos nem madrinhas!

- Esta vai ter. Vá lá Marta! Que mal tem dares um nome à minha cadela?

Na verdade, não tinha mal nenhum. Era até uma honra. Depois de pensar alguns segundos, deixando Afonso em suspense disse:

- Cuca. Pode ser Cuca? A Cuca do Pica-pau Amarelo da televisão, da nossa infância, pode ser? – perguntou.

- Pode – ele concordou. - Marta? O teu pai está por aí?

- Está..., mas ele não vai ralhar-te. Podes ficar. Só não posso sair daqui contigo, sabes isso, não sabes?

Ele assentiu.

- Mas daqui a três meses faço dezoito anos e depois faço o que quiser. – disse ela.

- Nem sempre fazemos o que queremos, Marta. – disse ele cabisbaixo, enquanto lhe perscrutava o olhar para lhe adivinhar os sentimentos.

- Falou o senhor crescido! Que diabos Afonso, agora deste em homem adulto? Olha que só tens mais um ano que eu! – disse ela zangada.

Ele deu uma gargalhada estrondosa.

- Quase quatro, querida – acrescentou com um sorriso. Marta sempre tentara minimizar a diferença de idades, para se sentir mais próxima dele. Não precisava de o fazer. Afonso adorava-a e ela sabia disso.

- Anda, vamos até lá a casa. Coloca a Cuca no chão que os meus cães não a comem, prometo – disse ela, enquanto se dirigiam para casa.

Sem saber como a abordar, Afonso disse um pouco receoso.

- Queria falar-te num assunto..., mas talvez não seja boa ideia. Deixa. Sim vamos. Quero cumprimentar a tua mãe. E então, já escolheste o curso universitário? – perguntou ele enquanto caminhava a seu lado.

- Enfermagem – disse ela. – Quero um curso com empregabilidade.

Ele concordou, mas não conseguiu deixar de alertar:

- Tens é que ser feliz Marta. Imaginas-te a fazer isso o resto da tua vida? A cuidar dos outros? Tens noção do que significa ser enfermeira?

Marta ainda sentia o som dos passos dele, a ecoarem no chão de gravilha retorcendo o pedrisco, enquanto caminhava a seu lado, naquela tarde e a alertava para a escolha do curso. Naquele tempo Afonso já morava em Lisboa há três anos, e o contato entre os dois resumia-se a uma visita anual. Não havia um telefonema, nem uma carta. Marta sentia que Afonso mudara de forma brusca e que naquela tarde fora de propósito para lhe revelar algo. Não revelou e não voltou a vê-lo desde então.

Passaram quinze anos.

Uma gaivota sobrevoou a sua cabeça em busca de peixe. As aves estavam habituadas a disputar o peixe com os pescadores e sempre que alguém se sentava a pescar não paravam de rondar por ali, ora em voos curtos, ora em voos rasantes ao local da boia, com o intuito de roubar o peixe do anzol, numa antecipação do gesto do pescador. Marta enxotou-a com um esbracejar de braços e de súbito sentiu um bafo quente junto ao pescoço. O seu instinto disse-lhe para não se virar. Rodou a cabeça lentamente e, deparou-se com o pastor alemão, em cima da pedra atrás de si. O cão estava estático a olhar para ela. Marta, pensou em gritar, mas conseguiu conter-se. Ficou na posição em que estava, com o pescoço e o tronco torcido, a segurar a cana de pesca, enquanto tentava não entrar em pânico e prever o que o cão ia fazer a seguir.

Onde estaria o dono do animal? Que irresponsável!

Entretanto ao longe, o homem aliviava a bexiga para uma moita de ervas secas, encoberto pela parede do café encerrado na época de inverno, alheio ao paradeiro do animal, e ao facto de estar a ser observado. Não bastava não prender o cão, como ainda estar a fazer uma necessidade em plena rua, o anormal – cogitou Marta.

O cão estendeu a língua, arfando e sentou-se nas patas traseiras, atrás dela. Parecia querer alguma coisa e, ao cheirar o medo de Marta, ganiu. Só então Marta percebeu que talvez conhecesse aquele olhar canino, meigo e velho. Muito velho.



Marta não conseguia chorar. O corpo inerte deitado na cama e ligado aos monitores através de elétrodos ostentava ainda muita pujança e masculinidade. Afonso era o mesmo homem que ela conhecera, apesar de estar mais velho e ostentar algumas rugas em volta dos olhos e nas comissuras da boca.

Afonso respirava auxiliado pelo ventilador, e Marta sabia bem o que isso significava. Estava em coma devido à pancada na cabeça. De resto escapara sem outros traumatismos. Mas ela sabia que ter um traumatismo craniano era pior que ter fraturado uma perna ou um braço.

Alguém tinha de avisar a família. Sim, conhecia-o, dissera ao médico do INEM[4], mas não sabia se ele tinha mais família para além da mãe. Afonso sofrera uma fratura craniana frontal resultando num edema cerebral grave. Não sabiam que danos deixaria.

Identificou-se como família e prontificou-se a ficar no hospital até Joana chegar ao hospital de Setúbal.

Apesar do treino para não se deixar emocionar que a profissão lhe trouxera ao longo dos anos, não a tornara imune ao sofrimento dos que amava. Via o peito de Afonso subir e descer com o movimento da máquina e os monitores a registarem atividade cardíaca e cerebral. Afonso estava vivo, mas por quanto tempo?

Uma lágrima correu-lhe pela face novamente. A vida era estranha. Separou-o dela e voltou a colocá-lo na sua frente, de uma forma tão cruel.

- Como eu te amava...se soubesses o quanto...Afonso fica vivo por favor e, mesmo que tenhas uma esposa e filhos algures, eu não me importo. Só quero que vivas. Podes ser feliz com eles, não me importo. Serás sempre o amor da minha vida...- disse em surdina, com a boca encostada ao ouvido dele enquanto as lágrimas lhe deslizavam na face morrendo no lençol branco que tapava Afonso.

Joana devia estar a chegar, e não queria ser vista, de forma que saiu antes que alguém da família chegasse e a encontrasse à cabeceira de Afonso. Deixou o número de contacto com as colegas de enfermagem e prometeu voltar assim que pudesse. Depositou um beijo leve na face de

Afonso – talvez o primeiro e último desde aquele dia em que ele a visitara na quinta dos pais – e dirigiu-se ao elevador. Mal saiu do quarto da UCI, avistou Joana acompanhada por um dos tios de Afonso que Marta reconheceu de imediato. Lavada em lágrimas, Joana percorria o espaço entre o elevador e o quarto de braço dado com o irmão. Podia consolá-la, mas não sabia se seria bem-recebida ou até reconhecida. Fazia muitos anos que não via a mãe de Afonso e a forma física da mulher não a deixava ter dúvidas sobre isso. Virou-se de costas, fingiu que estava a procurar qualquer coisa dentro da mala e deixou-os passar, mas, ao remexer na mala, achou um objeto que não era seu e só nesse instante percebeu que tinha recolhido os pertences individuais de Afonso de dentro do jipe e que tinha Cuca dentro do seu carro no parque de estacionamento.

Desceu pelas escadas – evitando a espera pelo elevador-, apressada, desejando que a cadela estivesse viva. Com a pressa de acompanhar Afonso até à urgência hospitalar, esquecera-se que recolhera o animal no seu carro.

Cuca estava deitada no banco traseiro do carro, de orelhas murchas e com olhos tristes. Mal sentiu os passos de Marta arrebitou as orelhas, e colocou-se alerta quando ela abriu o carro. O animal ganiu de desespero e cheirou-a. Ela tinha o cheiro da pele do dono.

- Pois é amiga, temos de nos contentar com a companhia uma da outra – disse fazendo uma festa ao animal.

Marta rodou a chave na ignição do carro. Tinha de regressar a Lisboa e tentar dormir alguma coisa. Passava das dez da noite e amanhã tinha de estar na clínica às oito e trinta.

Quarenta minutos depois estava em casa. Levou a cadela pela trela, até casa e deu-lhe o resto de um frango assado que tinha no frigorífico. O animal, esfomeado devorou a carne e sentou-se à espera de mais. Marta suspirou. Não tinha mais comida que lhe pudesse dar e, de repente lembrou-se que tinha de a passear. Será que conseguia segurá-la na rua?

Absorta nestes pensamentos práticos, despertou pelo som de um telemóvel que não era o seu. Vasculhou dentro da mala mais uma vez e encontrou-o. O visor dizia Beatriz, tocava sem parar e incutia-lhe urgência. Fosse quem fosse, tinha o direito de saber o que lhe tinha acontecido. Seria a esposa? Uma namorada?

Marta premiu o botão e atendeu a chamada.



- Onde estavas que não atendias o telemóvel? – disse uma voz feminina, jovem, muito zangada. – Sabes que a mãe fica nervosa quando desapareces! Pai? - disse a voz.

- Desculpe...- disse Marta com receio do que ia descobrir. – Mas o Afonso...

- Quem é você? – ripostou a jovem rispidamente.

- Sou uma amiga de Afonso, de longa data...e você quem é? – perguntou Marta a medo.

- Sou a filha.

- Ah! Desculpe. Mas o seu pai teve um acidente ...

- Um acidente! Onde? Ele está bem? – perguntou a jovem em catadupa.

- Está...quer dizer...olhe, posso explicar-lhe melhor se..., posso encontrá-la para lhe explicar o que aconteceu e devolver-se as coisas dele? Estou em Lisboa e...

- Eu também. Desculpe a falta de educação. Onde quer que vá ao seu encontro?

- Estou no Bairro Alto.

- Em cinco minutos estou aí, estou perto...- respondeu a jovem.

**

Marta ainda não se recompusera das revelações da última hora. Beatriz era filha de Afonso e ao que parecia, a mãe era Maria, a sua amiga de infância, Maria Vargas. Sentiu-se traída no amor que dedicou a Afonso em toda a sua adolescência e vida adulta. Não tinha esse direito, mas não conseguia sentir de outra forma.

- Marta, obrigado por ter ajudado o pai. Agora se me dá licença vou buscar a minha mãe e ainda vamos ao hospital hoje. Talvez nos deixem entrar. Já agora...parece-me que a conheço de algum lado – perguntou curiosa.

- Não creio – mentiu. – Olhe – disse Marta - telefonei há pouco e ele encontra-se estável. Mas vão sim, talvez fiquem mais descansadas. Não é fácil receber uma notícia destas.

A rapariga despediu-se, levando consigo a mochila de Afonso e a explicação de uma desconhecida. Marta nem sequer lhe falou na cadela, nem que conhecia Maria. Esqueceu-se propositadamente para ficar com Cuca mais um dia só para si. O animal fazia parte da vida de Afonso, e seria como tê-lo ali consigo mais um pouquinho. Assim que a jovem Beatriz se afastou, perguntas sem resposta imediata começaram a surgir-lhe na mente. Como é que Afonso casou com Maria sem que ninguém na vila soubesse? Como é que já tinham uma filha tão crescida? Como é que ela não soubera? Como é que...? Não questionou Beatriz acerca dos pais e desviou o assunto dela própria, habilmente. Não queria explicar quem era na realidade. Explicara a Beatriz que fora apenas uma coincidência ir a passar naquele momento. Felizmente a jovem não se lembrava de ela ter entrado na loja no fim de semana e de a ter atendido, embora tivesse ficado com a impressão que a conhecia. Agora percebia porque estavam tão perto. Da casa de Marta à loja que pertencia a Afonso eram cinco minutos a pé.

Deu consigo a pensar no quanto estava iludida.

Afonso jamais se lembraria dela. Restava-lhe esperar que o edema cerebral melhorasse e não deixasse sequelas. Por enquanto tomava conta da sua cadela, o equivalente a tomar conta dele. Ela sabia a importância que aquele animal tinha para ele. E agora que olhava com mais atenção para Cuca, adivinhava-lhe a idade. Bastava olhar para os olhos do animal, já com pouco brilho. Cuca devia ter uns e notava-se que era idosa.

Depois de um resto de noite passado em claro sob o efeito de emoções avassaladoras, tomou um duche rápido, vestiu-se e antes de sair para o trabalho, telefonou para o hospital para saber de Afonso. Responderam-lhe que não havia alterações. Nada de novo a assinalar face ao estado do doente. Com o coração destroçado, receando perdê-lo, saiu para o trabalho.

Mal pôs os pés na rua, avistou um carro conhecido. Lá estava Tiago. Esgueirou-se por entre os outros carros e fingiu que não o viu. Mas Tiago não se deu por ignorado e saiu da viatura, ao mesmo tempo que a chamava. Não lhe restou alternativa senão deixar-se abordar. Faltava-lhe a paciência para os narcisismos de Tiago, mas fez um esforço para ser bem-educada.

- Olá bom dia. Que surpresa te ver por aqui tão cedo – disse ela disfarçando a contrariedade.

- Na verdade esperava encontrar-te – confessou ele. - Queres tomar o pequeno-almoço comigo, antes do trabalho? Só não te telefonei porque pensei que não atendesses – disse Tiago.

Marta pensou que ele acertara. Não atenderia. Mas não o proferiu. Limitou-se a sorrir sem vontade.

- Fui um pouco presunçoso no outro dia e nem dormi a pensar que ficaste com má impressão minha – disse conciliador.

Marta pensou que talvez ele tivesse mudado. Desde quando Tiago Vargas deixava de dormir só porque julgava ter deixado má impressão em alguém?

- Não te preocupes. Não fiquei com má impressão de ti – disse para o confortar, mesmo estando a faltar à verdade, algo que abominava, mas que ultimamente repetia vezes demais.

Tiago tinha um ar perdido quase digno de pena. Outra novidade. Tiago nunca se mostrava perdido, a não ser quando o pai desatava aos tiros na lezíria. Mas isso fora há imenso tempo e as pessoas mudam. Ela mudara, Afonso mudara, Sara mudara e Maria certamente também.

Maria Vargas supostamente desaparecida no mar, levada pelo rio – pensou mais uma vez tentando digerir as últimas revelações.

- Fico mais descansado. Tens um ar triste hoje, estás bem? – perguntou ele.

Marta suspirou. Para quê mentir mais? Estava na altura de enterrar as inimizades da adolescência, mas há dois dias dissera o mesmo e hoje voltara a querer fugir de Tiago.

- Tens razão. Estou triste. Ontem presenciei um acidente e o...homem ficou muito mal - disse não revelando que era Afonso.

- Por acaso não foi o Afonso Simões? – disse a sorrir. - Consta lá na vila que não se safa. Parece que ficou com o cérebro desfeito. Coitado - lamentou parecendo sincero apesar de Marta desconfiar de tudo o que vinha dele.

Marta ficou estarrecida e indignada pela mentira. Como é que ele já sabia? Bem, as novidades, sobretudo as más, corriam depressa, mas aquela estava muito distorcida.

- Não, não foi – voltou a ocultar a verdade. – Mas vocês não eram amigos?

- Não – disse perentório. - Nunca fomos. Tolerávamo-nos. Talvez por tua causa – disse sincero.

Marta começou a mostrar sinais de impaciência. Sentia uma ambivalência de sentimentos em relação a Tiago que a começava a enervar e, para além disso tinha quinze minutos para chegar à clínica. Não era longe, mas tinha de se apressar.

- Tiago, gostei de te ver. Desculpa, mas tenho de entrar no trabalho daqui a minutos.

- Desculpa se te atrasei. Jantamos logo à noite? – deixou cair o convite atabalhoadamente.

- Não posso. Tenho trabalho extra noutro lado, sabes como é, a vida aqui é cara e tenho de ganhar dinheiro – voltou a mentir.

Já mentira mais nos últimos três dias do que em toda a sua vida e a última coisa que desejava era voltar a ter de fazê-lo, por isso, manter-se afastada de gente conhecida era imperioso, sobretudo de Tiago Vargas.

Ele assentiu, não disfarçando ter ficado desapontado, e despediu-se.

Não ia desistir, aos poucos colocava Marta onde a queria. Não, ia desistir.

Marta estugou o passo, desejando que o dia passasse rápido. Mal saísse da clínica ia visitar Afonso a Setúbal e ansiava por esse momento.

Olhou para trás uma última vez quando entrou na rua Garrett com o passo rápido tentando distanciar-se de Tiago. O olhar duro e cínico embateu no ela por uma milésima fração de segundo. Marta sentiu um calafrio, um presságio que deveria desviar-se quanto antes.



O movimento do peito de Afonso indicava que ainda existia uma réstia de vida naquele corpo inerte e Marta olhava-o com um misto de saudade, pena e amor.

Sobretudo Amor. Um amor tão grande que prevalecera ao longo do tempo. Jamais deixara de o querer, apesar de toda a distância que os separou durante anos.

O médico neurologista explicara-lhe que iam deixá-lo em coma induzido mais uns dias até o edema do lóbulo frontal diminuir. Queriam evitar operá-lo, pois podia ficar com sequelas ainda mais graves e, entretanto, administravam medicação intravenosa para que o hematoma cerebral diminuísse.

Estava tudo certo – pensou ela-, Afonso estava a ser cuidado num bom hospital, os procedimentos estavam corretos, mas, o que ela queria era a garantia que ele acordava com a memória intacta para a reconhecer.

Ninguém podia dar-lhe essa certeza, sabia, e o médico também não lhe dera.

Marta esqueceu-se por completo das horas e permaneceu sentada junto à cama, falando baixinho com ele, contando-lhe as histórias de quando eram crianças até ao ponto em que tinha reencontrado Tiago passados tantos anos e em como o amigo de infância estava diferente, apesar de ela, Marta, continuar a ter reservas quanto a ele. Quem nasce torto, tarde ou nunca se endireita – costumava ouvir ao pai – e achava demais Tiago ter mudado tanto, no entanto estava disposta a acreditar nele, contrariando os seus sentidos.

Marta nem deu pela presença de uma pessoa parada entre portas, escutando-a naquele monólogo em surdina e com os lábios tão perto do ouvido de Afonso.

Da porta do quarto, Joana questionava-se quem era a mulher junto à cama do filho. Não queria interromper, mas não podia ficar ali toda a hora da visita e, aproximando-se cautelosamente da cama, quase em bicos de pés, disse:

- Boa noite senhora...

Marta voltou-se desconcertada e deu com os olhos de Joana fixos nela.

Faziam alguns anos que as duas mulheres não se viam, mas reconheceram-se de imediato e Marta corou como não acontecia há anos.

Um sentimento de ridículo invadiu-a subitamente.

Marta levantou-se e dirigiu-se a Joana que de braços abertos a acolheu. As duas mulheres choraram abraçadas uma da outra, sem ruído, com mágoa, e ansiando pelas melhoras de Afonso.

- Eras a última pessoa que esperava encontrar aqui Marta- disse Joana limpando as lágrimas com um lenço retirado à pressa do bolso do casaco.

- Eu sei Joana, mas... bem... fui eu que o encontrei na estrada ontem, e...olhe sinto-me responsável por ele. Não queria deixá-lo aqui sozinho – desculpou-se antes que Joana desatasse a fazer perguntas.

As duas sentaram-se e Joana apertou as mãos de Marta nas suas. Naquele instante Marta percebeu como sentia saudades daquela mulher que fizera parte da sua vida até ao fim da adolescência de uma forma intensa e por vezes dolorosa.

- Ele sentiu tanto a tua falta. Se soubesses como. Ainda te procura pela lezíria sempre que vai a casa. Ele não me diz, o meu Afonso é um poço de segredos, forte como um touro, mas eu sei que ele alimenta a esperança de te ver a correr pela lezíria como quando eram crianças.

Marta não conseguiu segurar as lágrimas e largou as mãos de Joana para limpar as lágrimas.

- Pobre querido que sofreste tanto toda a tua vida – disse Joana afagando-lhe o rosto, deixando as lágrimas soltas livremente.

Marta estava inconsolável, no entanto custava-lhe acreditar que ele a esperasse. Afonso era casado e tinha uma filha e, Joana sabia isso muito bem, no entanto não podia abafar o que nutria por ele.

- Não pode ser Joana – disse enquanto limpava a face molhada. - O Afonso tem uma esposa e filha. Não pode ser...- murmurou. – Também eu nunca o esqueci e, parece que o destino nos juntou de novo, mas não pode ser – abanou a cabeça incrédula -, estávamos os dois na praia, naquela tarde, e não nos reconhecemos. Só a cadela me reconheceu, passou tanto tempo...a propósito, a Cuca está em minha casa.

Joana deixou-a falar. Deus sabe o quanto o filho tinha sido prejudicado por acolher Maria Vargas e a filha dela em segredo. Nenhuma mulher se aproximava pensando que eles eram um casal. Maria fazia

questão que as pessoas pensassem isso, marcando território sempre que alguma mulher se aproximava e Afonso não o desmentia, mesmo sabendo que isso não era verdade. Parecia uma maldição na vida do filho, aquela mulher. Joana não gostava de Maria, pelo mal que ela fizera à vida do filho embora por vezes sentisse que estava a ser injusta com os três. Afonso era homem adulto e sabia defender-se. Mas não era justo continuar com aquela mentira, embora por vezes pensasse que Afonso usava Maria como escudo contra a aproximação das outras mulheres, ou até que Maria exercia um poder qualquer sobre ele, levando-o a fazer o que ela queria. No que tocava àquela relação do filho, nada era claro para Joana.

- Marta ouve-me, Afonso não é casado com Maria. Nunca foi. E Beatriz não é filha dele. Ele recolheu Maria quando o pai a pôs na rua. A vila inteira pensava que ela se tinha suicidado, ou o pai a tinha matado à pancada, mas ela fugiu de casa. Estava grávida e até hoje ninguém sabe quem é o pai da jovem. A família dela não a quer ver, nem nunca viu a sua filha, mas sabem da existência dela. Fingem que não sabem, entendes? Embora tenha dúvidas se a pobre da Palmira sabe que a filha está viva.

Marta manteve-se quieta e muda. Não sabia se entendia tudo aquilo.

- Afonso... ele esteve sempre à tua espera, filha – completou Joana.

Marta deixou deslizar as lágrimas pela face de novo, não acreditando no que ouvia. Que sentido aquilo podia fazer? Como é que ele a esperara a vida toda se afinal, tinha cuidado de Maria e da filha?

Não, não acreditava em Joana.

Joana estava a ser bondosa com ela. Mas não precisava. Já era demasiado crescida para aguentar saber que os dois amigos de infância tinham feito uma vida juntos, tal como ela fizera com Jorge durante um tempo, e só tinha de aceitar isso.

Afastou-se ligeiramente, assoando o nariz e deixou que Joana se aproximasse mais do filho, ficando a observá-los.

Joana beijou a face do filho já com dois dias de barba, e enxugou uma lágrima com um lençinho. Se ficasse sem ele a sua vida deixava de fazer sentido. Fora por ele que sobrevivera aos anos em que Adérito estava incapaz de conviver com ela e com o filho, enlouquecido pela maldita guerra, que deixara estropiados e meio enlouquecidos, grande parte dos homens que o regime político de Salazar enviara à força para as colónias portuguesas. Adérito maltratara tanto aquele filho que sempre temeu que ele um dia se revoltasse e o matasse.

Joana olhava para Afonso e via traços do pai. Não podiam ser mais parecidos fisicamente e, no entanto, a guerra do ultramar separou-os em vida. Mesmo depois de Adérito ter melhorado com os medicamentos, Afonso, olhou sempre o pai com desconfiança e, quando aconteceu o acidente, houve alturas em que pensou que o filho estava aliviado pela morte do pai. Era tarde demais para os dois. A infância do menino ficara assombrada pelos fantasmas do pai e o homem adulto, recusava-se a perdoar o passado. Tinha esse direito.

A fronte negra e macerada do embate no vidro do carro, ostentava a palidez dos mortos e Joana estremeceu como se a morte estivesse ali, à espreita, para levar o seu menino.

Entre mimos, lágrimas e confidências, passara uma hora em que Joana revelou grande parte da vida de Afonso a Marta, mas esta não se alongou em pormenores sobre a sua. Qualquer coisa lhe dizia que Joana nunca aceitara o casamento de Afonso, ao ponto de o negar, bem como à neta. Uma pitada de desilusão surgiu-lhe no coração, acerca da mulher que ela outrora amara e admirara pela coragem e determinação em defender o filho, mas, hoje à distância de muitos anos, não conseguia ver a mesma Joana. Quem estava ali a dizer-lhe que Afonso e Maria não eram um casal, era uma mãe ressabiada, não era a Joana que ela conhecera. Marta não queria ter nada que ver com o assunto. Assim que Afonso estivesse livre de perigo, desaparecia do mapa de novo e, agora que sabia que a loja onde comprara o queijo e o vinho era dele e de Maria, iria cuidar para não passar nas imediações.

Horas depois Marta voltou a Lisboa deixando Joana no hospital a cuidar de Afonso. Doravante tinha de ser mais cautelosa nas suas visitas. Não podia correr o risco de voltar a cruzar-se com Joana ou outra pessoa ligada a Afonso. Se ele escapasse ileso do traumatismo considerava isso a maior benesse que alguma vez recebera da vida, mas mantinha a firme ideia de não se aproximar dele. A última coisa que desejava era meter-se entre ele e Maria. Quisera o destino ou a sorte - tinha dias que não acreditava nem num nem noutro -, que a vida juntasse os dois e não seria ela a separá-los.

Já em cima do rio Tejo, na ponte 25 de Abril, o telefone tocou dentro da sua mochila. Sobressaltou-se e saiu do devaneio em que mergulhara desde que se fizera à estrada, compenetrada na condução e nos pensamentos. Ignorou o telefone. Quando chegasse a Lisboa logo via quem

lhe telefonara. Passava das vinte e duas horas, não devia ser importante. Falara com a mãe durante a tarde e estava tudo bem lá em casa com Sara e com o pai. Não revelara à mãe ter sido ela a encontrar o acidente de Afonso, e nem pretendia fazê-lo. Quando menos ela soubesse menos se preocupava, já que Teresa desenvolvera ao longo dos anos e à medida que envelhecia, uma propensão para recear que uma desgraça lhe caísse em cima.

**

Marta combinara com Beatriz entregar a cadela junto à loja do Chiado, mas àquela hora da noite achou conveniente deixar essa tarefa para o dia seguinte, pelo que pegou no telefone para enviar uma mensagem à jovem a desmarcar a entrega do animal. Cuca sentou-se aos seus pés, ganindo com a falta do dono e, enquanto ela digitava a mensagem Marta acariciava a cabeça da bicha. Era incrível como os animais nunca se esquecem das pessoas e Cuca, apesar de não a ver há tantos anos, continuava a ser-lhe tão fiel como quando ela e Afonso a passeavam pela lezíria das poucas vezes que ele voltou a Galopim. Recebeu a resposta de Beatriz e desligou o telefone. O que precisava neste momento era de dormir – caso conseguisse – e, pela manhã resolvia o assunto Cuca.

**

Beatriz estava pontualmente junto à entrada da loja, tal como combinara com Sara e Cuca mal a viu, arrastou Sara com ela até o focinho frio do animal roçar as mãos da jovem. Com aquele sorriso cândido tão idêntico ao da mãe e, estendendo as mãos para livrar Marta da trela da cadela, Beatriz recebeu o animal, afagando-lhe o dorso e deixando-a lambe-lhe as mãos.

- Ela estava com saudades tuas – disse Marta enquanto observava a dupla a cumprimentar-se.

- Crescemos as duas juntas – acrescentou Beatriz.

Marta sabia que sim. Maria tinha desaparecido algum tempo depois de ela ter visto a cadela pela última vez e de Afonso ter partido para estudar na capital. Jamais lhe passaria pela cabeça que Afonso recolhera Maria em sua casa.

- E Afonso, o dono da cadela, como está? Espero que esteja melhor.

Beatriz forçou um sorriso amarelo de quem sentia a falta do pai e disse:

- A mãe diz que continua em coma, mas logo ela vai vê-lo ao hospital. Foi uma sorte a senhora ir a passar quando ele se despistou. Agradecemos-lhe muito tudo o que fez pelo meu pai e pela Cuca.

- Não foi nada que qualquer pessoa não tivesse feito – e nisto, emocionada e tentando disfarçar, jogou a mão ao bolso e retirou o *iphone* do Afonso, entregando-o a Beatriz.

A jovem voltou a agradecer e fez menção de entrar na loja. Marta baixou-se, fez uma festa na cabeça de Cuca e mentalmente desejou voltar a ver o animal. Cuca olhou-a um último instante com os olhos meigos de animal que reconhecia quem lhe queria bem, e entrou na loja à ordem de Beatriz.

Da porta, Sara pareceu-lhe ver o cabelo longo e escuro de Maria apanhado num rabo-de-cavalo a espreitar pela porta dos fundos. Antes que Maria saísse de dentro da loja – mal sabia ela que Maria não queria ser vista –, Marta afastou-se da porta da loja, estugando o passo calçada acima.

Sentiu o telefone a vibrar no bolso do casaco.

- Mãezinha! Está tudo bem? – disse ao atender.

- Marta, querida, claro que está. Mas o teu ex-marido já telefona para cá há um par de dias à tua procura. Diz que tu tens o telefone desligado.

Marta parou um pouco junto à montra da pastelaria lembrando-se que devia ir beber um café para ganhar energia e ao mesmo tempo digerindo em segundos a notícia que a mãe lhe dava. Só lhe faltava Jorge no seu encalce também.

- Não mãezinha, apenas mudei de número de telefone, como sabes. Não quero ter mais nada a ver com ele e muito menos que me incomode. Por favor mãezinha, não lhe dê este número.

- Não...não dou..., mas Marta, ele disse que vem a Lisboa procurar-te. Diz que sabe onde estás e que estás em dívida com ele.

- Deixa-o mãe. O Jorge é apenas um idiota muito certo que é o rei do mundo. Se ele vier logo vejo como faço para o enxotar, não é a primeira vez que temos problemas deste género.

E nisto engoliu o café já frio.

Despediu-se da mãe e saiu para o ar frio do final de novembro, contrariando o desejo de rumar ao hospital de Setúbal e passar o dia na cabeceira de Afonso, olhando-o e matando as saudades de tantos anos de ausência e falando com ele.

Mas não podia. Aquele não era o seu território e Afonso já não era nada seu. Podia ser o seu amor – um amor secreto e recalcado -, mas não podia ser o homem da sua vida, esse, ainda estava para aparecer – ou não – porque, depois do fracasso do seu casamento, duvidava da sua disponibilidade para aturar homens narcísicos como Jorge, ou mesmo Tiago. Acima de tudo queria preservar a sua paz de espírito, nem que para isso tivesse de abdicar do amor. Depois de Afonso sempre tivera um dedo podre para escolher homens. Até hoje acreditava que qualquer força maior que ela, a desviara de Afonso e que ele não lhe estava destinado. Portanto, iria remeter-se ao silêncio, pedindo a todos os santos de todas as religiões que o salvassem de morrer e o mantivessem junto da família que construía e o amava. O tempo deles, ficara lá atrás no passado e não podia ser retomado.



Maria Vargas estava um assombro quando saiu do carro. Vestido justo verde garrafa e botas castanhas de meio salto, afinavam-lhe as pernas bem torneadas, enquanto o longo cabelo negro e os olhos verdes, realçavam a pele morena. O rosto denotava apreensão, mas só para quem a conhecia bem, os outros, eram incapazes de vislumbrar o que lhe ia na alma. A vida, ensinara-lhe a duras penas a camuflar o que sentia.

Sacudiu a farta cabeleira negra por cima dos ombros e agasalhou-lhe no casaco grosso que retirou do banco de trás do Audi. O vento frio que batia na colina onde o hospital estava situado, fê-la estremecer. Tinha receio do que ia encontrar. Não estava preparada para perder a proteção de Afonso que em todos estes anos, a protegera dos olhares malévolos das gentes da vila ao ponto de, ao fim de tanto tempo, esquecerem que ela alguma vez existira.

Aos trinta e seis anos já devia ter-se desvinculado dele e o ordenado que ele lhe pagava como gerente das lojas era mais que suficiente para viver sozinha com Beatriz, com bastante conforto, para além de que Afonso a mimara com uma casa em seu nome, e um carro a cada quatro anos. Mas como ele nunca a mandara embora, ia ficando e usufruindo do estatuto de esposa que os clientes e fornecedores de Afonso lhe atribuíam, embora não fosse verdade de todo. Há algum tempo que aceitara que Afonso não a queria como mulher, mas mesmo assim não perdia a esperança. Que diabo ele era lindo e apesar de viver fechado numa redoma, sabia que ele era muito homem.

Maria entrou no elevador com a memória naquele beijo que um dia lhe arrancara num momento de distração e carência afetiva. Um beijo que podia ter sido diferente, mas que tinha uma sombra fantasmagórica entre eles: Marta e o passado.

Ele sabia. Embora nunca lho tivesse confessado, ele sabia que ela o amava fazia tempo e, por mais que ele atribuísse esse amor, à gratidão do que ele fizera por ela naquela época quando fugiu de casa, Maria sabia que era apenas uma desculpa para se afastar dela.

Saiu no piso da UCI[5] e procurou o quarto onde lhe indicaram que ele estava. Pela vigia de vidro transparente viu que Afonso não estava sozinho.

Sentada ao lado da cama estava Joana. Seria esperar demais que ela não estivesse ali.

Os olhos das duas mulheres encontraram-se e mal entrou Maria reconheceu a face bonita e com rugas que outrora fizera parte da sua infância. Incapaz de a encarar baixou o olhar e avançou pelo quarto, balbuciando um «boa tarde» tímido.

Joana respondeu com indiferença e permaneceu sentada na única cadeira que existia no quarto.

Nunca gostara de Maria Vargas e não ia mudar de ideia só porque o filho tivera um acidente. Eles eram adultos, mas ninguém lhe tirava da cabeça que Maria chantageara Afonso com alguma coisa para que ele assumisse a paternidade de Beatriz e cuidasse delas.

Em silêncio e sentindo a tensão no ar, Maria aproximou-se da cama de Afonso e observou-o com mágoa, ajeitando-lhe o lençol junto à face intumescida pelo hematoma e, não conseguindo conter as emoções as lágrimas correram-lhe pela face.

No mesmo instante Joana levantou-se da cadeira e desfez a dobra no lençol que Maria tinha feito. O despique entre as duas mulheres estava instalado, mesmo em circunstâncias tão inusitadas. Maria sabia que a mãe sempre fora um entrave para que Afonso se aproximasse dela como mulher e, apesar de viver protegida por ele há vinte anos, sentia-se uma usurpadora de um lugar que não era o seu. Aquele lugar era de Marta – pelo menos no coração de Afonso -, mas Joana não tinha nada que ver com a vida do filho e de uma vez por todas ia acabar com aquilo. Era tempo de aquela mulher a respeitar. Levantou o queixo delicado e enfrentou o olhar acusador de Joana.

- Eu sei que a senhora não gosta de mim, mas olhe, também não morro de amores por si. No entanto estamos aqui as duas e tenho a certeza de que ambas gostamos muito dele. A senhora é mãe e eu sou a mulher...

- Não és mulher dele! – disse Joana quase em surdina.

- Não me deixou terminar dona Joana! – ripostou Maria.

Joana encolheu-se por dentro e reconheceu que a jovem tinha garra. Aprendera ao longo dos anos a defender-se de uma família de gente doida e não se deixava pisar à toa.

- Dona Joana! – disse firme. - Quer queira, quer não queira, eu e o Afonso temos uma ligação. Sim, não sou mulher dele, mas olhe, só porque ele não quer. Não sou uma qualquer, e respeito muito o seu filho, como homem e como pessoa. Ele não me ama, mas não me impede de o amar e, isso é problema meu, portanto, pare de desfazer no que eu faço, porque ele precisa de nós as duas – disse assertiva. Maria teve orgulho na sua resposta. Que se lembrasse nunca tivera tanta coragem na vida, a não ser quando bateu à porta de Afonso, naquela noite em que o pai a colocou na rua.

Joana respirou fundo e conjecturou em silêncio se revidava ou não. Aqueles olhos verdes dos Vargas, olham para ela com fúria. Mas a mulher já idosa não se ficou.

- Mereces uma resposta Maria. É verdade que não gosto de ti. Sabes porquê? Porque a vida do meu filho está empatada desde que te recolheu grávida, há vinte anos. Apesar de a tua filha ter o apelido dele e ele se assentar por pai, eu sei que tu carregas um segredo contigo. O segredo da paternidade dessa rapariga é algo que eu não sei, mas tenho a certeza que o pai não é o meu filho.

- A senhora não sabe do que fala dona Joana. A vida do Afonso, e a minha, corre bem. Não há segredo nenhum. Porque é que o Afonso não pode ser o pai da minha filha? A senhora está enganada! Afonso é o pai de Beatriz.

- Não estou não, Maria Vargas! Tu tinhas pouco mais de quinze anos quando desapareceste da aldeia e o meu Afonso tinha acabado de sair de lá para estudar em Lisboa. Ele era um rapaz tão ajuizado que não ia meter-se contigo. Ele afastou-se da Marta naquela época por ser ainda tão nova, ia querer-te a ti? E olha que ele já a amava nessa época. Não - negou. - A mim não me enganas. Mas não vou discutir mais contigo, o meu filho precisa que eu esteja calma.

Embrenhadas na defesa do homem que as duas amavam à sua maneira nem deram pelo sinal dos monitores. Só quando uma enfermeira entrou no quarto é que perceberam que algo se passava.

- O senhor Afonso mexeu as mãos. Os sensores indicaram – disse a enfermeira enquanto verificava as leituras dos aparelhos.

- Graças a Deus! – exclamou Joana com as mãos postas em sinal de agradecimento ao divino, a quem venerava acima de tudo. Joana era uma católica convicta e recorria às suas orações desde sempre.

- Graças a ele que é um lutador – disse o médico. - O doente está a começar a acordar. Vamos deixá-lo descansar. Ele parece agitado. O cérebro está muito agitado – informou o médico enquanto verificava os sinais vitais de Afonso.

Maria olhou para Joana com rancor. Se ela não a tivesse confrontado, não tinham discutido e Afonso continuaria a dormir, descansando o cérebro, como era suposto. Fora a discussão das duas que o agitaria.

- Vão-me desculpar, mas tem de sair. Vamos fazer uma avaliação do estado do doente. Podem esperar lá fora na sala que assim que terminarmos levamos-lhe notícias – disse a enfermeira enquanto ajustava monitores e mais enfermeiros e médicos chegavam ao quarto.

Joana beijou a face do filho e, com a esperança espelhada no rosto enrugado pelas agruras da vida, saiu sem esperar por Maria dirigindo-se à sala de espera e rezando para não ter de aturar a mulher. Oxalá se fosse embora – desejou olhando-a de soslaio. Quando Afonso acordasse queria falar-lhe de Marta e de como ela o tinha socorrido. Maria seria um entrave àquela conversa, para além de ser um empecilho na vida do filho. Nunca fora mulher de rancores, nem de ódios, mas aquela rapariga provocara-lhe uma reação visceral de cada vez que se cruzara com ela e, por mais que tentasse perceber de onde lhe vinha tanto ódio, não conseguia entender. Com o coração de mãe a soçobrar perante o estado do filho encostou a cabeça à parede e recostou-se na cadeira da sala de espera fechando os olhos.

Por entre as pálpebras semicerradas viu Maria cruzar o corredor em direção à saída. Um arrepio de frio trespassou-a – apesar do aquecimento da sala – e a sensação que qualquer coisa maléfica, vinda das profundezas do inferno tinha passado por ela, paralisou-a por um bocado. Joana sentiu o peso dos seus setenta anos de muito sofrimento e trabalho. O seu estado físico era cada vez mais débil com o passar dos dias, mas o acidente de Afonso deixara-a de rastos. Desde ontem que já imaginara várias vezes que o ia enterrar e confrontava-se com emoções que não sabia ser capaz de sentir, ou de suportar. Não ia sobreviver ao filho. Não tinha forças para tal. Lentamente as lágrimas escaparam-se dos olhos, correndo em fio pela face. Precisava de descansar a mente de tanto sofrimento.

Mal fechou os olhos de novo na tentativa de descansar o cérebro por demais cansado, surgiu na sala a enfermeira que ficara a cuidar de Afonso. O coração de Joana disparou sem controlo e as pernas levantaram-se sem

que as dores que normalmente a acompanhavam se fizessem sentir. Os olhos arrasaram-se de lágrimas mais uma vez e ao fechar as mãos sentiu as palmas húmidas e as pernas a fraquejarem.

- Senhora Joana...- disse a enfermeira.

- Não! Não pode ser! – gritou.

O grito ecoou pelo corredor do hospital.



Teresa já sabia que quando Marta trazia aquele semblante algo de grave se passara. Era do conhecimento da vila que Afonso Simões, tivera um acidente grave e escapara por milagre. Os gritos de Joana soaram até à casa mais próxima segunda as gentes da terra. A pobre mãe, não aguentava perder mais ninguém, muito menos um filho. Teresa sentiu compaixão ao ver a filha com aquela sombra de tristeza no olhar e ficou na dúvida se haveria de abordar o assunto.

Decidiu silenciar-se sobre Afonso e esperar por melhor altura.

Durante o que restou da tarde fria de inverno, Marta atascou-se na lama dos caminhos pela lezíria e revisitou os locais de brincadeira onde outrora ela, Afonso, Tiago e Maria brincavam em crianças. Mais tarde esse mesmo cenário serviu de palco a coisas mais sérias – como o namoro inocente que ela e Afonso viveram até que o pai a proibiu de se encontrarem -, e também acontecimentos proibidos sequer de pensar.

De volta da lareira, na sala, assistiam a um documentário da guerra do Vietname e por incrível que pudesse parecer, Sérgio não pediu para mudar de canal. Marta pensou que com o tempo as feridas do pai no que respeitava à guerra, começavam a sarar. Por respeito com o pai, qualquer cenário de guerra, não era bem-vindo em casa. Teresa estava sentada no meio das filhas, tendo um braço estendido por cima de cada uma. Os seus dois tesouros estavam ali, protegidas e perto dela.

Imaginou o que Joana estaria a passar neste momento e arrependeu-se de ter deixado morrer a amizade das duas depois que Marta e Afonso se afastaram.

Marta mexeu-se irrequieta. Pensava em Afonso, e também em Jorge e em como este invadia a sua vida sem que o desejasse. Jorge não a amava. Jorge apenas se amava a ele próprio, mas não tolerava uma perda. Não tolerava que Marta não quisesse mais estar sob o jugo dele.

- Filha, não queria aborrecer-te, mas o Jorge telefonou de novo hoje. Queixou-se que tu não o atendias – disse Teresa cautelosa.

- Pareces bruxa, mãe. Estava precisamente a pensar nele e em como esta história já chegou ao limite da minha paciência. Já lhe disse que não voltava para Londres.

Sara aconchegou-se no braço do sofá, desviando-se do abraço da mãe, cansada e sem interesse pela conversa da mãe e da irmã preparando-se para dormir.

Teresa reparou no cansaço da filha e reagiu.

- Sara, vai dormir, querida. Deves estar cansada.

Sara abriu os olhos a custo, perante o olhar deliciado de Marta que agora via a irmã com outros olhos e beijou as duas na face, para de seguida se recolher à doçura dos seus lençóis.

Marta viu-a subir os degraus até ao primeiro andar e olhou para a mãe. Sorriu. Teresa sorriu-lhe também.

Marta quase adivinhava o que a mãe lhe podia dizer e Teresa antecipou-se.

- Ela é feliz filha. Não tem consciência das suas limitações e isso é uma bênção. Não te preocupes.

Marta abanou a cabeça em sinal de concordância. A irmã era mais feliz que ela, embora fosse portadora de uma deficiência intelectual. Irónico. Estava a ser parva e um tanto ressabiada – reconheceu. Claro que Sara não tinha noção que algo de errado se passava com ela, e ainda bem que era assim.

- Sim mãe. Ela é feliz...já eu...

- Parece que depois da tua paixão adolescente por Afonso, não acertaste com nenhum homem, filha. Que raio de coisa é essa com Jorge? Parecia um homem tão gentil e educado!

Marta sabia muito bem ao que a mãe se referia. Também ela se deixara conquistar pelo charme de Jorge.

O ar interrogativo da mãe, não a impeliu a responder, pelo contrário. Resguardou-se no silencio como fazia tantas vezes e sorriu para não a alarmar mais.

- O teu pai já se arrependeu milhões de vezes de te ter proibido de namorar com o Afonso. Ninguém me tira da cabeça que foi essa atitude que fez com que tu partisses do país e até tivesses casado com esse pavão vaidoso do Jorge.

Marta destapou uma gargalhada mal contida para não acordar o pai que dormitava no sofá em frente ao televisor.

- Só mesmo tu, com as tuas apreciações mordazes me fazias rir mãezinha. Acho que o defines muito bem. Pesa a seu favor a parte profissional, senão seria um verdadeiro traste. Imagino que deve estar por aí a aparecer tal como ameaçou. Mas já perdi o medo de lidar com ele. Não vai conseguir convencer-me a voltar. Mas, mãe, mudamos de assunto. Sabes quem eu vi há dias?

- Não me digas que foi o Afonso?

Marta estremeceu.

- Como é que sabes?

- Não sabia. Mas agora já sei. Isso foi antes ou depois do acidente?

- Ah! Então já sabem por aqui! Foi durante o acidente...fui eu que o socorri – confessou.

E durante algum tempo explicou à mãe como o tinha visto na praia, como o encontrou espetado contra as rochas da serra em estado grave, a tentar evitar uma vara de javalis. Como esse encontro tinha mexido com ela e o encontro com Joana no hospital.

- Não sei se ele fica sem sequelas do traumatismo craniano. Coitada da mulher e da filha – lamentou.

Teresa franziu o cenho ao mesmo tempo que esboçava um bocejo mal contido.

- Mulher, e filha! Deves estar a fazer confusão. Toda a gente sabe que o Afonso nunca casou.

- Casou.

- Com quem?

Marta ia referir o nome de Maria Vargas, mas ateve-se a tempo. Qualquer coisa lhe dizia que as pessoas não sabiam que Maria estava viva, de boa saúde e era mãe de uma linda rapariga, juntamente com Afonso.

- Não conheço. Alguém de Lisboa.

- Estranho a Joana nunca ter mencionado o casamento do filho e o nascimento dessa neta. Há qualquer coisa de muito estranho nisso tudo.

Pois havia. Mas não era ela que ia escarafunchar na vida dos outros.

- Pelo que entendi a Joana não gosta da nora. Mas nem quero saber disso. Só quero que Afonso se recomponha – disse para encerrar o assunto.

Uma hipótese começava a martelar-lhe a mente. Mas não queria nem pensar nisso. Não podia ser. Era demasiado estapafúrdio para que fosse verdade. Hoje chegava a duvidar do que vira há vinte anos. Na época era

muito jovem e deveria ter sido a sua imaginação muito fértil que fabricou aquele acontecimento.

- Mãe, vou descansar. Estou extenuada. São tantos problemas e emoções novas que sinto o cérebro a desligar. Boa noite mãe. Boa noite paizinho- e fez um afago no braço do pai ao passar por ele.

Sérgio mal se sentara no sofá adormecera a acusar o cansaço de tantas horas de trabalho nos campos. Na sua idade ainda era muito ativo e Marta sabia que no dia em que ele não pudesse cultivar aqueles hectares de terra herdada de gerações, uma parte do pai morreria.

Ao subir as escadas até ao quarto, invejou a relação duradora dos pais. Não eram um casal perfeito, mas quem sobrevivera a uma guerra e aos traumas que os homens de lá trouxeram, ao nascimento de uma filha com deficiência e à partida repentina de uma filha mais nova zangada com os pais, demonstravam muito amor um pelo outro.

Na realidade não tinha o mínimo de sono. Escapou-se de perto da mãe porque teve receio de não conseguir guardar os pensamentos para si. Teresa sempre tivera uma habilidade para a fazer falar em coisas que ela queria guardar. Mas desta vez não ia ceder, não ia abrir a boca para falar de algo que era apenas uma suposição a nascer no seu cérebro. Não tinha o direito de levantar suspeitas que só pertenciam à sua imaginação. Aprendera que na vida existiam grandes coincidências e, o que observara naquela tarde deveria ter sido isso mesmo: uma coincidência, ou, quiçá, uma partida do seu cérebro. Fosse o que fosse, não era para colocar em voz alta.



Ao abrir os olhos, Afonso deparou-se com várias pessoas à sua volta, e deduziu que as batas brancas fossem de pessoal médico. Os olhos e a cabeça pesavam muito, mas sentia as pernas e os braços.

Uma enfermeira, apertou-lhe a mão com cuidado enquanto o médico ajustava o sensor pegado na sua têmpora.

- Vai continuar aqui mais umas horas, senhor Afonso – disse o médico referindo-se ao minúsculo objeto.

Afonso assentiu abrindo e fechando os olhos. Estar inteiro e consciente, era um prémio que não esperava, depois do acidente.

- Recorda-se do que lhe aconteceu? – perguntou o neurologista enquanto lhe examinava os olhos um a um, com uma lanterna minúscula.

Abanou a cabeça com cuidado. Claro que se recordava. Só não sabia quem eram aquelas duas mulheres ao fundo da cama.

- E o que foi? – perguntou o médico. - Ninguém sabe porque o encontraram espetado nas rochas da serra da Arrábida.

O médico apenas queria que ele falasse. Queria avaliar se o paciente ficara com aquela função cerebral intacta ou não.

A boca sabia-lhe mal e a língua parecia encortiçada, mas, ainda assim, tinha de contar.

- Foram os javalis – disse com a voz rouca. - Uma vara deles saiu-me da direita, de dentro da serra, e não tive tempo de travar, sem os matar a todos. Guinei o volante e embati nas pedras. Foi impossível fugir...- disse de forma entrecortada.

Satisfeito com a resposta o médico sorriu. A memória estava bem.

- Até me admiro porque é que não existem mais acidentes, com os javalis. A serra está empestada com tantos animais. Imagine que até já aparecem nas praias e na cidade. Mas o senhor Afonso, está livre de perigo. Vai ficar mais uns dias para a nossa neuropsicóloga lhe fazer uma avaliação e depois pode voltar para a sua mulher e filha – disse olhando para as duas mulheres que sorriam para ele. As duas desconhecidas.

- Mas...eu...não sou...

E, antes que pudesse completar a frase, a mulher ainda jovem aproximou-se, mostrando que já esperara muito, e dirigiu-se a ele de braços abertos.

Afonso sentiu os braços dela a rodearem-no e a face encostada à sua e encolheu-se. Os olhos bateram na mãe, do outro lado da cama de hospital, de pé e com as lágrimas a correr pela face.

Tentou desvencilhar-se dos braços da desconhecida, mas estava difícil.

- Querido, ainda bem que acordaste. Vamos levar-te para casa em breve. Eu e Beatriz estamos cheias de saudades tuas.

Sem perceber a conversa da mulher que não parava de se colar a ele, Afonso dirigiu o olhar à mãe e com olhos de súplica disse:

- Mãe, onde está a Marta? E a Cuca?

Quase de súbito a jovem mulher saltou da cama onde estava sentada e franziu a testa. Não queria acreditar.

- Afonso sou eu! Não me reconheces? Sou a Maria, a tua esposa.

Joana manteve-se quieta e muda, afagando a mão do filho.

- Deve haver um engano. Não me lembro de ter uma esposa – disse Afonso a sentir-se exausto.

O médico olhou para as duas mulheres e disse:

- Parece que temos de lhe dar mais um tempo. A memória por vezes chega aos poucos, não o cansem, por favor.

- Mãe, e Marta? Ela estava aqui. Ouve-a a falar comigo.

- Não sei filho...

Joana para evitar arranjar mais confusões optou por responder assim. Sabia que o filho retivera na memória as visitas de Marta e as longas horas que ela passara com ele a falar-lhe, mas não ia revelar a Maria Vargas que Marta esteve sempre ali. Ela não tinha nada que ver com a vida do filho. Quanto mais depressa o tirasse do hospital e o levasse para Galopim melhor. Maria não ia atrever-se a aproximar-se e Afonso ficaria livre para se acertar com Marta. Nos últimos dias Joana perdera a censura interior de pensar que estava a ser má ao querer afastar aquela mulher do filho.

- Doutor, quando posso levar o meu filho para casa?

Maria Vargas chispou o olhar em direção a Joana. Afonso notou a crispação entre a mãe e aquela estranha, mas estava ainda muito confuso para ter uma reação apropriada, de modo que ficou a olhar, na expectativa do que poderia acontecer. Sentia-se como um garoto indefeso, disputado

por duas mães, sendo que uma delas lhe fez recordar a história de Pôncio Pilatos no episódio bíblico. Por mais que revolvesse a sua mente, ainda sonolenta, não sabia quem era aquela estranha que reclamava direitos sobre ele.

Pacientemente o médico explicou que Afonso ainda iria ficar mais uns dias em observação e que seria entregue à família direta, pelo que se fosse preciso iria exigir documentação dos parentes para decidirem que se responsabilizava pelo doente. Nisto, e perante o olhar indignado de Maria, entra pela porta outra figura feminina, mais nova, e que se dirige a ele com um grande sorriso.

- Papá! Que bom ver-te acordado! – e a estranha dá um beijo sonoro na face de Afonso que se encolhe por dentro mais uma vez.

- Bia!- exclama Maria. – Que vieste fazer?

- Ora mãe, imaginei que precisasses da minha ajuda, estou certa?

- Mas quem pensas que és Maria Vargas! Não tens qualquer direito sobre o meu filho. Quem vai levar o Afonso para casa sou eu! Ouviste? – gritou-lhe Joana, já sem qualquer paciência.

- Minhas senhoras, ou se acalmam ou serei obrigado a pedir à segurança que as convide a sair. Não se esqueçam que o paciente acabou de acordar do coma. Precisa de descanso.

Afonso sentia-se cada vez mais baralhado e os olhos fecharam-se contra a sua vontade. Entrara por um túnel negro apertado, sem volta e que o sugava cada vez mais para o seu interior. Ouve a mãe a gritar de aflição, mas depressa deixa de ter noção de si.



- Maria Vargas, não passas de uma empregada do meu filho, portanto, não vejo onde estão os teus direitos – diz Joana, já fora de si depois de Afonso cair outra vez no esquecimento.

- Calma, minha senhora, a minha mãe, é alguém da confiança do papá! Não pode tratá-la assim! – disse Beatriz tentando apaziguar as duas.

- Compreendo que o trates por «papá», foi ele que te criou, mas a tua mãe não é mulher dele, minha jovem! Nunca foi, que eu sei bem do que falo. Aproveitou-se do bom coração que o meu filho tem...

- Isso não é verdade, a minha mãe tem trabalhado imenso ao lado dele! Mãe, diz qualquer coisa para te defenderes!

- Não vale a pena Beatriz. Anda – e tentou arrastar a jovem encolerizada, para fora do quarto.

Afonso fora colocado a dormir de novo pelo médico, por precaução. Explicou o procedimento às três mulheres presentes e aconselhou-as a resolverem o assunto fora dali. Joana negou-se a arredar pé de junto do filho e Maria e Beatriz, depois desta última responder em defesa da mãe, ausentaram-se, com um sentimento de terem sido escorraçadas de perto do homem que as protegia há muitos anos.

**

Havia vários dias que Tiago Vargas tentava contactar Marta, sem que ela o atendesse. A obsessão pela mulher que em tempos o repudiara, estava a ocupar grande parte dos seus pensamentos diários.

Dulce Moreira, não era fácil de enganar e sabia avaliar muito bem, quando um dos membros da sua equipa, não estava de corpo e alma no trabalho. Ora, como dormia diariamente ao lado de Tiago, já há algum tempo que lhe adivinhara a inquietude e a distração de alguém que está com o pensamento noutro lugar. Não era parva e, apesar de não querer levantar ondas, sabia que havia mulher na história.

Tiago não perdia por esperar. Já acontecera o mesmo com outros homens com quem mantinha casos. Dulce sabia que era uma questão de tempo até eles se fartarem dela e do corpo que já não ia para novo, mas que diabos, pagava-lhes fortunas, bem podiam ser mais cuidadosos. No

entanto ia só fazê-lo sofrer um bocadinho para ele perceber o que perdia se a traísse.

- O meu «bichano», anda muito arredio? Passa-se alguma coisa que eu deva saber? – disse ela dependurando-se no seu pescoço.

Tiago vociferou em silêncio. Ora porra, como é que ela percebera que ele andava distraído com outras coisas. Apertou-lhe as nádegas como ela gostava e mergulhou o nariz do pescoço já a dar sinais de flacidez, sem grande vontade. O que um homem não fazia por dinheiro e posição.

- Minha gatinha, sabes bem que não, só tenho olhos para ti – disse meloso.

- Tão cliché Tiago Vargas! Tenho a certeza de que já não gostas... - murmurou até ele lhe tapar a boca com um beijo incisivo, duro e com agressividade.

Sexo era sexo e tanto fazia, ser com Dulce, ou com outra qualquer, por isso lançou mãos e boca à obra e, ao primeiro sinal de tesão, arrastou-a para a cama de novo, abrindo-lhe as pernas e mergulhando o sexo na sua humidade. Dulce revirou os olhos, estremeceu e deu graças a deus por se ter metido com ele. Aquele homem sabia fazer uma mulher feliz como nenhum. Não se podia arriscar a perdê-lo. E quando ele a possuiu, com toda a sua virilidade generosa, uivou às paredes do quarto, extasiada com a sensação. Depois do trabalho, o sexo era o seu segundo afrodisíaco, pelo que escolhera sempre os seus amantes, entre os seus subordinados, para os ter à mão. Uma saída de trabalho a visitar um cliente, num hotel marcado previamente, fazia o dia correr bem melhor e de seguida os negócios ficavam mais fáceis.

Tiago retirou-se dentro dela, recolheu o preservativo, e entrou no chuveiro do quarto com a sensação de missão cumprida. Abriu a torneira de água fria e deixou o choque térmico aclarar-lhe os pensamentos. Dulce tinha fama de implacável e ele não podia correr o risco de a dispensar. De futuro tinha de redobrar os cuidados.

- Meu bichano, vou na frente, como sempre – disse saindo do apartamento.

Tiago acenou afirmativamente. Dulce era exigente com a manutenção das aparências. Jamais daria motivos para falatórios e, embora todos falassem à boca pequena na predileção da diretora por jovens com metade da sua idade, ninguém conseguia indicar quem eram os sortudos que usufruíam de uma conta bancária muito apelativa, facultada por ela. Dulce

Moreira, era a quarentona – havia quem apostasse que estava nos cinquenta –, mais cobiçada pelos homens da alta finança, no entanto, nenhum entre eles se podia gabar de a ter comido. No mundo da alta finança todos a temiam. Era hábil a estrangular empresas e a adquiri-las por um preço muito abaixo do seu valor, criando impérios num abrir e fechar de olhos. Dulce era a economista mais cobiçada da banca, paga a peso de ouro, e Tiago sabia bem com quem lidava, pelo que nunca mais se atreveria a desafiá-la.

Mas, no entanto, os pensamentos era algo que lhe pertencia só a ele, portanto deixou a figura de Marta afluir, enquanto se vestia. Estava doido por vergar aquele corpo lindo e delicado contra um colchão de cama, ou, à falta de melhor, podia ser o banco traseiro do seu carro, ou mesmo a parede escura de um beco de Lisboa. Marta tinha de lhe pertencer.



Joana podia finalmente descansar o corpo, embora não conseguisse pregar olho. Afonso estava livre de perigo e em poucos dias estaria em casa sob os seus cuidados. No entanto, uma dúvida subsistia: seria o mesmo homem desenrascado para a vida como antes? O médico não podia afiançar que ele não ficara com sequelas do traumatismo, até porque ele não reconhecera Maria Vargas e a filha e, apesar de lhe ter dado um certo prazer ver aquela serigaita que gostava de provocar os homens quando era miúda, não ser reconhecida pelo filho, a preocupação era maior que tudo o resto. No passado, vezes sem conta alertara Adérito para o perigo que era deixar Maria Vargas aproximar-se demasiado. A miúda parecia ter o diabo no corpo desde que, muito cedo, botara figura de mulher. Aos treze anos, tinha o mesmo corpo de hoje e a mesma falta de amor próprio. Procurava nos homens mais velhos, a substituição do pai que não lhe ligava mais que o tempo para lhe dar dois tabefes na cara, quando achava que o devia fazer e aos poucos, por conta do comportamento tornara-se no falatório da aldeia, até que um dia desaparecera.

Deixou-se cair pesadamente no sofá da sala junto à lareira que a Dona Vicência – a vizinha que a ajudava a manter a casa limpa – deixara acesa antes de sair e os seus olhos pousaram no móvel em frente. Os três álbuns guardados religiosamente enfeitavam parte do velho armário que há cinquenta anos fizera a inveja das vizinhas. Ninguém tinha um móvel daqueles e uma televisão. Mas Joana, a mulher do Adérito Simões, tinha. Adérito Simões era rico nos padrões da aldeia.

Joana levantou-se, esticou as costas e aproximou-se. O branco era o do seu casamento com Adérito. O azul continha todas as fotos de Afonso desde que nascera até entrar para a escola, e o castanho, forrado a tecido, era o álbum que ela criara com as fotografias que Adérito enviara do ultramar, e que ela organizara com esmero, como surpresa para quando ele voltasse. Puxou o álbum da prateleira e voltou a sentar-se à lareira. Era doloroso reviver aqueles momentos, sobretudo porque o seu amado homem já não estava ali com ela. Por vezes pensava que não deveria tê-lo amado como amou. Adérito era o homem mais ciumento que conhecia.

Até do filho tinha ciúmes. Afonso passara uma infância horrível por conta do mau feitio do pai. Mas ele era o seu homem. Nunca conhecera outro. Será que esse argumento era suficiente para justificar nunca ter protegido o filho como devia, dos maus tratos do pai?

Folheava o álbum e comprovava mais uma vez o quanto ele fora bonito. Afonso era a cara do pai, mas suplantara a beleza máscula de Adérito. Adérito era alto, ombros largos, e um sorriso lindo. Aquele sorriso encantara-a para o resto da sua vida e, mesmo quando lhe diziam para ela fugir que ele matava o filho com pancada, Joana achava que ele ia mudar. Adérito estava endoidecido pela guerra e um dia caía em si.

E quem, dos homens que lá foram, não estava? Perguntava-se. Mas nem todos matavam os filhos de pancada. A guerra não era desculpa, diziam-lhe os irmãos quando a tentavam convencer a abandonar o marido por causa dos maus tratos ao filho.

O pensamento fugiu-lhe para o passado distante.

Dona Aurora, a sua mãe, adorava Adérito, de tal forma que fez questão que ela o namorasse. Naquele tempo Adérito era considerado um bom partido, um homem com futuro e com bens para herdar. As terras dos Simões, eram cobiçadas por muitas raparigas, no entanto nem todas tinham estudos como Joana. Joana fizera o magistério primário e ia tornar-se professora quando conheceu o jovem Adérito Simões.

Lá estava a foto da cobra e do crocodilo. Ele e uns cinco homens seguravam uma jiboia morta, ao longo do seu comprimento e, na foto ao lado, o mesmo grupo pousava junto a um enorme crocodilo morto a tiro de metralhadora. Se fosse hoje era considerado um ato de barbárie contra a natureza, mas naquela época, anterior a 1975, era uma proeza. Soldado que era soldado e homens com *eles no sítio*, matava um daqueles bichos abundantes pelas selvas africanas, para mandar a foto para as madrinhas de guerra, comprovando a sua bravura.

Joana passava as folhas lentamente. Ali estava o seu Adérito com o alferes Ramires e com o sargento Antunes, tisonados pelo sol de Guiné, e com o peso da guerra nos ombros embora mostrassem um grande sorriso. Como a vida pode ser enganadora. A guerra transformara o seu homem num monstro.

Dois meses depois, de receber aquelas fotografias, chegava um aerograma a dizer que Adérito terminara a comissão na Guiné e vinha de

férias à metrópole. Quando soube a notícia já ele vinha no barco a caminho de Lisboa.

Sentia um frio na barriga só de pensar em ver aquele homem bonito e sorridente. Se o amor era aquilo, podia dizer que amava o seu homem. Decerto ele teria muitas madrinhas de guerra[6], mas a namorada era ela.

Ela era a escolhida.

Hoje duvidava que ele a tivesse escolhido pelos melhores motivos. Passada uma semana de receber as fotos, Adérito dera-lhe o primeiro desgosto.

O comboio estava atrasado quase uma hora, mas Adérito prometera telefonar para a venda dos Oliveiras quando embarcasse no comboio e não o fizera. As duas famílias estavam na plataforma, junto ao cais de embarque, ansiosos por verem chegar o bravo soldado que escapara aos “turras” e às malvadas minas que ceifavam vidas. Mas a espera não dera frutos. Adérito não viera no comboio. Desembarcaram três dos filhos da terra que estavam na sua companhia e foi com o coração apertado que viu Manuel do Freixo, aproximar-se.

Os olhos apaixonados do jovem soldado raso, olharam-na com um misto de amor e pena:

- Ele seguiu para o Porto. Tem lá uma madrinha de guerra que foi ver – disse-lhe Manuel.

Preferia ter sabido da sua morte. Talvez não lhe doesse tanto. Agradeceu, baixou o olhar, para não enfrentar o olhar de pena dos vizinhos e rumou a casa.

Manuel era apaixonado por Joana fazia anos, e foi com algum prazer que lhe deu a notícia que o seu namorado preferia outra. O recado – e o que ele tinha subentendido – estava dado. Joana percebera perfeitamente que Manuel o fizera por despeito, mas não deixava de ter razão. Se mandasse no seu coração, esqueceria Adérito para sempre.

Manuel estava a dizer-lhe que mais valia ter aceite o seu amor, porque ele, Manuel, nunca a trataria dessa forma.

Adérito Simões era o soldado que apanhara um esquentamento mal pusera os pés em África e se enrolara com quantas pretinhas com mamas duras e rabo redondo que por lá encontrou, ignorando os avisos dos colegas de que algumas estavam doentes e serviam todos os soldados da companhia.

Joana estava muito enganada quanto ao homem que escolhera para namorar, mas não queria ver a realidade. Suspirou, passando a folha do álbum. Como teria sido a sua vida se o marido não tivesse ido à guerra e não se tivesse entregado à bebida?

Com o álbum aberto sobre as pernas envoltas numa manta, a memória recuou mais uns bons anos e recordou aquele ano em que decidiram casar. Nesse ano estava doente, sem que os médicos descobrissem o nome da maleita que a impedia de trabalhar por longos períodos. Casaram em 1975, oito meses depois da guerra terminar e quando Adérito já não corria perigo de ser mobilizado outra vez para alguma província das colónias portuguesas depois de ter completado três comissões de guerra nas colónias portuguesas.

A noite de núpcias passou-a no hospital com cólicas abdominais e um abcesso vaginal que a impedia de ter relações com o marido. Desinteressado de uma mulher que não lhe servia, Adérito foi festejar o casamento com os amigos, bebendo até de madrugada. Joana tinha vinte e três anos e a esperança que todas as jovens alimentam ao longo da adolescência: casar e ser feliz ao lado do homem por quem se apaixonara.

Tudo foi tão diferente que ainda hoje lhe custa a aceitar que a vida é tão injusta com as pessoas. Quando voltou para casa, com o aviso que fizesse dieta de lacticínios e não tivesse relações até a incisão que fizeram para lancetar o abcesso estivesse cicatrizada, encontrou Adérito alcoolizado e a receção não foi a que esperava. Tomou-a à força e naquele instante, viu a romantização da sua primeira vez, tornar-se numa coisa dolorosa e traumatizante. Rebentou-lhe os pontos da incisão e destruiu-lhe o prazer sexual para sempre. Mas o amor, manteve-se. Jamais deixara de o amar.

Depois, nos dias, meses e anos que se seguiram, Joana passou o tempo a dar aulas, nas escolas primárias da região, e a tentar manter as terras de Adérito a produzir, com a colaboração do capataz. Entre o álcool e as escapadas de casa dias inteiros e por vezes semanas desaparecido, o marido pouco estava em casa. O senhor Joaquim era o homem de confiança que fazia as sementeiras e as colheitas, sem que o patrão precisasse estar presente e Joana ia dando as ordens.

Mas quando Adérito ficava sóbrio sentia-se humilhado, porque era sustentado pela mulher e substituído pelo empregado de confiança nas suas funções de patrão. Voltava a beber. Mais e mais.

Muitas vezes Joana percebeu que estivera a um passo de ser surrada por Adérito. Ele não suportava que ela fosse bem-sucedida. Adérito Simões era um merdas, mas um merdas com categoria. Embebedava-se todos os dias na taberna da vila, mas fazia-o com estilo: de camisa branca e calças de fazenda cinzentas, como qualquer janota cheio de dinheiro todos os dias rumava à taberna, apoiado na muleta que o mantinha equilibrado pela falta da perna direita. Joana sabia que ele era a chacota da vila e da vizinhança, pelo facto de ser um bêbado, mas continuava a ser um homem muito bonito.

Em 1980, Joana engravida de Afonso, numa noite em que ela a tomou à força e, a partir desse dia o calvário que suportou foi o pior de toda a sua vida com o marido.

Joana sacode os pensamentos. Recusava-se a deixar-se envenenar pelo passado. Passa mais uma folha do álbum e os seus olhos posaram numa foto em particular. Adérito estava com o braço por cima duma negrinha que não devia ter mais que treze anos e que ele lhe explicara que era a sua lavadeira quando a companhia estava no mato. Adérito tinha vinte anos na altura e os olhos brilhavam em direção ao rosto da miúda. Joana sempre ouvira falar na pele de seda das negras e que os homens não conseguiam resistir-lhe, mas aquela era criança ainda.

Um arrepio trespassou-lhe a espinha. Aconchegou o cobertor às pernas e fechou o álbum.

O telefone fixo tocou.

Estremeceu de novo e levantou-se o mais rápido que as suas pernas cansadas e idosas lhe permitiram.

- Teresa! Que bom ouvir-te amiga. Estava para aqui a ver o «álbum» do meu Adérito e a divagar. Sim, o Afonso está bem melhor. Dentro de dias vem para casa. É só o tempo de fazer mais exames.

Teresa ouviu a campainha da porta com bastante ênfase e desculpou-se com Joana.

Abriu a porta e na sua frente estava alguém que não era desejado.

- Jorge! Que fazes aqui?

- Como vai Dona Teresa?

E colocou-se em posição de forçar a entrada, sem mover um músculo que fosse. Só a presença dele intimidava e Jorge tinha consciência disso, experimentara a sensação ao longo dos anos a lidar com pessoas, e orgulhava-se dessa sua capacidade.

Teresa afastou-se e deixou-o entrar. Aquele homem não trazia coisa boa consigo.



Há mais de uma hora que Teresa ouvia um desfiar de mentiras, mais ou menos compostas, sobre a sua filha. Que Marta lhe era infiel, sempre fora. Que Marta lhe gastava o dinheiro sem qualquer regra. Que Marta tinha um transtorno mental, e que ele como médico e marido...

- Ex-marido – retificou Teresa.

Só a queria ajudar - reforçava ele. Que Marta assim, assado, cozido, frito.

Teresa, não se sabia com tanta paciência desde o tempo em que os homens tinham voltado da guerra. Quando Marta conheceu Jorge no seu último ano de faculdade, já ele um médico formado, simpatizou com o homem e teve quase a certeza que era o marido certo para a filha. E, essa «quase» certeza, era apenas a reserva que as mães têm em relação aos namorados das filhas, e só porque são suas filhas. Mas, naquela época e durante os primeiros anos do casamento deles, achou que Jorge era o homem ideal para tirar Afonso da cabeça de Marta. Afonso desaparecera e nunca mais dera sinal de si, desde a época que a Maria Vargas desaparecera, morta naquele rio que por vezes levava consigo os menos felizes arrastando-os até ao mar, e aquela miúda era muito infeliz, a bem dizer. Todos lá na vila sabiam disso.

Teresa respirou fundo, olhou Jorge nos olhos – não tinha medo das ameaças dele – e pegou-lhe nas delicadas mãos de cirurgião.

- Filho, Deus é testemunha da fé que coloquei no teu casamento com a minha Marta. Mas Jorge, ela não te quer mais e tens de aceitar isso. Se lhe concedeste o divórcio, já sabias isso, ou não? Hoje em dia o casamento acaba quando uma ou as duas pessoas não se amam mais – e olha que eu acho que as pessoas desistem com muita facilidade, e nem te vou explicar porquê -, mas tenho a certeza de que a minha Marta não te ama. Pensa em refazer a tua vida com outra mulher Jorge, para que os dois possam ter paz.

Se Teresa pensava porventura que ele iria acatar aquele discurso de mãe enternecida pela sua cria, estava muito enganada. Jorge sorriu, com

aquele sorriso maravilhoso, remexeu-se na cadeira, esticando as pernas com elegância e disse:

- Não existe mulher nenhuma no mundo que eu queira. Só a Marta. E só me divorciei para que ela visse a asneira que estava a fazer. Onde é que a sua filha vai arranjar um partido como eu? Dona Teresa, por favor relembre-me qual o endereço dela...

- Desculpe Jorge, mas a Marta pediu-me que não to desse.

Ele levantou-se notando-se os músculos tensos nas calças justas e, olhou Teresa com desdém disfarçado.

- Pior para a Marta. Ela não pode fugir de mim a vida inteira. Foi um erro ela partir de Londres. Ela sabia bem que era a minha instrumentista, e a minha mulher. Tem de voltar.

Baixou-se à altura da face de Teresa e beijou-a, como sempre fazia. Um beijo que mais parecia uma ameaça.

- Adeus Teresa. Meta juízo na cabeça dessa sua filha. Ela sabe que eu sou um homem sério.

Teresa sentiu a animosidade a crescer e não conseguiu reprimir a vontade de perguntar:

- O que queres dizer com isso Jorge?

- Nada Teresa...- e enfiou-se no carro desportivo, alugado, dizendo ao mesmo tempo:

- Gostei de a ver. Está com bom aspeto.

Teresa ficou a vê-lo dobrar a esquina da rua e, assim que o deixou de avistar pegou no telemóvel e premiu a tecla de acesso rápido. O seu coração de mãe inquietava-se, mesmo sabendo que a filha era adulta o bastante para lidar com Jorge.

Do outro lado da linha apenas se fez ouvir o sinal de chamada.

**

Quando Marta olhou para o ecrã do telemóvel viu uma chamada perdida da mãe e uma mensagem de Tiago Vargas.

Ignorou as duas.

Limpou-se com a toalha macia e pegou no creme corporal espalhando uma boa camada pelas pernas, depois pelos braços e finalmente pelo resto do corpo. Enfiou um robe leve e aproximou-se da lareira acesa.

Eram vinte e duas horas e a única coisa que o seu corpo reclamava era uma boa noite de sono.

O ecrã do telemóvel iluminou-se de repente. Era Tiago.

Sabia que ele não desistia, por isso atendeu.

- Marta! És a mulher mais difícil de contactar – aquele reparo fez com que se arrependesse de atender.

- Tenho estado muito ocupada – defendeu-se. – Estás bem? – perguntou para disfarçar a rudeza com que respondeu.

- Claro querida. Estou sempre bem. Estás livre na sexta à noite? Pensei que poderíamos jantar os dois...

Marta respirou fundo. Aquele «querida», apesar de se ter tornado habitual, ainda a incomodava.

- Está bem Tiago. Podemos combinar. Nada de sofisticado, já sabes como eu sou.

- Claro. Não te vou desiludir. Marta...

- Tiago, agora vou dormir estou exausta. Sexta-feira falamos – cortou o assunto antes que se arrependesse de ter aceite o convite.

Tiago parecia diferente, mas responsável, gentil, e porque não lhe dar o benefício da dúvida. Já poucos amigos restavam da sua infância. Maria morrera, Afonso talvez ficasse sem memória e estava tão assustada com os últimos acontecimentos que ele parecia-lhe ser a única pessoa com quem podia falar do passado, da vida deles lá na lezíria e das famílias.

Encostou a cabeça na almofada, estendeu-se pela macieza dos lençóis e fechou os olhos na esperança de que o sono viesse rápido.

Um rosto surgiu-lhe na mente. O da jovem a quem entregara o cão. Era tão parecida com a amiga de infância que quase parecia a sua reencarnação.

Um friozinho de desapontamento percorreu-lhe a mente para a arrefecer. Sentia-se traída, embora não tivesse esse direito. Jamais lhe passaria pela cabeça que Afonso se fosse interessar por Maria e, agora que pensava no assunto, a jovem só podia ser filha dele. Os olhos e a boca carnuda eram iguais, não poderiam mentir.



Dulce Moreira fingiu não perceber que Tiago lhe mentira. Em breve descobriria quem era a jovem que ele andava a fornicar e depressa lhe arrumava com o jogo. Há muito tempo que era assim e, ela sabia que ele era demasiado ambicioso para prescindir da posição no banco, o preço a pagar se terminasse a relação com ela. Com os conhecimentos de Dulce, Tiago dificilmente conseguiria trabalho em algum banco, ou mesmo na bolsa como corretor. Dulce era implacável com os seus casos, quando era traída ou abandonada. Até ali não fizera caso do assunto, mas a recusa da última noite, com a desculpa de estar cansado, valeu-lhe ter um detetive privado a seguir os seus passos, logo na manhã seguinte.

Àquela hora o Bairro Alto fervilhava de gente que vinha para a noite e Marta agradecera não ter de ir para muito longe de casa. Na realidade morava duas ruas acima, mas Tiago não sabia.

- Então? Esta tasca serve? – perguntou Tiago com um sorriso espelhado no rosto moreno, à espera de que ela confirmasse.

- O Bairro Alto é sempre agradável e a Tasca do Sr. Manel também. – respondeu Marta sem qualquer entusiasmo, mas restando a animosidade que de vez ainda sentia apesar do esforço para aceitar Tiago na sua vida como amigo.

Tiago esperara-a no largo Camões na hora combinada.

- São cinco minutos a pé. Importas-te? – dissera depois de a cumprimentar com um beijo na face.

Marta concordou e em silêncio rumaram à rua do Norte em pleno Bairro Alto. Quando entraram na Tasca dos Canários Amarelos, sentiu-se aliviada. Detestava ambientes luxuosos e ficou surpreendida por ele a levar ali. Desde os tempos de estudante, quando frequentava a escola de enfermagem, que conhecia bem o Bairro Alto e, alguns locais permaneciam para além do tempo. Este era um deles.

Tiago pediu tapas e enquanto aguardavam a sua vinda, debicavam uma taça de vinho branco. Tiago olhava-a com devoção e Marta fingia não entender. Mas, ao contrário do que sentira no primeiro encontro casual, estava a habituar-se, com esforço, aquele novo Tiago, brincalhão,

parecendo mais maduro e descontraído, pelo que tentava não se abespinhar com os seus galanteios. Não se sentia no direito de o julgar pelo passado.

- Lembras-te quando percorríamos a lezíria fazendo asneiras, e tomando banho nas valas de rega?

- Abençoados verões – disse Marta, sorrindo. – Eramos tão livres e felizes – disse ela.

Nem percebeu que ele se contraiu quando ela dissera aquilo.

- Tu. Eras. Na minha família, vivíamos com o stress pós-guerra do meu pai.

- Pois era. Que falta de tato o meu – disse tentando remediar.

- Na realidade o teu pai sempre foi muito diferente do meu. É tão estranho como três homens que viveram o mesmo pesadelo, vieram de África em condições psicológicas e físicas tão diferentes – proferiu ele enquanto debicava uma rodela de paio alentejano, que o senhor Manuel deixara na mesa.

Marta sabia bem ao que ele se referia, mas ela e Sara eram afortunadas. O pai era um homem diferente, não trouxera traumas da guerra colonial, ou pelo menos não os mostrara.

Já o pai de Afonso e o de Tiago, eram outras histórias. Tristes.

Sérgio Ramires, Adérito Simões e José Vargas, três homens que regressaram das colónias quando a guerra terminou em 1975, depois da revolução dos Cravos.

Sérgio Ramires, o pai de Marta viera de Moçambique, da ilha de Metarica, onde fizera a última comissão, na construção de uma pista de aviação, abertura de picadas, e construção das instalações militares. Quando a guerra começou, na década de 60, aquele tinha sido um importante núcleo da FRELIMO, na província de Niassa, uma das zonas mais quentes do conflito nessa altura, mas, quando o cabo Ramires, chegou, em 1971, poucas escaramuças já existiam com os «terroristas». Ramires, no final da terceira comissão tinha usufruído de uma guerra quase pacífica. Regressara com boas recordações daquele tempo, sobretudo a camaradagem, e com a nostalgia de África a que nunca regressou.

Simões, o alferes Simões, prestes a fazer vinte e cinco anos e noivo da professora Joana havia dois anos, depois de se recusar a ir para a Guiné de livre vontade, acabou por ser destacado para Bafatá a norte da Guiné em 1971, uma zona quente de combate, integrado na Companhia de Caçadores

666, o número da besta do apocalipse como lhe dizia Joana, temendo que ele não voltasse o mesmo.

E não se enganou.

Adérito Simões foi testemunha das maiores atrocidades que nunca se atreveu a descrever por vergonha de ser julgado. Apenas falava com o capelão da companhia. Fez um pacto de silêncio, porque acreditava que se não verbalizasse as memórias desapareciam. Mas não. Quanto mais as guardava para si, mais elas teimavam em aparecer de noite, mesmo sob o efeito do vinho ou de qualquer outra coisa que comprasse na tabanca do sírio. Um dia quase enlouqueceu e desatou aos tirou em pleno quartel, foi José Vargas que lhe valeu nessa noite do demónio.

Não fosse a maldita mina que lhe estilhaçou a perna, já no final das três comissões que por lá fizera, e lhe valeu a volta à pátria e teria pregado um tiro nos cornos antes de ficar inválido e louco de vez. A única coisa que lhe amenizava o sofrimento e a loucura da guerra era a pele macia das pretas que viviam lá pela tabanca do sírio. Esses momentos eram mágicos.

José Vargas, pai de Tiago, também esteve em comissão na guiné, como polícia do estado e, depois de voltarem logo a seguir ao 25 de Abril de 1974, vá-se lá saber porquê, os dois homens nunca mais se entenderam e, até aos dias que correm, ninguém conseguiu vislumbrar o tamanho de tanto ódio. A não ser que José Vargas conte, Adérito Simões já não o fará. Por cima dele jazem sete palmos de terra a segurar-lhe os ossos e os segredos.

Marta tinha pouco assunto com Tiago e, como não lhe interessavam as investidas amorosas dele, e o silêncio incomodava, voltou o assunto para as questões familiares.

- E a tua família como vão? – perguntou enquanto debicava os petiscos que o sr. Manel ia colocando na mesa.

Se Tiago não gostou da pergunta, disfarçou muito bem. Sorriu, pousou o copo que, entretanto, levara aos lábios, limpou a boca com elegância e disse:

- Vão bem. Mas o que tu queres saber é se falamos de Maria – disse sem rodeios.

Marta sentiu-se apanhada na sua própria armadilha.

- Pois bem, não falamos – esclareceu Tiago. - Maria morreu. O meu pai proibiu-nos de falarmos nela – disse com a voz embargada. – A minha

mãe ainda hoje chora em silêncio. Aprendeu a chorar em silêncio, coitada, entendes?

Marta acenou que sim com a cabeça, mas ficou atónita de ele confirmar a morte de Maria. Maria estava viva e bem viva. Será que eles sabiam?

- Tiago, o corpo foi encontrado? – não aguentou a curiosidade e questionou-o.

- Não. Sabes que não. Mas o meu pai não quis saber. Como passaram sete anos do seu desaparecimento, o prazo legal para a dar como morta, convenceu-se que ela tinha morrido mesmo. Até hoje está convencido disso – disse com o olhar fixado na parede em frente.

Marta desconfiou que ele mentia. Portugal era tão pequeno. Lisboa era minúscula e já alguém teria visto Maria e dado com a língua nos dentes. Não podia ser. Ali havia algo estranho.

- Mas o que aconteceu de facto? Alguém sabe? - voltou a insistir.

Tiago retorceu-se na cadeira e manteve-se estoico perante o interrogatório de Marta. Se aquele era o preço a pagar para a ter ali, pois ia manter-se firme.

- Não sabemos ao certo. Há quem diga que se afogou no rio. Sabes como ela gostava de nadar por ali, no meio dos peixes e das cobras de água. A minha irmã era uma força da natureza, sempre insatisfeita e rebelde. Outros dizem que a avistaram na lezíria junto ao milheiral com um homem desconhecido e que ele a deve ter matado..., creio que o meu pai acredita nessa hipótese.

Marta estremeceu. A memória teimava em trazer o passado.

- Outros dizem que ela era uma cabra leviana...em busca de homens. Ouvimos tanta coisa que o meu pai começou a ter vergonha das pessoas.

- Vergonha do quê?

- Ele não diz. Já nem quero saber. A nossa vida foi um inferno durante anos. Quando se aproximava a data da morte dela, o meu pai fechava-se em casa e não falava com ninguém. Foi assim durante uns dez anos. Depois, de repente, pareceu aceitar e de um dia para o outro, deixou de mostrar sinais de sofrimento. Coitada da minha Maria...

- Sim...coitada – confirmou Marta.

Marta teve consciência que Tiago gostava da irmã e sofria e, por um instante, esqueceu-se das animosidades e do passado na lezíria.

Sorriu-lhe.

Tiago estendeu a mão e afagou-lhe a face.

Ela aceitou e voltou a sorrir-lhe.

Tiago rejubilou. A sua Marta baixara finalmente a guarda. Esta batalha estava ganha.



Os resultados dos testes neuropsicológicos que Afonso fizera estavam ali na sua frente. A Dra. Irene manuseava as folhas de resultados e olhava fixamente para ele.

- Está a deixar-me ansioso doutora – disse perante o olhar inquisidor da psicóloga.

- Sabe senhor Afonso, estou aqui com dúvidas em relação ao resultado dos testes de memória – disse para o experimentar.

Afonso percebeu de imediato onde ela queria chegar.

- Estou a ver doutora. Diga? – desafiou com um sorriso.

- O senhor diz não se lembrar de algumas pessoas, nomeadamente da sua esposa e a sua filha, verdade?

Ele sorriu de novo. Quando sorria desarmava qualquer pessoa.

- É porque não tenho esposa e filha, só pode ser por isso, não acha? – disse de forma displicente.

- Não é isso que elas dizem. Mas pronto o senhor é que sabe. Só queria deixar claro que não existem sequelas do traumatismo ao nível de memória, atenção e perceção, embora possa ainda ter breves falhas. O senhor está muito bem do ponto de vista neurológico. O seu cérebro ficou sem danos, o edema desapareceu e apenas precisa de ser vigiado durante um tempo, ter uma boa alimentação, descanso e uma vida calma, entende?

A psicóloga era jovem, bonita e muito perspicaz. Afonso não a conseguira enganar.

- Fico muito satisfeito com o resultado dos testes. Nem imagina o que isso me descansa, mas não quero que a doutora fique com dúvidas sobre as minhas capacidades. Há mais alguma coisa que não entenda?

Irene riu-se. Ele era um homem muito interessante e bonito. Mas tinha qualquer coisa obscura na sua vida. Quem negaria uma esposa e uma filha assim, sem mais nem menos. Afonso tinha os processos de memória intactos, mas teimava em dizer que não tinha memória daquelas pessoas.

Ele é que sabia porque reagia assim, mas não conseguira enganar os testes neuropsicológicos e a ressonância magnética. Estava tudo bem. Até o edema desaparecera na totalidade.

- Não senhor Afonso. Estou esclarecida. Assim o senhor o esteja também quanto à sua vida – vaticinou esperando que ele entendesse a importância de se definir. De definir a sua vida.

Irene despediu-se com um aperto de mão e acompanhou-o à porta do gabinete. Afonso afastou-se pelo corredor, sentindo-se livre, tão livre que jamais se lembrara de o ser. Perfeito seria abandonar o hospital, mas faltavam uns exames médicos finais e ainda teria de permanecer ali um par de dias.

Entretanto a tarde passava lenta para Marta depois de um fim de semana calmo e sozinha. Afonso não lhe saía do pensamento e a sua vontade era meter-se no carro e ir visitá-lo ao hospital. Não podia. Sabia que não. Embrenhou-se no trabalho burocrático que tinha em mãos como chefe de equipa das enfermeiras da clínica e tentou aliviar o pensamento do homem que sempre preenchera os seus afetos.

*

Em Setúbal, uma hora depois Joana entrava no quarto onde Afonso lia uma revista de agricultura biológica.

- Meu querido! – disse a mãe enquanto se pendurava ao seu pescoço dando-lhe um beijo repenicado na face. Nem agora que tinha quarenta anos a mãe deixava de o beijar daquela forma. Por vezes sentia-se ainda uma criança.

- Pensava que hoje não vinhas cá. Combinamos que não precisavas de vir. Estou bem. Acabei de receber os resultados dos testes. Está tudo bem mãe. Estou sem sequelas.

Joana respirou fundo.

- És forte filho. Ainda bem. Em breve retomas a tua vida.

E sentou-se na cama a seu lado.

- Mãe...quero pedir-te um favor – e olhou-a a direito como sempre fizera – sabes a Marta esteve cá enquanto eu estive doente – disse.

Joana sobressaltou-se.

- Dás-me o contacto dela? Eu não sonhei, pois não? Nem estou maluco, pois não?

- Não – descansou-o.- Não sonhaste. Mas eu não tenho o contacto da Marta.

- Mas mãe, tens de me dar. Encontra-a faz qualquer coisa, mas consegue-me esse número de telefone. Quero falar com ela! – levantou a voz um pouco exaltado.

Por momentos Joana viu traços de Adérito e assustou-se.

- Afonso – disse firme. – Por mais que queiras, Marta não se vai aproximar de ti com a Maria por perto.

- Ela sabe da Maria? Porquê lhe contaram? E o que contaram? – disse ansioso. – Não há nada para saber! – voltou a irritar-se.

Joana nem confrontou o filho com o “esquecimento” sobre Maria. Não valia a pena. Sabia que ele estava frágil e o filho sabia que podia confiar na mãe.

Podia?

Com este pensamento, Joana sentiu remorsos. Não. Não o tinha protegido mesmo nada. Permitira que Adérito o espancasse durante anos.

- Foi a miúda, essa Beatriz. A miúda foi buscar a Cuca e apresentou-se como tua filha.

Joana viu o rosto de Afonso transfigurar-se. Amarfanhou ou lençóis e deu um murro na cama com quanta força tinha, ao mesmo tempo que gritou.

- Naooooooooo..... porquê? Porquê? Nunca fiz mal a ninguém! – gritou de novo.

As lágrimas apareceram e ele não as susteve.

A enfermeira apareceu à porta do quarto. Joana fez-lhe sinal que não entrasse. A mulher entendeu que o momento era de catarse e saiu.

Joana abraçou o filho e embalou-o nos seus braços como se ele ainda fosse criança. Aquele homem batalhador em que se tornara o seu filho, ainda encerrava em si uma caixa de sofrimento.

Afonso chorou em silêncio nos braços da mãe, como nunca o tinha feito. Pela primeira vez na vida, esqueceu o orgulho e a vergonha. Perdeu todas as defesas e abandonou-se à sua dor.

Joana deixou-se levar pelo pensamento, até uma época longínqua, mas ainda tão viva dentro de si. Depois de ter cruzado a barreira dos setenta havia um par de anos, não esperava ainda lembrar aquela época de forma tão viva e dolorosa.

- O teu pai, quando chegou de África, sem a perna, vinha louco. Atirava-me com os objetos que apanhava, dizia que eu o queria matar, chorava, gritava e sobretudo bebia. Bebia muito. O garrafão do vinho tinha de estar sempre cheio. E não era raro ele beber cinco litros de vinho por dia. Até se apagar e dormir, desmaiado. Nem sei como ele não morreu

mais cedo. Quando acordava, trazia toda a maldade que o vinho, ou a guerra, lhe despertavam...era aí...

- Que ele me batia – completou Afonso enquanto enxugava as lágrimas com a costa da mão.

Joana aquiesceu.

- Não é vergonha chorar, filho – disse. - Vergonha é aquilo que eu sinto, por nunca me ter separado do teu pai. Por te sujeitar a ele...- disse pesarosa.

- Não adianta culpar-se mãe. Agora já está. Mas naquela altura desejava todos os dias que nos fôssemos embora de casa, ou que aparecesse alguém que me salvasse. Desejei até que os Ramires me adotassem. Eu imaginava cenários onde o pai não chegasse, onde ele não me conseguisse alcançar, entende?

Claro que entendia. Até entendia que fora a mulher mais egoísta à face da terra.

- Desculpa filho – disse enquanto lhe afagava os cabelos revoltos e as lágrimas lhe sulcavam a face rugosa e macilenta do tempo que passara por ela.

Afonso limpou a face e abanou a cabeça em sinal de concordância.

Já lhe perdoara. À mãe sim. Ao pai, por vezes, ainda achava que não, mas para seu bem, teria de resolver essa mágoa depressa.

- O teu pai era o homem mais ciumento que existia na aldeia. Tinha de passar despercebida para ele não se irritar comigo..., era um louco. E eu não vi isso antes. A minha mãe, que Deus a tenha lá no céu, achava que ele era um bom partido para mim. Encantou-se com ele assim que eu aceitei namorar com o teu pai. Era um homem muito bonito, como tu filho – e sorriu - e tinha as fazendas^[7] que ela considerava ser a cereja no topo do bolo. Para as gentes daqui o teu pai era um homem rico. Ora um homem rico com uma professora primária era um ótimo casamento. Mas não lhe disse que a sogra lhe contara um dia que o marido, a humilhava em qualquer lado. Bárbara - a sogra-, era iletrada e com essa desculpa “o monstro” apelidado assim pelas gentes da aldeia, não lhe dava dinheiro ou poder para tomar decisões. Aos setenta anos, Bárbara, nunca tivera dinheiro na sua mão e um dia, quando se atreveu a pedir dinheiro para ir comprar uma panela de barro à feira de Vila Franca, o “monstro” respondera-lhe que ela precisava de um pau em cima das costas como

fizera à burra branca. E Bárbara sabia que ele era homem para a açoitar com um pau, por isso ficou-se muda e foi à feira sem dinheiro.

Joana ainda se recordava, da tarde em que ele bateu na tal burra branca até o animal fugir. Naquele final de verão, corria um vento quente e as gentes estavam abrigadas em casa do bafo do diabo até ele passar. De pau na mão, o velho Simões da Várzea instigava a burra branca a carregar uma carga de melões e melancias demasiada para as costas da burra, pois o animal escorregava nas pedras dobrando os joelhos até cair. Debaixo de pauladas constantes e sob o olhar das gentes da aldeia – que, entretanto, começaram a aparecer com os gritos do velho Simões - o animal procurava um lugar onde se esconder. Quis o diabo ou o divino – nestas alturas qualquer um servia - que a vizinha Silvina abrisse a porta de casa do outro lado da rua ao ouvir o zurrar aflito do animal. A burra branca deu dois coices em Adérito, espalhou a carga pela calçada e correu a enfiar-se na casa da mulher, que ao ver o animal desenfreado, se afastou para a deixar passar. Até hoje a história da burra branca circulava nas falas dos mais velhos, em histórias contadas à lareira e aos balções da taberna. As histórias do “monstro” eram lenda na aldeia sempre que acontecia algo fora do comum.

- Gostavas dele mãe? – pergunta Afonso, obrigando-a a desviar o pensamento do passado.

Joana pôs os olhos no chão.

- Muito filho. Confesso que só tinha olhos para o teu pai. Nada me levava a supor que ele se transformaria num monstro - tal como o pai dele, pensou Joana sem sequer o dizer. Não valia a pena.

- A guerra transforma os homens. Existem tantas histórias como a minha. A internet e a literatura estão repletas de relatos deste género, sobretudo de sobreviventes do Vietname e até da guerra colonial. Deixa lá, não te martirizes mais, mãezinha.

Ela concordou. Mas Afonso percebeu que ela queria falar e por isso recostou-se na poltrona disposto a ouvir.

- O teu pai costumava falar de uma preta, a Flor, quase todos os dias. Contava como ela cuidava dele, lhe lavava a roupa, fazia comida...era deus na terra e a Flor no céu. A Flor, descobri depois, era uma amante dele lá no mato. Uma miúda de treze anos, com corpo de mulher – disse com o peito apertado.

Afonso estremeceu perante o horror que sentiu e a última coisa que desejava para si era transformar-se num homem como o pai.

- Mãezinha, desculpa ter-me descontrolado – disse sincero. - Eu não estou maluco, mas este acidente, veio mudar a minha vida. não quero continuar a viver assim. Não posso. Mãe eu sabia que a Marta estava por cá. Ela esteve na loja do Chiado, sabias?

- Não filho, não tinha como saber – disse Joana.

- Pois esteve. Mas a Maria escondeu-se e deixou-a ir. Perdi-a de vista de novo.

Joana podia contar-lhe a conversa que tivera com Marta, mas mais cedo ou tarde eles iriam encontrar-se e esclarecer tudo. Marta não ia a lado nenhum e Afonso estava a libertar-se de Maria Vargas, finalmente, pois até hoje e passados tantos anos, ainda não entendera aquela relação nem como tinha começado. A única certeza era que Afonso não queria falar sobre o assunto desde o dia em que lhe comunicara que vivia com Maria Vargas, que ela ia ter um filho dele, e que seria bom que todos continuassem a pensar que ela tinha morrido.



Durante os quarenta anos de vida de Afonso, nem mãe nem filho desabaram perante as dificuldades da vida e, para surpresa de Joana, Afonso perdera por momentos aquela rudeza que por vezes vinha ao cimo, tão própria do pai, e que poucas pessoas lhe conheciam. Afonso não era rude com os outros, era com ele próprio. Exigia de si o que não exigia de mais ninguém.

- Filho...há um assunto que nunca abordámos. Maria...

- Não quero falar dela mãe. Não vale a pena...sobre Maria está tudo dito.

- Não está não. Que não queiras falar dela entendo... não entendo são os motivos, aliás, nunca entendi porque a ajudaste estes anos todos. Talvez um dia me contes. O que é que a família dela pensa disto tudo? Os Vargas sabem que ela está...

- Viva? – completou o raciocínio da mãe. - Não sei. Mas penso que sim...de vez em quando vejo o Tiago Vargas lá por Lisboa, e a forma como ele me cumprimenta é de quem sabe que eu a protegi estes anos todos...olha mãe – disse. - Vamos seguir com a nossa vida? Eu vou seguir com a minha. Só tenho de encontrar a Marta. Está na hora de a Maria enfrentar os fantasmas dela, se assim o entender, e fazer a vida sem mim. Já terminei a minha missão. A Beatriz está criada e não precisa mais de mim.

Entretanto o telefone toca no gabinete de enfermagem e uma das enfermeiras atende.

- Cirurgia, boa tarde?

- Boa tarde, fala Marta Ramires, gostaria de saber o estado de saúde de Afonso Simões, por favor?

- A senhora pode falar com ele, quer que eu passe a chamada para o quarto?

- Não – disse abrupta. – Só queria saber mesmo o estado de saúde dele.

- O senhor Afonso, vai ter alta em breve. Está tudo bem-disse a enfermeira, reconhecendo na situação uma namorada, ou amante traída.

Do outro lado da linha, Marta agradeceu e desligou a chamada. Podia finalmente descansar a mente. Afonso estava bem e não precisava mais dela. Maria Vargas ia assegurar-se que ele ficava bem.

A noite de inverno caía profunda como sempre, naquela altura do ano. Cada um tomou o seu lugar sabendo que a vida lhe reservara algo que não tinham desejado. Afonso ansiava por sair do hospital e tomar as rédeas da sua vida, Maria que ele voltasse e ficasse com ela e Beatriz, Marta que ele ficasse bom, sem sequelas e que um dia pudessem esclarecer o passado, aquele que ela enterrara na cápsula do tempo com ele, e Tiago que Marta o aceitasse finalmente, depois de tantos anos de espera.

Dulce Moreira, sagaz como era, não deixava os seus créditos por mãos alheias, sobretudo quando se tratava de descobrir se os seus amantes a traíam. No caso de Tiago Vargas, as dúvidas estavam prestes a serem esclarecidas. Na segunda-feira iria receber o relatório do detetive privado e, consoante o resultado, assim seria a carreira de Tiago, quer na sua cama, quer como gestor das grandes fortunas do banco. Na noite anterior Tiago estivera presente ao seu pedido, no entanto achava-o mais distante a cada dia que passava. Desculpava-se com problemas familiares, com solicitações da parte do pai para o ajudar com negócios, mas Dulce sabia que quando ele desligava o telemóvel, era porque não queria ser localizado. Na tarde do dia anterior, durante duas horas, não soubera dele. No entanto, a certeza que em breve saberia o que se passava, deixava-a mais descansada. A única preocupação que a fazia ser mais branda com o amante, era ter consciência que a cada dia que passava, não conseguia ficar mais nova. Essa realidade era aterradora.

Dulce, lavou os dentes com todo o cuidado, limpou a pele do rosto com os mais caros produtos que o dinheiro podia pagar e tomou o comprimido para dormir. Hoje, não havia um corpo vigoroso ao seu lado para a fazer esquecer que estava a envelhecer. Nessas noites, não suportava a sua própria companhia. Poderia ter escolhido formar uma família e envelhecer como todas as mulheres comuns. Mas não escolheu e agora, há medida que os anos deixavam marcas físicas que nem o botox apagava, a solidão era cada dia mais intolerável. Podia casar com um homem da sua idade e viver o resto da vida sem medo de estar sozinha, mas não suportava corpos flácidos e nesta altura, só um sexagenário lhe estaria reservado. O simples pensamento de ter um homem quase da sua idade,

deitado a seu lado, enojou-a. Ajeitou o cabelo debaixo da face e em poucos segundos adormeceu.

**

Domingo de manhã. Frio, sol e uma Lisboa a acordar repleta de turistas que vasculhavam cada recanto da cidade, apesar do clima agreste. Marta seguia pelo passeio de calçada portuguesa, fazendo a sua caminhada de fim de semana. Uma sensação estranha, de olhos postos nas suas costas, começou a assaltá-la a cada passada. Espreitou por cima do ombro, mas era impossível perceber o que a incomodava. No entanto, fora do seu alcance de visão, uma figura alta, barbuda de nariz adunco e envergando uma parca preta, seguia-lhe os passos à distância. Marta praguejou baixinho e resolveu voltar para casa. Hoje parecia que todas as suas paranoias resolveram assaltá-la de repente. Não estava segura, nem dos outros, nem de si. Rumou de volta a casa alheia ao homem que a seguia.

A figura sinistra que a seguia, suspirou de frustração. Hoje não ia ter sorte, no entanto, já sabia o que queria saber e, o material recolhido era mais que suficiente para justificar o que lhe pagavam.

**

Teresa Ramires estranhou o telefone tocar tão cedo numa segunda-feira de manhã. Nem eram nem nove da manhã.

- Estou, bom dia, residência da família...

- Teresa! Que bom ouvi-la outra vez!

Teresa estremeceu. Jorge era persistente.

- Bom dia Jorge como vai? Caiu da cama? – não conseguiu deixar de ironizar.

Do outro lado uma gargalhada.

- Não. Como sabe sou madrugador. Olhe, queria saber de Marta. Como é que ela está?

Teresa não disse, mas pensou que ela estava melhor, agora que ele não estava por perto.

- Porque não lhe pergunta o Jorge. Não gosto muito deste papel sabe – disse assertiva. – Ser moça de recados na minha idade não me agrada muito, entende?

Do outro lado ruído de aeroporto e uma ausência de resposta ao seu protesto.

- Teresa...diga-lhe...

Teresa esperou em silêncio.

- Não diga nada, esqueça – e ouviu o clic de fim de chamada.

Ainda bem que se foi embora – pensou.

Teresa pousou o telefone no carregador e rumou à sua vida diária. Nem ia comunicar a Marta que Jorge voltara a ligar.

Duas horas depois, Afonso descia do táxi à porta da casa materna. Joana que acorrera a ver quem era, rejubilou de alegria.

- Filho, podias ter dito que íamos buscar-te – disse enquanto o abraçava. – Já tinha combinado com o teu tio João.

- Não era necessário, mãe. Já cá estou e não te preocupes mais – e entrou em casa, pousando o saco com a roupa junto à credência antiga. Ato contínuo o telefone tocou. Afonso estendeu a mão e atendeu.

- Bom dia Joana, como está o Afonso? – ouviu do outro lado.

Um sorriso desenhou-se-lhe nos lábios cheios e a ruga que habitualmente lhe dava um ar carregado, desvaneceu-se.

- Bom dia Marta – disse Afonso. – Estou bem e já agora...

O telefone ficou mudo. Marta não conseguiu conter a emoção e desligou antes que começasse a chorar. Tantos anos de ausência. Era tão avassalador ouvir de novo a voz de Afonso que quase sentiu um murro no estomago.

Ele olhou para o pequeno aparelho e o seu semblante mudou. Joana viu a tristeza e frustração espelhadas no rosto do filho.

- Era Marta, mãe. A perguntar por mim, mas querendo falar contigo...

Joana sorriu para o filho.

- Afonso tudo se há-de resolver. Vão ter tempo. Não te preocupes. Ela deve estar tão abalada como tu.

Afonso anuiu. Talvez a mãe tivesse razão. Pelo menos ela parecia não o ter esquecido.

O telemóvel tocou no bolso. Afonso soltou o ar preso nos pulmões. Hoje era dia de telefonemas.

Era Maria.

- Estava a ver que não atendias? – censurou.

- Quem é a senhora? Conheço-a?

- Estás doido Afonso? Sou a tua esposa! – gritou.

- Não me lembro de ter uma esposa. Nem uma vida consigo, mas se tive, e não me lembro, por favor siga a sua vida – disse sem qualquer remorso.

Chegara ao limite das suas forças.

- Desculpa Afonso. Sou a responsável do Elenco de Aromas. Até isso esqueceste? Não acredito! – voltou a falar alto.

Afonso suspirou de novo perante o ar preocupado de Joana.

- Acredito em si. Sim é a responsável da minha loja e, já que é, pode continuar a ser. Continue, se faz favor. Um dia destes falo consigo sobre o assunto.

Afonso viu o telemóvel a ser-lhe tirado da mão.

- Mãe! – protestou. Não gostou do gesto. Não era um garoto.

- Filho! Tens todo o tempo do mundo. A Marta veio para ficar e essa Maria, tem de sair da tua vida. Não podes aborrecer-te. O médico disse que nos próximos tempos temos de ter cuidado contigo. O teu cérebro ainda não está curado.

Afonso obedeceu e subiu as escadas até ao seu antigo quarto. Era ali que guardara toda a sua infância e adolescência, até ao dia em que partira de casa para estudar em Lisboa. Passadas duas semanas, tinha Maria Vargas à porta da casa onde vivia. Naquele dia o inferno desceu perante os seus olhos, mais ainda do que quando o pai o espancava quase diariamente.



Maria Vargas era perita em descobrir pessoas, sobretudo quando precisava de algum favor. Já com Afonso, quando precisou de alguém que a ajudasse, conseguiu rapidamente descobrir a sua morada em Lisboa. Uma pergunta daqui outra dali e quando suspeitava que o pai estava prestes a descobrir que ela estava grávida, tinha a morada de Afonso e a certeza de que ele a iria receber. Nada melhor que um pequeno incentivo e ela sabia que Afonso era honesto o suficiente para não a deixar na rua.

Com Marta fora o mesmo. Passara em revista os talões de vendas da loja e descobriu o número de identificação fiscal de Marta Ramires. A partir daí foi fácil chegar à sua morada. E ali estava, na hora de almoço, esperando que Marta saísse de casa para tomar café ou ir para o trabalho.

Podia tocar a campainha, mas assim seria melhor. Gostava de surpreender, pois por vezes surte melhor efeito.

A porta do prédio abriu-se e Marta surgiu ignorando por completo que estavam à sua espera. A desconhecida que estava de costas, de repente virou-se e ficaram as duas face a face. Marta olhou-a com displicência e sorriu-lhe. Não estava surpreendida e usou de todo o seu cinismo para a enfrentar.

- Maria...quantos anos? Estás muito bonita, sempre fostes – disse ansiosa e completamente sem jeito.

Conversa de circunstância, foi a única saída, mas quando o tempo passa e se perde a intimidade com as pessoas, não lhe ocorria mais nada. Mas o seu sexto sentido avisou-a que o assunto não era circunstancial.

- Marta...que bom ver-te - disse pegando-lhe nas duas mãos. Maria era assim. Muito de toque. Marta já se esquecera. – Olha, queria muito falar contigo acerca de Afonso, o meu marido. Sabes que eu e Afonso casamos e temos uma filha? – disse de chofre.

Para uma morta, estava muito bem – pensou Marta.

- Vamos subir. Essa conversa não é para ter na rua, à porta da minha casa – frisou com esperança de que Maria percebesse que estava a ser inconveniente.

Marta serviu-lhe um pequeno snack, leite, sumo e a conversa sobre a infância das duas, rolou sem que o assunto Afonso, voltasse a ser abordado. Maria continuava a não dizer o que pretendia, mas Marta entendia que era um aviso. Só que agora não eram crianças, a amizade desfizera-se e Marta não estava para aturar mulheres como Maria Vargas, mesmo tendo em consideração o que outrora as unira. Crescera ao longo dos anos, não em tamanho, mas em valores que temia que Maria nem sequer conhecesse. Começava a achar que Joana Simões tinha razão, Maria Vargas era uma mulher dissimulada. Não crescera mentalmente, ou pelo menos parecia.

- Maria...diz ao que vieste, por favor – estava a ponto de perder a paciência. - Quem se dá ao trabalho de me encontrar passados vinte anos, pretende alguma coisa. Podias ter-me contactado antes, afinal eramos amigas...ou não? Porque não me contaste que estavas viva?

Maria sorriu e os olhos verdes e frios, brilharam.

- Só queria que tu soubesses que eu e Afonso estamos juntos. Temos a nossa filha, entendes? – respondeu completamente fora do contexto da conversa.

- Claro. Por quem me julgas? – perguntou ríspida. - Sei respeitar as famílias dos outros. Maria, podes não acreditar, mas jamais me intrometeria entre um casal. Mas a propósito, tu e Afonso não eram um casal no passado. Afonso era meu namorado na adolescência...recordaste...como é que vocês?

E a voz embargou-se-lhe. A última coisa que queria que acontecesse.

- A nossa relação era às escondidas. Engravidei, percebes? Não foi por mal Marta, mas ele era louco por mim e não queria que tu soubesses.

Marta anuiu sentindo as entranhas a revoltarem-se.

Não, não podia ser. O seu instinto não estava assim tão avariado. Como é que o rapaz que passava horas com ela, a falar e em carícias, podia ser tão cínico a esse ponto?

Não percebia e sabia que ela mentia. Afonso não era o pai de Beatriz, embora as semelhanças físicas o pudessem confirmar.

A advertência estava feita, Maria não tinha mais que fazer ali e dispôs-se a partir, tal como tinha chegado. Com rapidez.

- Tenho de trabalhar Marta. Vou abrir a nossa loja da rua Garrett, agora às quinze horas. Entendes né? Gostava muito de ficar na conversa contigo, mas primeiro as obrigações. Olha querida foi um prazer

encontrar-te – e beijou Marta nas faces com um par de beijos, sem que ela reagisse.

- Claro Maria, entendo perfeitamente. Adeus.

Marta respirou de alívio de a ver partir. Decidiu que não gostava dela como outrora. Maria era dissimulada, matreira como uma raposa, uma grande oportunista e apanhara Afonso no meio das suas tramas.

Como a vida era curiosa. Jamais lhe passaria pela mente que a sua amiga de infância se tornasse numa pessoa sem princípios, capaz de forçar as outras pessoas a...e de repente percebeu que não sabia nada de Maria nem dos motivos que a uniam a Afonso.

A relação dos dois, controversa segundo várias análises – sobretudo a de Joana e de Afonso – continuava a ser um mistério para Marta.

Marta olhou para o calendário pendurado na parede. Dali a duas semanas era Natal e ansiava por uma noite em família, serena e devotada ao amor que os unia, agora, com o seu coração de adulta em paz, pelas dúvidas com que crescera acerca do seu papel na vida dos pais e da irmã.

Em casa de Joana Simões, depois de uma noite atormentada pelos telefonemas de Maria e Marta, Afonso resolve procurar ajuda de um profissional.

- Mãe, vou a lisboa a uma consulta – informou. – Não te preocupes que vou no autocarro, ainda não me sinto bem para conduzir. Volto à noitinha.

Joana nem perguntou que consulta era aquela, assim tão à pressa, e depois de sair do hospital. O seu instinto de mãe dizia-lhe que ele deveria ir procurar um psicólogo ou um psiquiatra. O seu Afonso, sempre tão resiliente desta vez, desmoronara.

- Vai filho. Fico aqui à tua espera – e beijou-lhe a face bem escanhoadada.

**

O tempo passara e a vida da aldeia continuava como sempre, no entanto, a chegada do Natal trazia algumas ansiedades. Afonso sabia que depois do acidente e da volta de Marta a Portugal, a vida não seria a mesma. Deixara as lojas entregues a um gerente que contratara, entretanto, e à experiência de Maria Vargas com as encomendas. Não pretendia despedi-la, apenas que ela saísse da sua vida pessoal.

A consulta que resolvera fazer há duas semanas, fora muito produtiva. Só queria saber se estava a pensar bem, porque, pela primeira vez na sua

conturbada vida, teve dúvidas sobre a sua sanidade mental. O psicólogo fora bem claro. Ele estava saturado de viver em função dos outros, de resolver a vida de outrem e estava mais na hora de pensar em si próprio e no que queria para a sua vida. Quarenta anos, significava metade da sua vida e, se vivera a primeira metade a resolver coisas dos outros, a outra metade seria justo que pensasse só nele, sendo que dali a mais vinte a qualidade de vida poderia diminuir com o envelhecimento, portanto era hora de mudar o curso das coisas.

Depois de sair da consulta, procurara recrutar um gestor de negócios honesto, e felizmente encontrara um jovem em princípio de carreira, recomendado por um amigo de faculdade que estava disposto a passar um tempo dedicado às suas lojas e, no mesmo dia em que apresentara a Maria Vargas o responsável das duas lojas, foi claro com ela quanto ao papel dela na sua vida.

- Estás a despedir-me Afonso? - perguntou abespinhada.

- Não Maria. Creio que fui muito claro contigo. Não queres entender, não é? Sempre foi assim contigo. Eu era claro e tu rodeavas o assunto até eu me esquecer dele – disse com firmeza.

- Não esperava que me deitasses fora da tua vida assim – disse ela com ar muito afetado pelo desgosto.

Afonso suspirou.

- És difícil Maria! Há muito que te disse que não temos nada. Estive uma vez contigo ao longo destes vinte anos e tu sabes que não resultou. Não quero. O meu coração pertence a outra mulher, tu sabes isso muito bem. Sempre fui apaixonado pela Marta. Desde crianças que somos apaixonados...

Maria largou uma gargalhada.

Afonso franziu o cenho.

- Olha Afonso, onde está a tua amada? Nestes anos todos, ela casou com outro, e nunca mais te procurou e eu tenho visto as mulheres a desfilar pela tua vida, sem que nenhuma fique. Eu estou aqui! – firmou a sua posição.

Afonso olhou-a cínico.

- Olha Maria, é muita desfaçatez da tua parte estares-me a dizer isso. É verdade tudo o que dizes, e sim, ela casou com outro. Mas porque eu lhe dei esse espaço. Sabes porquê?

Maria encolheu-se. Afonso quando queria ser duro com ela não precisava de muitas palavras.

- Não precisas estar sempre a lembrar-me do passado - pediu. – Não tenho culpa se...

- Nem eu Maria. Nem eu. No entanto sacrifiquei muita coisa na minha vida, por ti e pela Beatriz. Só te peço espaço. Podes continuar a trabalhar aqui, com as funções que tinhas, até queres – disse sério.

- Mas contrataste um novo gestor? – queixou-se ela.

- Sim, mas apenas para procurar aplicações e novos mercados para os meus produtos. Quero expandir-me e para isso preciso de tempo para dedicar a outras coisas. Vou apostar em produtos hortícolas frescos. Produtos de muita qualidade. Preciso de gente especializada para expandir os negócios.

Ela assentiu. Sabia o que isso significava, pois não era parva. Ele ia afastar-se dela como já fizera muitas vezes, mas agora o perigo estava mais perto.

Marta. Era Marta o verdadeiro motivo da mudança de Afonso.

Afonso ouviu bater à porta do escritório. Perdera a noção do tempo e só se deu conta quando viu a luz natural do dia desaparecer de dentro da divisão. Estava feliz com o negócio. Na próxima semana ia começar a montagem das estufas e em seis meses estaria apto a vender produtos hortícolas de qualidade para uma loja especializada. A sua nova loja.

- Entre...

Joana entrou de mansinho, observando-o. Adorava vê-lo ali em casa a criar os seus negócios, mas também sabia que a presença dele em casa, tinha que ver com o regresso de Marta.

- Mãezinha...venha cá conhecer o meu novo projeto – e puxou uma cadeira para a mãe se sentar a seu lado.

- Olhe...aqui – apontou para o papel - neste terreno vou montar duas estufas quase autossuficientes. Duas pessoas cuidam de tudo.

Joana assentiu. Sabia que ele era capaz disso e muito mais. Ouviu atentamente o que ele lhe explicava sobre os produtos hortícolas e esclareceu uma dúvida.

- Mas Afonso, achas que as pessoas vão comprar grelos de couve embalados, espargos e cenouras minúsculas entre todas essas coisas que me explicaste, a esse preço? E vais vender toda a produção?

Afonso sorriu para a mãe.

- Vou mãe, porque o excedente da minha loja, vendo a outras. Está tudo esquematizado e pronto a arrancar. O meu sonho é ser dono de uma cadeia de lojas gourmet a nível nacional. Com o tempo chego lá – disse convicto.

- Acredito filho. Tu és muito trabalhador. Nem sei como te desenrascaste a estudar, trabalhar, e a criar aquela miúda com a Maria Vargas.

Afonso recostou-se melhor na cadeira. Cruzou a perna direita sobre a esquerda e os braços no peito.

Joana olhou aquele gesto do filho e viu tantas semelhanças com o pai. Adérito tinha sido um homem muito bonito, charmoso, vaidoso da sua aparência e cobiçado por muitas jovens na época. Se fosse vivo teria setenta e sete anos. Afonso tinha os olhos e a boca do pai o charme e a altura. Mas mais que o pai, Afonso tinha a cabeça no sítio e uma habilidade grande para os negócios, e era são de mente, essa sem dúvida a melhor qualidade de todas.

- Não foi fácil fazer tudo ao mesmo tempo, mãe. De dia trabalhava num armazém e há noite ia para a faculdade. Ao princípio custou, mas foi a trabalhar no armazém que foi crescendo a ideia de abrir uma loja gourmet. Ali aprendi a alma do negócio, até porque nos últimos anos, já era eu que fazia as encomendas e tratava diretamente com os fornecedores. O resto sabes. Usei a herança do avô, da qual prescindistes, para abrir a primeira loja. Recuperei o investimento num ano. Tenho feito muito dinheiro com as lojas mãe, mas não digas a ninguém – e pisco-lhe o olho em sinal de cumplicidade.

Joana riu. O seu menino era um vencedor.

- Escusavas de ter passado pela fama de esturrar o dinheiro do avó. As pessoas diziam por aqui que nem tinhas estudado, e que gastaste o dinheiro na noite. Custava-me tanto não poder dizer nada. Nem imaginas o quanto tive de calar.

Ele sabia.

- Não me importo com os outros, mãe. Sei que tu te importas, e lamento por ti – disse beijando-a na face. – Agora que vou passar mais tempo por cá, a aldeia tem oportunidade de desfazer essa ideia de mim. Vais ver! Vamos lá jantar – perguntou com o estômago a roncar de fome.

- É tão bom ver-te recuperado, com fome...e com a memória boa – disse matreira.

Afonso deu uma gargalhada. A mãe não deixava escapar nada.

- Maria já era uma pedra no meu sapato, há muito tempo. Faz quase vinte anos desta vida que a ajudo, aliás que cuido dela, porque Maria Vargas é complicada. Há males que vem por bem, e eu aproveitei a pancada na cabeça...

O som estridente da campainha soou.

Àquela hora quem seria? Pensou Joana. À medida que se encaminhou para a porta, ao longo do corredor, um estranho pressentimento apoderou-se dela.

Meteu a mão ao trinco e abriu a porta.



- Maria...que fazes aqui? – perguntou Afonso incrédulo por a ver ali.
A mulher, tremia por todos os poros.

- Quero falar contigo – respondeu brusca. – Fazes ideia do que me custou vir aqui – disse ríspida enquanto ele a olhava atónito.

- Quem é filho? – pergunta Joana lá de dentro. Afonso não respondeu e continuou a olhar Maria sem saber o que fazer.

- Não me convidas a entrar? Está um frio de rachar ossos – disse brusca – para me deixares aqui plantada na rua.

Ele cedeu-lhe passagem. Maria atravessou a soleira da porta e deparou-se com Joana, uns passos mais à frente do largo corredor da outrora casa senhorial.

- Boa noite dona Joana – disse Maria fingindo vergonha. – Vim falar com Afonso.

- Pois bem vejo – respondeu-lhe Joana, ativa e desejando dizer-lhe que não era bem-vinda àquela casa.

No entanto não o fez.

Afonso passou pela mãe com Maria presa por um braço e entrou no escritório fechando a porta atrás de si.

Encostou-se à secretária mantendo-se de pé e indicou-lhe uma cadeira. Maria recusou e manteve-se de pé, ansiosa, a olhar desesperada para Afonso.

- Diz, sou todo ouvidos Maria – proferiu seco mantendo os braços cruzados no peito.

Afonso era um homem imponente. Maria observou-o e temeu forçar demais a situação. A postura defensiva indicou-lhe que fosse com calma, pois nunca o vira transtornado ao ponto de ser agressivo, a não ser no dia em que lhe bateu à porta há vinte anos e, depois de lhe contar porque estava ali, o viu dar um pontapé numa cadeira e esmurrar a mesa até a partir ao meio.

- Afonso...não me conformo com a nossa separação...não pensas em Beatriz? Não podemos deitar vinte anos da nossa vida assim para o lixo sem mais nem menos...Afonso eu...

Ele manteve-se hirto e apenas mudou o peso do corpo de pé.

- Pensei que estivesse tudo esclarecido. Não entendo como é que não queres perceber algo que sempre foi muito claro. Nunca te amei Maria. Tu sabes isso e pensei que isso não era um drama para ti...

- Mas eu sempre te amei – disse aproximando-se dele e colocando-lhe uma mão sobre o braço fortemente cruzado no peito.

- Custa-me a crer Maria. Tu tens tendência para confundir os sentimentos. Penso que me és grato...ou eras e, quanto a Beatriz não vale a pena mexer mais no assunto ou queres que eu a elucide de uma vez?

- Não! – gritou. - Pensa melhor Afonso. Amanhã é a noite de Natal, podíamos passar juntos como fizemos tantos anos, com Beatriz...

- Não sejas egoísta Maria, é por puro egoísmo que estás aqui, assim como foi por puro egoísmo que deixaste a Marta sair da loja naquela tarde sabendo que eu daria a vida para poder falar com ela...não queria ser desagradável contigo, mas não me obrigues Maria. Deixa estar como está, por favor não piores as coisas para o teu lado – disse ele deixando cair as mãos ao longo do corpo.

Maria recuou uns passos e sorriu matreira.

Afonso viu a perversidade espelhada nos olhos dela, pela primeira vez na vida. Reprimiu um arrepio e voltou a cruzar os braços recuando até bater com as pernas novamente na secretária.

- Já te esqueceste Afonso?

Não. Ele não se esquecera.

- Não preciso que me lembres do passado – disse seco. - Infelizmente, está bem presente, na minha mente, nas minhas costas e estás tu, aqui, à minha frente para mo recordar – disse não conseguindo evitar a ironia.

Maria rejubilou por dentro. Desta vez ainda o tinha dominado. Sentou-se direita na cadeira, puxou do batom e passou-o pelos lábios fazendo uma boca sedutora. Afonso reconheceu que Maria era uma mulher linda, mas mortífera. Entendera agora, passados vinte anos que de vítima tinha pouco, Maria era tão perversa, que chegava a dar medo.

Afonso sentou-se à secretária. Pousou os cotovelos e puxou de um cigarro, algo que fazia muito esporadicamente, quando estava mais tenso. Abriu a janela atrás de si, deixando o frio entrar e o fumo sair, e preparou-se para terminar aquele encontro.

- Tu não tens ambições? – perguntou-lhe. - A ser amada? Deste-te conta de como isto foi penoso para os dois ao longo dos anos, esta farsa?

Maria, não fosse por Beatriz e jamais te teria ajudado ao ponto de colocar a minha vida de pernas para o ar. Perdi a Marta porque me afastei dela, e anos da minha vida que poderia ter passado com ela e com os nossos filhos – disse enquanto expelia o fumo para a rua fazendo uma espiral branca no ar frio. - E tu, perdeste a oportunidade de ter ao teu lado um homem que te amasse, não entendes isso?

Ela retorceu-se na cadeira e os olhos verdes escureceram de repente. A imagem do pai a ir buscá-la à porta da taberna da aldeia, dia após dia, onde os homens se reuniam depois do trabalho, veio-lhe à mente. Até casa, chamava-lhe uns quantos nomes impróprios para uma miúda de catorze anos, e fazia-a prometer que não voltava ali. Ela prometia. Mas não cumpria. Os olhares lascivos que os homens lhe deitavam eram o seu único consolo. O alimento que precisava para preencher o buraco negro dentro de si.

- Sei que estive a falar para a parede. Nunca levaste a sério o que digo – lamentou Afonso. - Não importa. Agora é o fim. Não vamos mais viver debaixo do mesmo teto, quer isso dizer que vais para a tua casa, a casa que eu te comprei para viveres com a tua filha – disse perentório.

- E tua também! A minha filha também é tua! – disse alto.

Afonso não respondeu. Sabia que ela estaria a provocá-lo até ele ceder.

- ...e, segunda feira – continuou num tom baixo e firme. - Depois dos feriados do Natal, ocupas a tua posição na loja das Amoreiras, é lá que conto contigo e ficas por lá. Quando eu quiser falar contigo telefone, ou vou à loja. Bom Natal Maria – e indicou-lhe a porta, sabendo que o gesto era grosseiro, mas a única forma de colocar fim àquela conversa.

Maria levantou-se, sacudindo o casaco comprido para o ajeitar.

- E se eu não for Afonso? – perguntou mesmo à porta do escritório, continuando a andar, e fechando a porta sem esperar pela resposta.

Afonso ouviu o carro a arrancar e largou o fumo do cigarro, preso dentro de si.

Aquela mulher só trazia problemas onde quer que estivesse. Maldisse o dia em que ela lhe batera à porta e ele a recolheu. Nesse dia, fechou a sua liberdade a sete chaves.



Joana encarou o filho com o semblante pesado de preocupação. Afonso terminou de fechar a janela do escritório e preparou-se para enfrentar a mãe. Não era fácil para ela receber Maria ali em casa, tinha consciência disso, mas a mãe tinha de entender que não a podia escorraçar como se fosse uma bandida da pior espécie.

- Mãezinha, aviso-te já que não quero falar sobre Maria. O assunto entre mim e ela está encerrado.

- Não acredito, Afonso. Essa mulher não vai desistir. Maria é matreira, ela não é a sonsa que tu e a Marta pensavam. Maria procurava sarilhos quando não estava com vocês..., as pessoas falavam filho, havia rumores – disse a medo. Não queria irritar o filho.

Afonso temeu que a mãe fosse dizer algo mais.

- Mas que rumores mãe? Esta gente tem pouco com que se entreter senão com a vida dos outros – bufou zangado.

- Ouvi muita coisa sobre ela às gentes da aldeia. Os homens falavam entre eles- disse Joana.

- Ora mãe, claro que falavam. Também falavam de mim e da Marta, porque é que achas que o pai dela me proibiu de a ver?

- Pois..., mas era diferente, e não é comparável. O Sérgio e a Teresa, só não queriam que vocês...estragassem os vossos estudos com algum... descuido.

E depressa lamentou ter deixado escapar aquele desabafo.

O descuido não fora com Marta fora com Maria e, o pior é que a miúda nem era filha dele. Joana abanou a cabeça. Não entendia, nunca entendeu a animosidade que sempre tivera pela rapariga. Não a suportava e, apesar de não ser preconceituosa, com maria Vargas, tornou-se assim que soube que Afonso assumira a paternidade da miúda.

- Tu és livre Afonso. Ou não? – ele acena que sim. – Então acho muito estranho que nunca tivesses ouvido falar dos avanços que Maria fazia aos homens da aldeia.

- Juro-te que não mãe. Também nunca me interessei por mexericos, estava ocupado a sobreviver – disse sem querer.

Joana sentiu um baque no peito. Por mais tempo que passasse nunca se perdoaria por ter permitido que o pai o maltratasse.

- Tens razão filho, não sei como me redimir desse pecado que cometi. Mas peço-te desculpa outra vez.

Afonso passou o braço em torno dos ombros da mãe e beijou-lhe os cabelos brancos.

- Desculpe. Não quis ser grosseiro, mas tem sido tantos os problemas que acabo por perder o discernimento. Vamos esquecer isto tudo?

- Afonso...és o pai de Beatriz?

Era tão fácil acabar com aquele pendenga. Bastava dizer que sim. Mas não queria mais mentiras na sua vida.

- Não, não sou – disse sincero e pesaroso. – Só no papel.

- Ainda entendo menos o que tens feito por elas -disse Joana.

- Foi uma questão de humanidade mãe. Fiz por ela o que os Ramires fizeram por mim ao protegerem-me na casa deles. Era incapaz de a deixar ao relento e grávida. A família voltou-lhe as costas e deram-na como desaparecida...que crueldade, já imaginaste? Era uma filha deles...e foram capazes de a renegar desta forma?

Apesar da explicação do filho, Joana não tinha a certeza do que ele dizia. Insistiu.

- Mas filho, eu compreendo se fores tu, diz-me a verdade- pediu. - Sei que eras jovem, e os jovens são muito apegados ao sexo ...tu sabes.

Afonso quase corou apesar de ser um homem feito. A mãe quando queria era muito insistente.

- Não mãe, eu disse a verdade – voltou a frisar. – Sossega a tua cabeça.

- Mas ela era muito sedutora, a Maria, mesmo quando era miúda... podias ter caído na tentação de...

- Chega mãe – disse a rir. – Não quero falar mais nesse assunto. Tens a capacidade de me embaraçar – disse saindo do escritório antes de perder a face por vergonha absoluta.

Joana aceitou parar, mas cada vez tinha mais certezas de que a jovem era sua neta, apesar do filho negar. Vira uma fotografia dela em criança num dia em que Afonso deixara a carteira aberta e vira semelhanças com Afonso, quando ele também era criança. A dedicação que ele devotava à jovem era grande demais para não existirem laços de sangue.

Em silêncio, colocou a comida na mesa e foi observando o filho. Tornara-se num homem grande, com H, e sem ficar agarrado ao passado. O seu menino crescera tanto que quase não cabia em casa. O orgulho que sentia e a culpa andavam de mãos dadas dentro de si, mas agora, passados quase quarenta anos e quinze sobre a morte de Adérito, não podia fazer nada senão aguentar a culpa e os remorsos.

**

A noite tinha sido revigorante. Na mente de Afonso, o assunto Maria estava resolvido e, se ela insistisse em incomodá-lo tomaria novas providencias. Tomou o pequeno almoço com a alegria estampada no olhar e saiu de casa com o blusão de cabedal preto vestido. Joana não quis dizer nada, mas temia que ele fosse andar de mota. Não achava que o filho estivesse capaz de se aventurar na estrada, ainda. Joana ficou a vê-lo pela janela e, quando o viu calçar as botas de borracha com que normalmente ia para o campo, sossegou a alma. Sabia o seu destino.

*

Lá em baixo avistou o velho bote de madeira pintado de amarelo e vermelho. Desde que era criança que estava ali. Ano após ano era reparado pelo senhor Joaquim carpinteiro e continuava a resistir ao tempo. Afonso empurrou o bote para a água e saltou lá para dentro. O rio era fundo, naquela zona e continha alguns bancos de areia. Contornou-os e chegou ao embarcadouro do outro lado. Prendeu o barco e subiu a escada de madeira até à margem. Conhecia de cor as ervas que emergiam da margem, as tábuas do embarcadouro e as pedras pelas quais subia. O dia estava frio a anunciar que era véspera de Natal. Afonso subiu a duna com a areia a escorregar por debaixo das botas e avançou pela margem até ao ponto onde enterrara a cápsula do tempo com Marta.

Junto ao velho salgueiro, que agora se encontrava nu de folhas, estava um vulto de mulher, sentada nas velhas pedras, embrulhada num pesado casaco de lã vermelho que lhe acentuava o negrume dos cabelos.

- Sabia que eras tu – disse ele.

Ela sorriu e levantou-se ficando quase colada a ele.

O abraço aconteceu. As mãos apertaram o corpo do outro e os corpos fundiram-se numa nuvem de emoções, cheiros e sensações corporais por saciar há muitos anos.

- Finalmente – disse Afonso estreitando-a a si.

- Há tanto tempo – gemeu Marta fundindo-se nele. – Se soubesses as saudades que tive de ti, meu querido.

As lágrimas correram pelas faces dos dois e Afonso, limpou-as com os dedos enquanto a beijava suavemente nos olhos, na boca, na face, no cabelo.

Ele quase que a esmagava com tanto amor e Marta recordou a primeira vez que teve noção que o amava.

- Lembras-te daquele dia em que encontramos a lata de costura da minha avó, lá no celeiro? – perguntou ela.

- Jamais me esquecerei de todos os momentos que passamos juntos e, se um dia isso acontecer, só pode ser por ter Alzheimer e aí, só não te vou conhecer, porque vou amar-te sempre – disse ele a rir.

Há anos que não ria com gosto.

- Pois então...discutimos nesse dia- disse ela. - Aquela coisa que nós fazíamos por teimosia, eu dizia uma coisa, tu dizias outra...

E ele continuava a beijá-la suavemente nos lábios tentando ganhar o tempo perdido.

- Nesse dia, meu querido, eu disse para mim própria que te amava – confessou ela.

Afonso afastou-se para mergulhar o olhar no dela perante a confissão.

- Marta, devias ter uns dez anos! – disse ele.

Os dois desataram a rir a bandeiras despregadas e Afonso sentou-se na pedra e puxou-a para o colo. Abraçou-a pelas costas e fechou os olhos, para ter a certeza de que ela ainda ali estava. Aquele abraço fora adiado vinte anos.

Lá em baixo, no rio, o vento soprava com força fazendo a rama das árvores ondular. O rio estava vivo e eles também. O cabelo ondulado de Marta, que Afonso não se cansava de acariciar, esvoaça pela sua cara entrando-lhe nos olhos.

De repente Marta afasta-se de Afonso e olhou-o enternecida.

- Que foi? – perguntou ele, mantendo-se sentado na velha pedra com ela ao colo.

Ela encheu o peito de ar e suspirou. Sorriu e os olhos brilharam intensamente.

- É como se ainda fossemos adolescentes, percebes?

Ele abana a cabeça concordando.

- Mas tornaste-te uma bela mulher e continuas a ser mais nova que eu – disse ele a rir.

- Sim, querido, mas o meu pai já não manda em mim, entendes? - provocou.

Marta olhou para o local onde as suas botas estavam a pisar e Afonso seguiu-lhe o olhar.

- Queres abrir? - pergunta ele.

- Não. Ainda não é tempo- disse com firmeza.

Afonso acata a decisão dela, mas ficou com duvidas sobre o assunto. Talvez devessem abrir e acabar com aquele mistério de vez.

Marta pensa em Maria Vargas e naquela tarde em que supostamente deveriam ir pescar no rio naquele recanto soalheiro onde os peixes acorriam e era possível vê-los da margem. Há quanto tempo é que ela andaria a enganar os amigos, a eles?

- Vamos andar um pouco no bote, até ao embarcadouro?

- Vamos – concordou ela. Era assim quando eram adolescentes. Percorriam o rio no barco, pescavam e conversavam horas a fio. Era assim que Afonso escapava muitas vezes aos maus tratos do pai, refugiando-se no meio do rio, onde ele não se lembrava de o procurar. Foi assim, num desses passeios que juraram amar-se sempre, fazia muitos anos, tantos que lhe perderam o rasto.

**

Entretanto, Dulce Moreira percorre o seu apartamento de luxo com as fotos que o detetive tirou a Tiago Vargas. Sempre a mesma mulher. Marta Simões, enfermeira, divorciada, residente em Lisboa, natural da aldeia de Galopim, concelho da Chamusca, distrito de Santarém. Dulce nunca ouvira falar dela. Tiago nunca mencionara nenhuma amiga de infância. Abriu o Facebook e digitou o nome. Existiam dezenas com o mesmo nome. Deslizou o cursor pela lista e clicou num perfil que podia indicar ser o dela.

Perfil privado.

Só pedindo amizade.

Não. Não ia sujeitar-se a pedir amizade a uma estranha, ainda que as amizades na rede social pouco valessem.

Acedeu ao Facebook de Tiago, através da password que conseguira obter com o programa espião e leu a última mensagem que ele enviara.

Marta, tenho saudades tuas. Vou passar o natal a casa dos meus pais, talvez nos vejamos. Diz qualquer coisa.

Tiago Vargas tinha os dias contados na vida dela. Depois do Natal, despedia-o da sua vida e quiçá do banco. Era fácil arranjar forma de o mandar embora. Uma simples inadequação às funções poderia servir. Não podia deixar de ser implacável com alguém que a atraía daquela forma.

Dulce preparou-se para passar a noite de Natal. A mesa posta para uma pessoa e a companhia do seu *chihuahua* Marlon, era tudo o que tinha numa época em que as famílias católicas do mundo se reuniam para celebrar o nascimento de Jesus. Sem pai nem mãe vivos, restavam-lhe dois irmãos a viver fora do país, e que se tornaram distantes desde a morte dos pais há mais de dez anos. A solidão era a sua companhia, sempre que não existia um amante, e hoje, sentia-se mais só que nunca.

Sem pressa, dispôs-se a pôr a mesa com requinte e ainda que fosse apenas para si, não abdicava dessa particularidade que herdara do tempo em que os pais eram vivos. Outrora, o Natal era sempre festejado a rigor na casa da família Moreira.

**

Entretanto, ainda no rio Tejo, Afonso prende o barco ao embarcadouro.

- Marta, hoje é noite de Natal, queres vir ter comigo depois do jantar? Acredito que os teus pais e a tua irmã continuem a deitar-se cedo agora depois de mais velhos. Tenho a certeza de que a minha mãe se deita cedo – disse para a incentivar.

- Sim, é uma hipótese...

- Hipótese Marta! – disse incrédulo. - Estas a despachar-me?

- Não querido. Não quero ir com todo o vapor...vai com calma. Comigo é assim, não sabes?

Afonso largou a corda para dentro do barco e abraçou-a.

Marta deixou-se abraçar, mas havia ainda uma pequena dúvida a martelar na sua cabeça: Maria e Beatriz.

- Querido Afonso – sempre o tratara assim desde menina -, sabes que fui eu que fiquei com a Cuca quando tiveste o acidente?

- Não – respondeu enquanto subiam a escada de madeira do embarcadouro. – Não sabia.

- Sim, fui. Quando a entreguei conheci a tua filha Beatriz.

Afonso soltou uma imprecação inteligível.

- Disseste o quê? – perguntou confusa.

- Marta...um dia falamos de Beatriz. Está bem? Hoje não. É Natal. Não quero aborrecer-me mais- disse enquanto prendia o barco ao cais.

Ela concordou.

De mão dada, subiram a rua do Tejo, que levava à aldeia. Para desviar o verdadeiro mal-estar iam apenas falando de banalidades.

- Estou a pensar ficar por cá mais tempo, pela aldeia- disse perscrutando o olhar dela. - Estou saturado da cidade e vou investir em produtos hortícolas gourmet – informou. – E construir a partir daqui uma exportação de produtos frescos para o país ou até para fora.

- Também estou farta de ser enfermeira. Em Portugal ganha-se pouco e também já não quero viver fora do país, embora em Londres fosse muito bem paga. Estava a pensar dedicar-me à estética feminina. Ganho mais e faço os meus próprios horários. Mas sabes como é, se digo isso à minha mãe, fica a dizer-me que eu tenho estudos, que não devia fazer isso...

Afonso, de pé, a seu lado, observava-a. Corpo esguio e cheio de formas, rosto sereno e definido, olhar profundo que adivinhava o pensamento dos outros. O dele.

Deu com ela a olhá-lo com insistência. Esperava uma resposta.

- É – concordou com ela. – A tua mãe não vai apoiar, no entanto podes fazer o que gostas, lá por teres um curso. Eu podia estar a ganhar muito numa empresa como gestor, mas prefiro trabalhar para mim. E acredita que ganho muito bem.

- Sim, acredito – disse ela. - Acho que vou pensar nesta hipótese a sério. Fiz uma série de formações em estética, nos anos que estive em Londres já a pensar em ser mais feliz, entendes? Mudar de profissão.

Ele concordou. Claro que entendia.

O diálogo entre eles era tão fácil. Sempre fora. Quando o motivo da separação era esquecido, parecia que não tinha passado tempo algum.

- E depois quero estar perto dos meus pais, da Sara e da aldeia. Gosto da calma e do sossego daqui.

E não acrescentou que também queria estar perto dele, porque não tinha a certeza em que ponto estava a vida dele com Maria.

Afonso sorriu.

- Os teus pais são pessoas maravilhosas. Nem imaginas quantas vezes desejei ser filho deles.

- Seu tolo! Isso fazia de nós irmãos – disse a rir.

- É, mas quando se é criança e se passa por aquilo que eu passei, tentamos fugir à realidade. Era muito cruel. O meu pai era um homem cruel e, por mais que a minha mãe afirme que ele era diferente antes da guerra, eu ainda tenho marcas do cinto nas costas, para me lembrar do contrário. Parece que o meu pai por vezes me confundia com os negros, ou simplesmente não gostava de mim, não sei e também já não quero perder muito tempo a pensar nisso.

Marta apercebeu-se que a voz e o rosto mudaram. Até a mão envolta na sua, mudou a pressão.

Afonso era assim. Se lhe perguntassem diretamente fechava-se em si e restava ao outro adivinhar o sofrimento que lhe ia na alma. Se o deixavam livre, ocasionalmente libertava trechos da dor que o incomodava. Marta notava-o mais duro e fechado do que na adolescência.

- Chegamos – disse ele a uns vinte metros da porta de casa de Marta. – Tem uma boa consoada e até logo – disse ele, beijando-a.

- Querido Afonso – riu-se- até logo, talvez.

- Marta- disse já distante. – Espero-te. Senão arrombo a casa dos teus pais e entro lá.

Marta deu uma gargalhada. Ele tinha um sentido de humor muito peculiar, sempre tivera.

Ficou a vê-lo afastar-se já com saudade. Ainda o amava tanto.



Já ele desaparecera na rua e virara a esquina da rua onde morava quando Marta resolveu entrar em casa. Eram horas de almoço e os pais deviam estar preocupados com ela. Teve consciência, pela primeira vez, que Afonso era um homem marcado pela vida, pelo pai e, por mais que tivesse ultrapassado o que vivera na infância, haveria sempre uma marca indelével, que o atormentaria o resto da sua vida, embora ele negasse. Quem vivesse uma situação de maus tratos, dificilmente a ultrapassaria ao ponto de poder dizer que não guardava mágoa da vida.

Entrou em casa e o cheiro da comida inundou-lhes as narinas. Todos os anos era assim. A mãe cozinhava comida para um batalhão de gente e depois comiam restos quase uma semana, porque nada se podia desperdiçar no entender de Teresa.

Era tão bom estar de volta a casa, à família, às tradições.

Era tão bom ter encontrado Afonso de novo.

- Marta! – ouve a mãe chamar da cozinha. – Vem almoçar filha!

- Já vou – responde. – Vou só lavar as mãos – respondeu como se ainda fosse uma criança e sorriu ao dar-se conta da resposta.

Mordeu o lábio e ainda sentiu o sabor de Afonso. Mais uma vez a memória levou-a para o passado. Devia ter uns doze anos e Afonso dezasseis. Estava a tornar-se num homenzinho, tinha voz grossa, pelos nas pernas e o mesmo encanto de sempre. Já naquele época era um *gentleman*, como costumava dizer Teresa. Naquele dia, um dia de primavera quando as flores silvestres já emprestavam salpicos de cor à lezíria e as aves guardavam os ninhos, Afonso apareceu lá em casa. Ia diferente. Contou que nesse dia o pai estava bem disposto. Não gritara nem lhe batera e que cada vez menos tinha surtos de loucura. Fazia algum tempo que a mãe o tinha levado ao médico a Lisboa e que Afonso o enfrentara de arma em punho. Afonso levava-lhe um livro que pedira à mãe para comprar em Santarém. Era o Monte dos Vendavais de Emily Bronte, e Marta ficou

radiante. Ainda hoje guardava o livro, dentro de uma caixa, fechada com um lacinho.

Abriu a gaveta e lá estava a caixa. Tirou-a para cima da cama e desfez o laço.

Cheirou o livro.

A memória avivou-se.

Naquele dia soubera que era amor para a vida inteira. E dissera-lho. Foi nesse dia que lhe confessara o seu Amor.

**

Afonso estava inquieto. Tinha coisas por resolver em Lisboa que não podiam ficar para o dia seguinte e antes que perdesse a coragem, meteu-se a caminho. Joana, ao vê-lo partir de mota logo a seguir ao almoço, levou as mãos ao peito. Só podia ser coisa de Maria Vargas. Não existia outra explicação para ele partir assim e, apesar de ele lhe garantir que não se demorava Joana temeu que ele não voltasse.

- Mãezinha, estou de volta em três horas. Não te preocupes. Eu estou bem. Daqui a Lisboa é um pulinho. Deixa-me ir antes que perca a coragem – dissera-lhe enquanto enfiava a cabeça no capacete.

Ao chegar a casa, em Lisboa, a casa que nos últimos anos estava habituado a dividir com Maria e Beatriz, esperava que ela já lá não estivesse.

Mal entrou, encontrou Maria na sala em frente ao televisor.

- Afonso...ainda bem que vieste...- disse ela levantando-se do sofá e enrolando as mãos uma na outra.

Afonso notou a ansiedade. Mas era agora ou nunca.

- Precisamos conversar. Aliás eu preciso – disse indicando-lhe o sofá e sentando-se no outro ao lado, distante dela.

- E Beatriz? – perguntou ele.

- Foi lancha com as amigas.

- Muito bem-disse ele. - É o seguinte. Hoje é véspera de Natal e podes ficar aqui, não quero que te mudes à pressa. Mas segunda feira, não te quero mais aqui. Beatriz pode ficar, mas tu não. Quero a minha vida de volta Maria. Já te dei vinte anos dela, e acabou. Está claro?

- Mas Afonso...

- Sem, *mas*, Maria...esta é a decisão final. Podes achar que estou a ser duro, mas no fundo tu sabes que tenho razão. E Beatriz já está bem

crescida para poder saber a verdade. E Maria, nunca te enganei em relação aos meus sentimentos por ti – disse com muita firmeza e seco.

- Saíste lá de casa com uma ameaça velada e Maria, eu não sou homem para tu ameaçares. Entendes?

Afonso viu a raiva no olhar dela.

- Tudo isto é porque ela voltou, a tua Marta, a santa! – gritou.

- A Marta não é santa, é uma pessoa comum, como tu deverias querer ser Maria. Está na hora de te deixares de esquemas. Não quero mais ouvir as tuas graças acerca de Marta, ou de quem quer que seja. Diz à Beatriz que estive cá. Transferi dinheiro para a conta dela, e para a tua. São prendas de Natal – e levantou-se do sofá erguendo o corpo atlético. - Adeus Maria. Até daqui a uns dias e espero, sinceramente, que resolves obedecer-me. Não me infernizes mais a vida, se queres salvar a nossa amizade.

Anteriormente dar-lhe-ia um beijo na face, mas hoje não.

Afonso saiu fechando a porta com cuidado e segundos depois ela ouviu o elevador a descer.

Ainda dentro do elevador Afonso teve noção que despoletara uma granada armadilhada para explodir. Assim que ela tomasse consciência do que terminara de dizer, poderia fazer uma loucura, como tantas que já fizera. Mas o cansaço de ser prisioneiro dos caprichos de Maria, era superior a tudo.

Lá em cima no apartamento Maria, ditava a sentença. Afonso não perdia por esperar. Ninguém se ficaria a rir de Maria Vargas. Isso fora no passado. Agora não – pensou.

**

Quando Marta olhou para o telemóvel já tinha umas quantas chamadas e mensagens de Tiago Vargas. Por uma questão de boa educação resolver devolver a chamada e aproveitava para lhe desejar bom Natal. Tinha consciência que o que estava a fazer estava repleto de lugares comuns, mas a vida era mesmo assim. Portanto, desejar bom Natal a outro ser humano, era algo que uma boa pessoa faria e Marta tinha-se na conta de boa pessoa.

Ouviu a voz de Tiago mal o telefone tocou duas vezes.

- Tiago, peço imensa desculpa por não atender, mas não tive disponibilidade até agora – disse como desculpa sabendo que não estava a ser verdadeira.

- Nunca tiveste Marta – disse ele de supetão. – Para mim nunca tiveste disponibilidade.

Marta notou a mágoa na resposta franca, sem qualquer filtro.

- Tiago, existem coisas que não se forçam. Tu sabes. Lamento imenso – não lamentava nada – que seja assim, mas não consigo fazer melhor. De qualquer forma, tenho por ti um apreço diferente de quando eramos crianças. Tornaste-te num homem melhor.

Ouviu-o agradecer com uma voz quase inaudível, percebeu ainda que ele lhe desejou feliz Natal e de repente o telefone ficou em silêncio.

Tiago premiu a tecla rápida para telefonar a Dulce.

- Vou a caminho da tua casa amor, estou quase a chegar – disse sem qualquer entusiasmo.

Se não podia ter Marta, não iria arriscar-se a perder Dulce. Não era a mesma coisa, mas a posição de Dulce no banco era muito proveitosa. Dulce não era jovem, mas tinha outras coisas que valiam muito, nomeadamente, dinheiro e algum poder.

Dulce não estava disposta a ficar com ele. Não depois de saber que ele arrastou a asa para outra mulher. Não tinha provas que tivesse ido para a cama com essa Marta, mas o que contava era a intenção. Tiaguinho, o seu Tiaguinho, quebrara a regra mais importância para ficar com Dulce Moreira – ser fiel de corpo e alma.

Demorou uns quinze minutos a chegar e, esse espaço de tempo foi suficiente para Dulce reunir a roupa de Tiago, colocá-la num saco que deixara à porta do apartamento, e esperar sentada, que ele aparecesse para o despedir da sua vida.

E ali estava ele.

- Querida – chamou ao abrir a porta. – Vem dar um beijo ao teu Tiaguinho.

Dulce ouviu as chaves a caírem no aparador do hall de entrada, a carteira a ser colocada junto às chaves e a porta da rua a fechar-se.

Os passos dos sapatos caros, ressoaram no mármore do chão.

- Que foi? Estás doente – perguntou tentando perscrutar o olhar dela e adivinhar a dureza que lhe viu.

- Não – disse seca.

Tiago fez intenção de se sentar ao lado dela.

- Não te sentes. Não vale a pena – a atirou-lhe com o envelope de fotos que o detetive lhe dera.

Tiago apanhou o envelope. Abriu-o e tirou uma a uma. Assim que viu Marta ao seu lado na tasca do Bairro Alto soube que o seu destino ali findara. No entanto resolveu apelar.

- Marta é uma amiga de infância apenas. Dulcinha, estás enganada quanto à natureza da nossa relação – disse sentindo uma frieza dentre dele que não era habitual. Dulce estava a irritá-lo.

- Não eras tu que odiavas aquela gente toda do teu passado? Esta é diferente? – perguntou. - Não creio – acrescentou. - Apanha as tuas coisas – e apontou para o saco de viagem – e vai-te embora. Não te quero mais aqui. Deixa as chaves por favor.

- Estás a ser injusta. Dulce...por favor reconsidera. Eu adoro-te e hoje é noite de Natal. Vá lá Dulcinha! - pediu

- Sai idiota! – gritou.

Tiago deixou de ouvir. Nunca suportara a humilhação. E de repente era como se o pai estivesse a gritar com ele a chamar-lhe imprestável e outros mimos de adjetivos.

Aproveitou a vantagem de estar de pé e ela sentada e jogou-lhe as mãos ao pescoço.

Apertou.

Dulce esperneou com os olhos esbugalhados, mas Tiago apertou mais.

Quando ela o atingiu na perna com o bico do sapato largou-a de repente.

Dulce caiu para o lado, em cima do sofá, inerte.

Desmaiou a cabra – pensou.

Vai aprender que não se brinca com um homem. Estava farto da merda da velha. Enojava-o.

Agarrou o saco a carteira e as chaves e foi até à porta. De repente voltou atrás.

- Feliz Natal querida – e saiu tal como entrara, pelo próprio pé, e com a sua dignidade intacta.



Noite de Natal

Em casa de Maria Vargas

Contrariada com a situação que acabara de lhe ser revelada Beatriz não esconde o seu desagrado. Questiona a mãe sobre a ausência do pai e, só depois de alguma insistência Maria responde à filha.

- O teu pai tem outra mulher. Escolheu uma boa altura para nos deixar- largou para o ar, tendo consciência do que semeava.

- Mãe...ainda se vão reconciliar, não vão? O pai volta esta noite, não volta?

Beatriz queria o pai de volta. Logo hoje que era véspera de Natal. Habitara-se ao longo dos anos a passarem a consoada juntos e só depois do jantar, o pai partia para casa da avó, aquela avó que nunca a quisera ver. Aquela avó que sempre a rejeitara sem que ela entendesse a razão.

Uma ideia começou a formar-se na mente de Maria à medida que envenenava a filha contra Afonso.

Era meio da tarde e a contrariedade de ter de deixar a casa estava a incomodar por demais. O ódio cresceu dentro dela ao ponto de desejar a morte a Afonso. Se ele morresse era bom. Beatriz era a sua única herdeira e o problema ficava resolvido.

Não. Não podia pensar assim. Afonso era o seu porto seguro, a sua trave mestra e ainda ia voltar. Marta Ramires ia rejeitá-lo de certeza. Ela não ia querer um homem que tinha uma filha adulta e uma mulher.

- Não creio Bia – respondeu ao fim de segundos. - Ele parecia-me muito determinado e sabes que o teu pai é muito teimoso. Amanhã ele volta - não se atreveu a dizer-lhe que tinham de sair do apartamento antes de segunda feira. Mas pensando bem...

- Quere-nos fora daqui até segunda feira – disse Maria de chofre.

Beatriz deu um salto na cadeira.

- Porquê?

- Já te disse, tem outra mulher.

O coração de Bia Simões, esstraçalhou-se naquele momento. O seu pai, o seu querido pai não era um homem cruel e muito menos um homem que traísse a esposa.

Na casa dos Ramires

Marta, a mãe e Sara ultimavam as iguarias de Natal. As três mulheres tinham um semblante calmo, revigorado e com esperança escrito no olhar. Teresa estava feliz de ter a família reunida passados tantos anos. Fazia muito tempo que Marta não passava a consoada em casa.

O telemóvel de Marta tocou. As três olharam-se e Marta espreitou o visor do objeto pousado em cima da mesa.

- Jorge – disse.

A mãe encolheu os ombros e Sara ficou imperturbável.

Era natal.

- Estou – disse.

- Marta meu amor! – ouviu a voz familiar do outro lado.

- Queres passar a noite de Natal comigo e com a minha família?

Jorge nunca desistia. Era tão possessivo que jamais deixaria de a importunar.

- Não. Sabes que não – respondeu seca.

- Nunca esqueceste o amor de infância, pois não?

- Não, não esqueci. Mas acredita que te amei muito.

- Estás com ele Marta?

- Não Jorge, e isso também não é da tua conta. Como é que tu és capaz de ter outra pessoa e fazeres-me isto? Feliz Natal Jorge. Fica bem. Dá um beijo à tua mãe por mim – disse de catadupa mas sem o incómodo que era habito.

Pousou o telefone na mesa. Desta vez Jorge não a irritara. Passara-lhe a *jorgite* ele não a afetava mais. Respirou fundo e foi espreitar o peru no forno.

Na casa dos Vargas

Há um par de horas que Tiago chegara à aldeia. Depois de deixar Dulce, conduzira freneticamente em direção a Galopim e encerrara o capítulo Dulce. Segunda feira ia começar a procurar trabalho noutra local, ou talvez aceitasse a proposta de trabalhar na arábia saudita para um árabe

que conhecera em Istanbul numa reunião do banco. Haveria de safar-se. Entretanto no próximo dia no banco, trataria das burocracias inerentes à rescisão de contrato voluntário, pois sabia que ela haveria de encontrar algo para o fazer despedir-se ou até despedi-lo.

Bebeu outro gole de whisky e o pai olhou-o de soslaio. Conhecia o filho e sabia que ele não aguentava o álcool, além de não gostar de beber.

- Pai...e se Maria estivesse aqui connosco? – disse de chofre.

José Vargas estremeceu. Aquele era um assunto tabu em casa, ia para vinte anos.

- Como te atreves? – disse em surdina o pai. – Que a tua mãe não te ouça. Não chega já o desgosto de todos nós?

Tiago emborcou o resto do copo.

- Ela era uma de nós – desafiou. - Como foi capaz de a dar como morta? Nunca quis saber o que lhe aconteceu?

- Não. Foi ela que quis assim. Cala-te Tiago! – berrou o pai. - Tu não sabes do que falas! – admoestou sem paciência. Puxou da caixa de comprimidos em cima da mesa ao lado do sofá e meteu um na boca. Estavam ali para as aflições.

- Nunca pensei que depois de tudo o que passamos na infância, ainda ficassemos sem a Maria. Não é justo. Tu arruinaste a nossa vida – disse com ódio.

O pai suspirou e limpou o suor do rosto. Estava ao ponto de explodir e dar uns tabefes no filho adulto.

- Meu deus Tiago, se foi para termos esta conversa, não devias ter vindo. Porque não ficaste na tua casa? Eu e a tua mãe estamos bem sozinhos – disse com raiva.

Tiago contraiu os maxilares até os dentes rangerem.

- Não tens desgosto de não teres os filhos em casa na noite de Natal? Até Sílvia, a tua querida filha, a perfeita, te voltou as costas. Há quantos anos não vês a minha irmã? Não é estranho que esta família não tenha nenhum filho por perto – questionou olhando fixamente o pai.

José Vargas remexeu-se na poltrona, estendeu o braço e avivou o lume na lareira. Sabia que um dia alguém o havia de confrontar, só não pensou ser Tiago. Palmira, a esposa, jamais o confrontaria. Era submissa daqui até à lua. Palmira era uma moira de trabalho e mártir. Nunca falava das filhas. O povo da aldeia quase esquecera que os Vargas tinham três filhos. Depois que Maria desaparecera, Sílvia saíra de casa num par de

meses. Conhecera um homem mais velho que a levou para Espanha e casou com ela. Sabiam que estava bem, tinha três filhos, mas nunca mais os visitara.

Numa ocasião em que foi de carro a Madrid, Tiago procurou-a em Toledo onde morava com o marido, mais velho que ela quase vinte anos, rico, e que se encantara com a beleza rara da irmã. Viviam da agricultura e criavam os filhos com amor. Os pais não sabiam que Tiago visitara Sílvia.

- Só quero paz, Tiago. Algo que não tenho desde 1966 – disse José Vargas.

- Nós não temos culpa. Não te mandamos para lá – ripostou Tiago.

- Pois não filho, foi o Salazar que me obrigou. Mas não imaginas o que eu passei. Não queiras nunca estar num sítio de guerra, nunca – disse com a voz a tremer.

Tiago calou-se. O pai nunca falara da guerra e muito menos lhe tremera a voz.

- Porque é que nunca nos falaste da guerra? – questionou.

- Porque não é bonito. Destrói os miolos d'um gajo. Vai contra tudo o que possas imaginar – esclareceu.

Naquela tarde, Vargas estava para falar. A revolta do filho com ele era do seu conhecimento. Fora o único que não o abandonara e, apesar de tudo, não o desiludira, mas era um revoltado, uma alma errante e por vezes quando pensava nas coisas que ele passara até se arrepiava. Podia ser um assassino ou algo parecido.

- Vi coisas horríveis na guerra filho – disse baixando o olhar para o fogo que crepitava.

Tiago sabia que vira e vivera. Quem gritava que nem um louco pela lezíria aos tiros, só podia estar transtornado. Hoje sabia o que motivava a loucura do pai na altura. Mas, na época, quando era criança, pensava que o pai o ia matar, que tinha feito alguma asneira e que ia ser castigado com a morte como os coelhos que ele costumava caçar nos campos.

- E fiz...fiz coisas horríveis – disse baixando a cabeça.

Tiago ficou atento. O que estava a acontecer ali era inédito.

No passado, quando revivia o que vivera na guerra, era nestas alturas que José Vargas bebia e depois endoidecia.

E contou ao filho que abatiam os guias que os levavam para o interior da floresta. Ele abatia-os a tiro. A primeira vez que o Capitão Moreira lhe tinha ordenado que o fizesse dissera-lhe:

“- Prepare-se nosso alferes; tem ali o turra que nos serviu de guia; leve-o uns quilómetros para fora do arame farpado e abata-o; já escrevi no relatório que foi abatido na tentativa de fuga em pleno teatro de guerra...”

E continuou a falar.

- A primeira vez que me ordenaram que matasse alguém, um destes guias, ainda tentei travar a coisa. Pedi ao capitão que me mostrasse a ordem por escrito. Deu-me ordem de prisão e acusou-me de estar feito com os guerrilheiros. Não tive hipótese. Alvejei o desgraçado e não dormi nessa noite, nem nas seguintes. Passados alguns dias deu-me nova ordem. E acrescentou que mandasse o homem abrir a própria sepultura antes de o matar. O homem abriu o buraco e depois quando já chegava para o tapar, pediu-me que o matasse de costas, virou-se para meca e pôs-se a rezar a Alá. Com a fúria de ser obrigado a fazer tal ato descarreguei o carregador nas suas costas. Saltaram pedaços do homem por todo o lado. Perdi a conta das vezes que fiz isso. Depois fiquei viciado. Nem autorizava que alguns soldados pudessem fazer o serviço – disse com a voz embargada. – Era eu que o fazia. Entendes? Tornei-me uma pessoa horrível. Um assassino. Um louco.

Tiago assentiu sem se atrever a perguntar o que fosse. Não podia estar mais surpreendido com o que ouvia.

Vargas continuou depois de limpar o canto do olho direito com a costa da mão.

- Não deixar o cadáver insepulto era uma regra. Nós não estávamos em guerra, dávamos apoio a populações desprotegidas, entendes filho? Tiago assentiu novamente em silencio. Nunca o pai falara tanto da guerra - ...foram coisas horríveis, nem imaginas. Um dia estávamos em transito e um estrondo levou o cabo Silva pelos ares. O Ramires, era enfermeiro e apressou-se a acudir ao homem. Quando lá cheguei passado o estrondo que me tinha posto surdo, julguei ouvir um choro muito alto. O Silva ria à gargalhada com as falanges dos dedos penduradas apenas por pele e as tripas de fora cobertas de terra e sangue e gritava.

“- O nosso Alferes, dê ordem ao nosso enfermeiro para me cortar os dedos – e ria que nem um perdido – não estão aqui a fazer nada e meta-se esta merda para dentro”. - Referia-se às tripas caídas por terra, que escorriam do buraco no ventre ensanguentado. O Ramires deu-lhe uma injeção de morfina e só aí é que o homem parou de rir. O Ramires suava em bica, limpava e laqueava as tripas do moço até o médico que socorria

outra detonação chegar. E quando já estava quase todo ligado o pássaro de ferro chegou para o levar. Mas o homem morreu no caminho do hospital. E podia contar-te dezenas de histórias destas vividas por mim e pelos camaradas.

- Pai, o Ramires é...

- Sim. O vizinho Sérgio, marido da Teresa. Mas o pior nem foi isso – e baixou mais a cabeça como se a quisesse enfiar dentro do lume de chão e queimar de vez as memórias. - Nunca contei a ninguém, mas a maioria dos meus camaradas serviam-se das miúdas das aldeias, umas à força, outras ofereciam-se para não morrerem e outras amancebavam-se com eles durante o tempo de comissão, lavavam-lhes a roupa e pariam filhos mulatos. Tudo para sobreviverem. Onde chegávamos tínhamos ordens para incendiar e matar o que fosse vivo. Os turras^{[8][9]} estavam em todo o lado.

Quando o comandante foi ferido na mesma explosão que o Silva, José Vargas ficou a substituí-lo por uns dias. Era o soldado mais graduado. O Alferes Vargas tomou o comando da companhia até vir novo oficial.

E continuou a vomitar as suas memórias atrozes.

- Duas semanas depois tínhamos outro oficial a comandar. O capitão Anjo, que também trazia a informação que a companhia ia sair em missão especial. Os agentes da secreta tinham fornecido informações seguras sobre o inimigo...

Tiago observava o sofrimento nos olhos do pai.

-...e lá fomos nós para terra de ninguém. Do pessoal daqui da aldeia, só fui eu. O Ramires ficou no aquartelamento e – Vargas hesitou – o outro, o Simões, estava noutra missão. O capitão disse-nos que íamos conversar com a gente da aldeia. Assim foi. Lá chegados separaram mulheres, homens e crianças. Os homens foram presos e torturados até à morte, a coberto da floresta a uns quilómetros da aldeia, dias depois as mulheres foram mandadas em missão especial acompanhadas por três militares até à orla da floresta e mortas a tiro, e as crianças foram convidadas para a mesa do capitão que lhe ofereceu as melhores iguarias. Não queria as crianças aterrorizadas – dizia o capitão Anjo. Durante o jantar foi dizendo às crianças que a seguir iam juntar-se às suas mãezinhas. Disseram-lhe que os pais tinham ido em missão à Guiné-Conacri e depressa viriam. E nós que sabíamos ser mentira, assistíamos à esperança no olhar dos miúdos. Mal o capitão deu a notícia que iam ver os pais, as crianças largaram o semblante de pânico que tinham nos olhos. Acabado o jantar...o capitão

fez-me sinal e a dois colegas e murmurou-me ao ouvido que embebedasse as crianças e depois as degolasse.

Vargas encolheu-se sobre si e chorou. Tiago compreendeu finalmente o homem que dava tiros para o ar durante a noite pela lezíria.

- Já chega pai...hoje não é dia de falar nessas coisas – disse horrorizado. Pela primeira vez na sua vida condeu-se com o homem que tinha na sua frente. E conseguiu imaginar a loucura que poderia advir depois de ter sido obrigado a degolar crianças. Ninguém que fosse são de mente, o ficaria depois de um episódio daqueles.

- Por mais que o tempo passe e eu tome todos os dias uns quantos comprimidos, a memória não apaga, entendes?

Tiago afagou o braço do pai – o gesto mais próximo que alguma vez tiveram – e colocou os olhos no chão. Não fosse a maldita guerra e ele teria tido um pai decente e próximo.

Na casa dos Simões

A campainha tocou estridente. Hoje era dia de visitas, pensou Joana. A campainha tocara todo o dia. Abriu a porta e nem precisou de perguntar para saber quem era.

- Venho ver o meu pai – disse a jovem.

Joana afastou-se e deixou-a entrar. Beatriz adentrou a casa, pisando firme nas suas botas de cano curto e apreciando a casa. A casa onde ela nunca tivera estado. A casa grande e senhorial do Ribatejo.

- Presumo que a senhora seja a minha avó – disse provocadora olhando para trás para a mulher que a seguia pelo corredor.

- Beatriz...- ouviu-se a voz de Afonso. – Deixa a minha mãe em paz. Ela não tem nada que ver com isto – admoestou.

- Pai...- disse a jovem já menos arrogante.

Afonso entendia os motivos dela. Maria era sua mãe e era mais que natural que a defendesse.

- Vem cá – disse da porta do escritório. – Vamos conversar.

Joana foi à cozinha e tomou um calmante daqueles que costumava dar a Adérito. Tantos anos depois, não esperava confrontar-se com a filha do demónio. Aquela garota, no seu entender, era o diabo em pessoa, tal como a mãe.

Meia hora depois, ouviu a porta do escritório a abrir-se e Beatriz a pedir desculpa a Afonso enquanto se despedia. Os saltos das botas

ecoaram pelo corredor até Afonso fechar a porta. Joana bebeu o resto da água que o copo continha e perguntou-se o que queria a rapariga na noite de Natal, que não pudesse esperar pelo dia seguinte.

- Mãezinha, vamos jantar. Desculpe a garota. Ela só está preocupada com a mãe.

Joana assentiu sabendo que Afonso mitigava o problema para não a aborrecer.

Na casa de Maria Vargas

Talvez se bebesse um pouco de whisky conseguisse serenar um pouco. Beatriz devia estar de volta brevemente. A bebida escorregava na garganta queimando a mucosa à sua descida e Maria voltava a encher o copo. Detestava álcool, mas precisava de uma anestesia.

Doía. Doía tanto que era como se faltasse um membro. Estava longe de ficar sem qualquer dor. Apanhou uma caixa de *paracetamol* do armário dos medicamentos e foi engolindo os comprimidos com golos de bebida.

A dor ia desaparecer.

Tinha a certeza.



A polícia judiciária arrombara a porta a pedido da direção do banco. Dulce não atendia o telefone, nem abria a porta a ninguém, fazia dois dias. Não era hábito uma profissional como ela fazer semelhante coisa. Os vizinhos não a viam fazia dias e Dulce não estava de férias, tendo mesmo coisas urgentes para resolver no banco.

- Está morta há quarenta e oito horas – diz o médico legista. – Foi estrangulada.

O inspetor Gimbra esperava que a equipe retirasse provas e deu ordem para levantar o corpo. A vítima não tinha família, vivia sozinha e nos contactos da agenda não foi possível descobrir um contacto que devessem avisar. Todos eram clientes. Dulce Moreira estava só.

- Dr. Lopes – disse ao médico legista. - Faça a autópsia e peça o resultado das análises forenses com urgência. Quero isso pronto ontem. Façam comparação de impressões digitais.

Dulce foi metida dentro de um grande saco preto. Acabava-se ali o reinado da dama de aço da alta finança de Lisboa.

**

Beatriz lê o bilhete pela milésima vez.

Querida filha. Talvez seja tarde para nós duas. Estou cansada da vida e sobretudo de mim própria. Tu não sabes, mas eu não sou quem pensas. Tentei proteger-te dos meus erros e o Afonso ajudou-me muito. Mas a minha essência está cá, é uma segunda pele e nunca me consegui livrar dela. O Afonso foi um anjo na minha vida e na tua, mas ele não pode carregar mais este fardo. Quero que saibas que te amo muito e sempre te quis. Filha, sê uma grande mulher, como já és e tenta fazer a tua vida. Desculpa, sou cobarde, não aguento mais, pensei que o Afonso me iria proteger para sempre, mas não. Só quero dormir filha, perdoa-me.

A tua mãe

A mãe era de cristal. Sempre soubera isso. Desde criança pequena que se lembrava de a ver frágil sempre que não conseguia o que queria. O pai era um bom homem, mas não amava a mãe. Beatriz também sempre o soubera. Lá em casa sempre houvera três quartos e os pais não dormiam juntos. Um dia na escola em conversa com as amigas perceber que só os pais dela não partilhavam a cama. Anos mais tarde, quando entrou na puberdade entendeu o significado dessa separação.

E a mãe era de vidro. Estilhaçava-se ao mínimo toque. Eles pensaram que ela não percebera, mas Beatriz sempre soubera.

- Está estabilizada por agora, mas os resultados dos exames ainda não saíram. Ela tomou muito paracetamol... – disse a enfermeira deixando subentender qualquer coisa que Beatriz não entendeu.

Beatriz mal a ouvia e também não sabia que uns comprimidos para as dores podiam causar tanto drama.

Guardou o bilhete que retiraram da mão da mãe, na malinha de mão e agradeceu a informação.

- A menina devia ir para casa e descansar. Está aqui desde ontem – aconselhou a enfermeira. - Não a podemos deixar entrar senão por breves momentos.

Ao ver a mãe entubada e ligada às máquinas teve a sensação que não era a sua mãe.

Era tão linda. A mãe era uma mulher esplendorosa. Fartos cabelos negros e olhos verdes, numa pele morena dourada, faziam dela uma princesa exótica.

Nada a preparara para o que encontrara em casa quando voltara de falar com o pai, na noite de Natal. A mãe estava desacordada no sofá da sala ao lado de uma garrafa de whisky vazia e de uma embalagem de analgésicos. Nunca imaginara que a mãe, uma mulher sempre tão enérgica e viva fosse desistir da vida perante uma contrariedade.

Fez uma afago na face da mãe, do que restava sem adesivo e tubos e saiu da sala. Confiava nos médicos. A mãe ia superar aquela fase. Por ora ia seguir o conselho da enfermeira.

**

Beatriz acabara de sair do banho enrolada numa toalha quando ouviu passos e vozes no hall.

- Pai...- disse com lágrimas nos olhos.

- Beatriz...que aconteceu?

A jovem não conseguiu segurar a emoção. Baixou a cabeça e deixou cair as lágrimas livremente. Até ali estivera sozinha e aguentara-se, mas agora podia partilhar a dor com ele.

Afonso abraçou-a e ela não precisou dizer o que se passava, para que ele adivinhasse.

- A mãe... - e soluçou. – Ela tomou uns comprimidos com álcool.

Afonso evitara ao longo dos anos que Maria fizesse asneiras. Tinha tendência para o disparate, sobretudo para coisas extremas. Um dia apontara uma faca ao peito e ainda fizera um pequeno corte, outro atirara-se na frente de um carro e várias vezes tentara tomar medicamentos em excesso. Afonso conseguira sempre manter Beatriz afastada desses atos de loucura.

- Que comprimidos?

- Uma caixa de paracetamol.

Afastada deles, Marta ouvia a conversa sem interferir, parada junto à porta. Marta sabia as consequências de tomar mais de 30 mg da substância.

- E quando foi isso? – perguntou Marta.

A jovem olhou finalmente para Marta e limpou as lágrimas.

- Ontem – respondeu seca passando a mensagem que Marta era uma intrusa.

- E porque não avisaste Beatriz? – perguntou Afonso.

- Ora pai, vocês estavam zangados e era noite de Natal. Pelo menos havia alguém que passava uma noite de natal sossegado. Já causamos tanto problema.

Afonso sabia que Beatriz era forte. Crescera com uma mãe feita de vidro, mas ele soubera contrabalançar essa fragilidade materna e ela erguera-se forte.

- E que dizem os médicos, filha?

Marta surpreendeu-se com aquela palavra tão íntima, mas depressa se recompôs, afinal ele criara-a como filha. Por isso era filha dele – aceitou.

- Não sei pai. Ela está ligada a umas máquinas, e tudo depende do resultado dos exames...

- Depende do tempo em que ela teve o paracetamol no estomago – disse Marta calando-se de imediato. Não queria ser a portadora das más notícias.

- Vou para o hospital outra vez. Vou-me vestir – disse Beatriz.

Mal a jovem saiu da divisão Marta olhou para Afonso com ar de preocupada.

- Diz – disse ele. – Eu sei que tu percebes do assunto.

- Se o paracetamol entrou todo na circulação, destrói os órgãos. Desfaz, entendes – disse Marta.

- Isso significa?

Marta assentiu.

Talvez não fosse assim – pensou Afonso tentando contrariar o pensamento negativo. Talvez ela tivesse tomado poucos comprimidos e os tivessem tirado a tempo. Não a queria como mulher, jamais a quis, mas Beatriz precisava da mãe.

Maria era uma mulher doente. Passado pouco tempo de Beatriz nascer, levou-a a um psiquiatra. Maria tinha reações estranhas, fazia coisas estranhas e sobretudo tinha uma forma estranha de lidar com o sofrimento – cortava-se. Cortava o interior das coxas com uma lâmina de barbear até escorrer sangue.

Patologia Borderline de Personalidade, dissera o psiquiatra. Fraco ou inexistente controlo dos impulsos, desfragmentação do ego, tendência para o dramatismo, automutilação, comportamentos de risco, quer físico, quer sexual...dissera-lhe o psiquiatra que a seguira desde essa altura. Nada era novidade para Afonso. Sabia quem e o que era Maria Vargas, pois carregava esse segredo há quase vinte anos.

- Queira Deus que não, Marta – disse Afonso. – Não queria mesmo nada que ela morresse.

- Vou telefonar ao irmão- disse Marta.

Afonso olhou-a surpreso.

- Ao Tiago- esclareceu ela perante a confusão de Afonso. – Depois explico.

**

Na casa dos pais Tiago refletia nas revelações que o pai lhe fizera. O que restara da noite de natal, com o pai cabisbaixo e a mãe sempre no seu silêncio sepulcral, fora pacífico. A essência da coisa residia no não dito. Tudo o que ambos não diziam, sabiam que existia, mas não falavam. Era um pacto inconsciente, que cedo, depois do desaparecimento de Maria, e da partida de Sílvia, tinham travado. Ninguém falava, mas todos sabiam que existia. Era como se tivessem um elefante ao canto da sala e fizessem de conta que não o viam.

Tiago levantara-se cedo e deambulava pela casa incapaz de sossegar o espírito. Havia qualquer coisa que não estava bem e estava a pensar que de repente tinha virado *gaja*, para estar com aquelas premonições, ou o raio que fossem. Dulce já lhe ocorrera ao pensamento várias vezes, mas a esta hora já tinha decidido o seu destino no banco. Esperava o pior da parte dela e talvez fosse isso que o incomodava. Aos quarenta anos não queria procurar emprego de novo.

A mãe há muito que descera e cuidava das panelas e da comida na cozinha. O pai dormia até tarde, efeito dos comprimidos como dizia.

O telemóvel vibrou no bolso das calças de ganga. O seu coração alegrou-se de repente.

- Marta! – proferiu com entusiasmo.

- Tiago, bom dia. Não tenho boas notícias...

Tiago adivinhou de imediato. Só podia ser a irmã porque Marta já esclarecera o que sentia por ele.

Quando Marta acabou de relatar o acontecimento estava devastado. Tinha de contar aos pais. Podia ser a última coisa que fizesse naquela casa, mas ia contar, mesmo sabendo que depois de quebrado o pacto silencioso e inconsciente que fizeram sobre o desaparecimento da irmã, nada voltaria a ser igual.

Tiago deixou passar umas horas até o pai se levantar para almoçar, ajudou a pôr a mesa, coisa que habitualmente não fazia, aliás, noutros anos, depois que Sílvia também tinha saído de casa, pela manhã partia para Lisboa e só voltava passados três a quatro meses. Aquela casa só lhe trazia más lembranças, mas hoje queria atenuar ao máximo o impacto da notícia nos pais.

Chegara a hora da verdade e acabara-se o tempo dos pactos inconscientes. Hoje todos iriam ficar bem conscientes da verdade.

Palmira olhava o filho com o temor no olhar e José quase adivinhava o que ia ouvir da boca do filho. Depois da conversa de ontem só faltava um assunto – Maria.

- Não há uma forma de dar más notícias, pelo que vou direto ao assunto. A Maria está entre a vida e a morte. Tomou uma série de analgésicos e está hospitalizada com lesões graves nos rins.

Palmira deu um grito que que estremeceu a casa e soou pela vizinhança até o som se apagar. Lá fora os cães uivaram e as aves de capoeira agitaram-se. O céu estremeceu e a mãe caiu redonda no chão.

José deixou cair as lágrimas, finalmente, com uma expressão de terror no olhar.

A mãe, estendida no chão com o pai debruçado sobre ela, parecia um farrapo. Encolhera metade do seu tamanho.

Tiago percebeu naquele instante que só o pai sabia o paradeiro da irmã, a mãe julgava-a morta.

- Pai, sabias onde estava a Maria, certo? – perguntou enquanto ajudava o pai a colocar a mãe no sofá.

José assentiu.

- Mas a mãe não sabia, pois não? – disse olhando para a mãe, que recuperava a consciência sob os cuidados do pai que lhe passava um pano frio na testa.

Vargas confirmou.

- Então está na hora de acabar com o mistério. Passado pouco tempo de ela ter desaparecido via-a com o Afonso Simões em Lisboa...e grávida. Nunca me aproximei porque imaginei que ela não me queria por perto.

Uma hora depois o semblante de Palmira tinha melhorado um pouco, já o marido, o grande responsável pela fuga da filha, oscilava entre a impaciência e a raiva.

- Se tenho uma filha viva e uma neta, quero vê-las – disse Palmira. – Vou arrumar uma mala e vais levar-me a Lisboa, filho.

- Não! – gritou o pai. - Ninguém sai daqui – vaticinou dando um murro na mesa.

Palmira não se deixou intimidar. A presença do filho deu-lhe forças.

- Nem que seja a última coisa que faço na vida, homem! – gritou também Palmira. – Chega de aturar as tuas merdas!

Tiago temeu que os pais entrassem em rutura depois daquela revelação ou que o pai agredisse a mãe num ato de fúria.

- Tu é que sabes – disse a chorar – ela não é digna de nada... - disse perante a surpresa do filho e da esposa.

- Pai, a Maria é tua filha...- apelou Tiago. – Tem pena da mãe, então? Não chega já de sofrimento nesta família?

José Vargas pegou os olhos ao chão, como se quisesse entrar por ele dentro e preparou-se para revelar o segredo que o atormentava há anos. Palmira já tinha saído para se preparar para partir para a cidade com o filho.

- Filho, há coisas que um homem não consegue engolir...ter uma filha como Maria, foi a maior vergonha da minha vida...

- Pai, os tempos são outros. Não faz sentido não perdoar o que quer que seja que a Maria tenha feito. Ela e Afonso têm uma filha...

- Não! Não têm! O rapaz só remediou um erro que não era dele, nem sei como se deixou ir- respirou fundo - por causa dela deixei morrer um companheiro. A Maria foi sempre uma desavergonhada...tu não sabes. Os homens da aldeia – e chorou compulsivamente – falavam. Um dia dei-lhe uns tabefes e proibi-a de sair de casa, mas ela fugia e a tua mãe não tinha mão nela – censurou apontando para Palmira.

- Mas pai, dizer que ela tinha morrido afogada no rio? Porquê?

- Porque eu não suportava a vergonha de saber que ela andava com os homens da aldeia, escondida por esses milheirais ao longo da lezíria. A tua irmã...

- Pai, ela tinha quinze anos...não pode ser! – disse incrédulo.

- Pode. O último com quem ela fez essa pouca vergonha... foi com...

- Não quero saber pai! – disse Tiago num tom mais alto. Não quero ouviste! Guarda lá essa merda para ti, chega! – vociferou.

E saiu da sala, deixando o pai sozinho com a sua raiva, vergonha, fosse lá o que fosse. Devia existir uma forma melhor de resolver a situação da irmã, na altura sem ser pô-la na rua como um cão vadio.

- Mãe! – chamou da porta da rua. – Vamos embora.

Palmira apareceu com uma mala pequena na mão. Lá dentro uma muda de roupa, dinheiro suficiente para comer uma semana e a camisa de noite. Não arredava pé de perto da filha, nem que a morte a levasse.

Na sala José Vargas continuava com o seu segredo. Ninguém, nem o filho, quisera saber. Podia ir preso, que não se importava, mas como ninguém iria acreditar nele, era melhor guardar o segredo para si.



Na aldeia ribatejana a vida continuava igual. Ninguém, além das três famílias sabia a tragédia que se anunciava mais uma vez.

Palmira estava finalmente perto da filha e, para que ficasse com os últimos momentos só para si, Afonso e Marta deixaram-na com Beatriz, a neta. As duas teriam muito para falar.

Entretanto, no Parque das Nações, a polícia tirava um cadáver de um apartamento. A porteira do prédio, sabia que a proprietária estava lá dentro e estranhou a rotina. A doutora Dulce Moreira, saía todos os dias para fazer a sua corrida, fosse verão ou inverno. A senhora era tão elegante apesar da idade – dissera ao inspetor Gimbra.

- Se precisar de mais algum esclarecimento entrarei em contato senhora – disse o inspetor. – Entretanto, não entra ninguém no apartamento sem as investigações estarem concluídas.

Não havia sinais de arrombamento, nem objetos destruídos. Apenas a vítima com as mãos de alguém desenhadas no pescoço e inerte, sem vida. Quem quer que a matara pertencia à sua esfera de conhecimentos. Mas quem? Não se lhe conhecia nenhum amigo ou relação.

Em casa de Marta, ela e Afonso, descansavam um pouco.

- Parece que as tragédias não nos largam! - disse Afonso pesaroso.

Marta assentiu.

- Creio que ainda virá mais por aí. Maria não se vai safar. O paracetamol destruí-lhe os rins. Foi uma grande quantidade- disse Marta tentando preparar Afonso para o pior cenário.

- A Maria sempre foi assim. Por qualquer coisa tentava matar-se. Quando ela me apareceu, há vinte anos, estava toda cortada nas pernas. Cortara-se com uma lâmina da barba antes de fugir de casa.

Marta arrepiou-se. Atendera muitos jovens na urgência com cortes, ao longo dos anos, mas continuava a incomodá-la as pessoas precisarem de se mutilar, para aliviar o sofrimento.

- Não tem sido fácil todos estes anos, senão fosse a miúda e eu saber que o pai um dia a matava se ela voltasse, levava-a de volta para casa dos

Vargas. Mas não tive coragem e deixei-a ficar. Registei a Beatriz como minha filha e fomos vivendo – disse com o olhar ausente.

- Vem cá – disse Marta. E ele sentou-se a seu lado passando-lhe o braço pelos ombros e estreitando-a a si. – Vamos deixar o tempo passar. Creio que amanhã teremos novidades. Se ela passar estas vinte e quatro horas, safa-se. De contrário... - disse Marta.

Ele assentiu. Mantinha-se firme, mas ia sentir a falta de Maria. Queria-lhe bem, ela era como uma irmã, e havia Beatriz, a sua querida Beatriz, que criara como uma filha.

Se alguém lhe dissesse naquele momento que a vida era justa, os dois responderiam que não. Nem Afonso, nem Marta tinham predisposição para mártires, no entanto, a vida neste momento quase os colocava nessa posição.

Afonso cozinhou para os dois e depois de saberem que não havia alterações no estado de Maria, restava-lhe dormirem porque o dia seguinte era o regresso à rotina.

- Marta – disse Afonso. – Esperamos vinte anos, para nos podermos encontrar de novo, mas este não é o cenário que eu imaginava...- e olhou-a com amor e pesar.

- Vai Afonso. Eu não vou a lado nenhum querido. Vai dar apoio à tua família. Afinal ela é tua filha...

- Marta ela...- disse com vontade de revelar a verdade – deixa. Um dia falamos do assunto.

Marta abraçou-o e ele deixou-se abraçar pela mulher que sempre amara.

- Estás maior sabias? – disse ele. – Cresceste...

- Afonso, só tu para reparares em pormenores. Referes-te àquele tempo, quando eramos garotos?

Ele assentiu.

Naquela altura tinha pouco mais de dezasseis anos.

- Uhhh- murmurou ele.

- Desde que nos abraçamos a última vez. Não me esqueci – disse ela.

- Nem eu- e tapou-lhe os lábios com os seus.

**

Fazia uma semana que Maria estava ligada às máquinas de suporte de vida. Palmira, Beatriz e Tiago, revezavam-se no hospital na esperança que ela acordasse. Ficara claro para a jovem Beatriz quem eram aquelas

peessoas e porque é que estavam ali, no entanto, não percebia porque é que não tinham aparecido antes, há muitos anos. Mas agora não ia perguntar. Mais tarde, quando a mãe estivesse boa, iria questionar o que se tinha passado há vinte anos. Mas era estranho ver aquela mulher idosa à cabeceira da cama da mãe a falar com ela horas a fio com tanta ternura.

- A mãe não ouve - disse. – Não vale a pena cansar-se tanto senhora Palmira – disse Beatriz já com os nervos à flor da pele.

Aquilo mexia-lhe com os nervos sobretudo porque a avó, aquela mulher que dizia ser sua avó, não era de grandes conversas. Olhava para ela, como se a estivesse a adorar e não proferia palavra.

O pai estivera lá de tarde e informou que ia até Galopim e que se fosse preciso alguma coisa, viria de imediato. Beatriz estava acompanhada e ele sentia-se um inútil ali. Esse sentimento era novo para Afonso. Fizera tanto por Maria, que quase achava impossível agora não poder fazer nada.

- Não há melhoras mãe. Está ligada às máquinas, só isso – informava Afonso, à mãe, horas depois, sobre o estado de Maria.

Joana lamentava que a jovem acabasse assim. Não queria que mais ninguém sofresse naquela história, nem mesmo ela.

- É de lamentar que Maria acabe tão cedo. Coitada da filha – disse Joana fazendo um afago no braço do filho. Era visível o seu abatimento. Nem agora que escapara de um acidente e encontrara Marta, tinham sossego para reatarem o que deixaram inacabado há vinte anos.

- E Marta? – perguntou.

- Está na casa dos pais. Vou até lá.

Joana beijou o filho e deu-lhe a sua bênção. Queria tanto que ele fosse feliz.

Entretanto, na casa dos Ramires, Sérgio ouve uma mota a entrar na quinta e chegou ao alpendre para verificar quem chegara.

Sérgio riu-se para o homem que se desapareara da potente mota, entretanto. Sabia que com a volta de Marta, Afonso ia reaparecer.

- Venha de lá esse abraço, homem! – disse Sérgio. – Faz anos que não te vejo Afonso.

Os dois homens abraçam-se com sentida emoção. Sérgio era o pai que faltara a Afonso e para este, ele era um filho.

- E Marta?

- Não me enganei! Logo vi que a visita não era para mim. A Marta e a mãe foram a Vila Franca. Vem, vamos sentar um bocado e pôr a conversa

em dia.

Afonso acompanhou Sérgio até ao alpendre e sentou-se na cadeira de baloiço enquanto ele foi buscar cerveja ao frigorífico.

- É tão raro ter aqui alguém de visita que não vou permitir que te vás embora já- disse Sérgio.

- Fico da melhor vontade, e se me oferecerem de jantar ainda melhor.

- Então que fazes por aqui de novo? Além do motivo ser óbvio.

Afonso deu uma gargalhada.

- Sérgio, você sempre foi tão direto. Gosto disso. Olhe...acho que vou investir em agricultura, coisas muito específicas para vender nas minhas lojas ou exportar se tiver excedente...- revelou.

- Sinto falta daqui, embora por vezes ainda me lembre do que se passou...mas enfim. Olhe, o melhor da minha vida sempre foram vocês, a sua família e agora que a Marta voltou, não quero afastar-me muito. De qualquer forma, este projeto já era antigo...

Sérgio sabia ao que ele se referia quando se referia ao que se passou.

- O teu pai era um homem normal, antes de ir para a guerra, embora penses que não. A guerra faz coisas terríveis a quem participa nela.

- O senhor nunca foi como ele... e desculpe discordar. Creio que ninguém conhecia bem o meu pai, nem mesmo a minha mãe.

Sérgio adivinhou a desconfiança que Afonso ainda tinha em relação ao pai.

- Somos diferentes, eu e o teu pai éramos homens diferentes...mas estivemos nos mesmos cenários de guerra, sabias?

- Não sabia – disse Afonso curioso. – Nunca tive oportunidade de falar com o meu pai sobre o assunto, assim, como estamos aqui a falar. Depois fui para Lisboa e enquanto ele foi vivo, não vinha a casa, como sabe.

Sérgio sabia. Sabia o que aquele homem tinha sofrido com um pai enlouquecido pela guerra.

- Tens de perdoar Afonso. Por ti, não por ele. Há alturas na vida que um homem tem de viver em paz – aconselhou Sérgio.

- Já perdooi. Foi muito difícil, mas a certa altura, só queria libertar-me do ódio que sentia. Não sei se lhe perdooi, se perdooi a mim mesmo por não conseguir perdoar-lhe, mas já não vivo a pensar nele.

Afonso não contou que ainda o odiou por muitos anos, sobretudo depois de Beatriz e Maria fazerem parte da sua vida.

Os dois homens ficaram à conversa até anoitecer e, quando ouviram um carro adentrar os portões da quinta, já tinham a conversa em dia. Fazia muito tempo que tinham tido uma conversa assim, de homem para homem. A última fora quando Sérgio o chamara para lhe dizer que o proibia de deambular com Marta pela lezíria e acrescentara que era para bem dos dois. Naquele dia, Afonso ficara desiludido com o homem, embora compreendesse o pai.

Marta correu para Afonso quando o viu e ele enlaçou-a fazendo-a rodopiar no ar. Pareciam crianças ainda.

Sérgio, Teresa e Sara deixaram-nos a sós com um sorriso de cumplicidade. Tinham de recuperar o tempo perdido.

Mais tarde ao jantar Marta disse ter algo a comunicar. Sérgio e Teresa olharam um para o outro.

Era inevitável. Sabiam que o que viesse a seguir, tinha a ver com os dois.

- Aluguei uma pequena loja em Vila Franca, vou abrir um salão de estética.

- Mas Marta! – refilou a mãe. – Tantos anos a estudar para agora ires tirar pelos das pernas das mulheres! Nunca pensei!

- Mãe, a enfermagem não é o que eu pensava. Aqui em Portugal ganha-se mal e os enfermeiros continuam a ser os criados dos médicos, não compensa de forma alguma, na minha opinião, trabalhar nesta área. Não, depois de já ter ganho cinco vezes mais que no meu país. Não volto mais para o estrangeiro, porque não quero estar longe de vocês, e também não quero mais fazer turnos loucos. Vou ser feliz neste trabalho, vais ver, mãezinha e depois quem sabe se volto a estudar de novo – disse para não os desiludir.

-Eu bem te disse Marta, devias ter escolhido outro curso – disse Teresa. – Tu e essa mania de cuidar dos outros.

Teresa estava zangada. Os estudos para ela tinham uma importância vital e a filha estava a desperdiçar esse conhecimento e, para ajudar, Afonso e Sérgio incentivaram-na.

Se Teresa pudesse teria estudado, e não teria de trabalhar no campo grande parte da sua vida.

Horas depois, junto à lareira, depois de os pais e Sara se terem recolhido, os dois estavam aninhados no sofá.

Marta sabia que Afonso estava preocupado com o estado de Maria.

- Marta...
- Sim querido?
- Está na altura...
- Eu sei. Amanhã abrimos a nossa cápsula do tempo.

Mas, durante a noite, Maria entrou em morte cerebral. Os órgãos entraram em falência total. O paracetamol ingerido tinha sido numa dose mortal.



O dia amanhecera frio e enevoadado. À medida que se aproximava do local, Marta teve a sensação de caminhar num cenário do *Senhor dos Anéis*. O frio húmido vindo do rio entrava-lhe pelo cabelo e pela gola da blusa causando-lhe arrepios pelo corpo mal agasalhado.

Esperara vinte e dois anos para abrir o segredo que enterrara tão fundo quanto a caixa estava. Recordava-se como se fosse hoje da tarde em que combinara com Afonso enterrar os seus segredos numa caixa para serem abertos um dia, quando já fossem velhinhos e assim, esses segredos, ficarem a salvo do conhecimento dos outros. Apesar de jovem tinha consciência do estrago que uma revelação daquele tipo teria nas três famílias.

Naquela época Afonso pedira uma caixa de madeira à mãe, levava-a para a quinta dos Ramires e durante umas semanas, reuniram tudo o que pretendiam colocar lá dentro, além de pintarem a caixa, e a forrarem a tecido no interior. Marta tinha um segredo do qual se queria livrar, que não podia contar a ninguém, nem a Afonso, e esse era o primeiro a ir para lá. Escreveu uma carta ao futuro e revelou o que presenciara naquela tarde no milheiral, embora talvez não tivesse entendido bem o que vira. Ainda hoje tinha dúvidas. Afonso reuniu uma série de cadernos que disse serem o testemunho do horror vivido pelo pai na guerra, e deu-lhe o mesmo destino. Os dois, apesar de terem consciência daquela ação, queriam acreditar que a profundidade da terra, encerraria os seus medos e segredos, digerindo-os ao ponto de os fazer desaparecer, como se a terra se tratasse de um estômago gigante que tudo podia digerir e fazer desaparecer no tempo.

Ilusão.

Tudo permanecia como antes nas suas mentes – confuso e doloroso.

Avistou Afonso sentado na velha pedra, mal dobrou a duna. O restolhar das botas de borracha nas ervas altas despertou-lhe a atenção e Afonso soergueu-se, olhou-a e abriu os braços para que Marta se refugiasse neles.

Afonso não precisou de dizer mais nada. Maria estava morta.

Afonso pegou na velha enxada, já torta e comida pelos anos a cavar, e começou a abrir o chão golpeando-o. Não estava assim tão fundo como lhes parecera. Uns centímetros abaixo do nível do solo, a enxada tocou em algo duro e oco.

- Curioso. Pensava que estava mais fundo. O tempo altera a nossa percepção – disse Marta.

Afonso concordou e acabou de retirar a terra que cobria a caixa. Com as mãos nuas, raspou a terra que restava agarrada ao plástico grosso que envolvia a caixa.

- Parecia-me maior – disse Afonso manuseando o volume.

Afonso colocou a caixa em terreno direito e ambos retiraram o arame ferrugento que sustentava o embrulho.

Aos poucos a madeira apareceu sob as várias camadas de plástico.

- Está intacta. O plástico protegeu a madeira – disse Afonso terminando de arrancar o material impermeável da caixa.

Com uma pequena chave Marta abriu a fechadura e ambos olharam lá para dentro como se fossem encontrar um tesouro, ou, pior que isso, algo muito macabro.

Na caixa forrada de tecido às flores, as cores mantinham-se intactas. O conteúdo também. Marta olhou o seu embrulho com receio. Estavam prestes a abrir uma caixa de pandora, dentro da caixa do tempo, sabendo que depois não era possível fechá-la mais e que o impacto podia ser desastroso. Apreensiva viu Afonso meter a mão lá dentro e estender-lhe o maço de papéis embrulhados.

- São os teus – disse ele.

De seguida retirou o seu.

- E agora Marta? Lemos em voz alta? Ficamos assim? Ou queimamos tudo e fingimos que o conteúdo não interessa? – perguntou ele.

- Não. Vamos falar sobre isto – disse mostrando o envelope. - Vou ler e quero que tu oiças, já não faz sentido guardar o segredo, ainda que fique apenas entre nós.

E começou a ler...

Afonso ouvia e mantinha-se sereno. O texto era curto e não era conclusivo, mas quando Marta descreveu que viu o pai de Afonso a deitar-se com Maria Vargas no milheiroal, Afonso não pareceu surpreendido.

Marta perscrutou o olhar dele e o que viu assustou-a.

- Tu sabias?

Ele confirmou.

- A Beatriz é minha irmã – disse sem rodeios.

Não havia porque manter o segredo.

Marta sentiu um baque no peito. Então estava certa. Durante anos duvidou de si própria e, quando dias mais tarde depois de ter presenciado a cena, tentou sondar Maria e ela respondera-lhe que o pai de Afonso era um porco, mas que o colocara no lugar dele, ficou ainda mais confusa.

- E Beatriz sabe? – perguntou de imediato.

- Não. Para ela eu sou o pai dela. Era tudo tão sórdido que não tive coragem de lhe contar. Beatriz era uma criança inocente, estendes?

Marta concordou.

Afonso ergueu-se, meteu o embrulho de papéis em cima da pedra grande, sacudi as mãos e encheu o peito de ar.

Marta sentou-se na pedra, para aguentar o peso da revelação.

- Durante anos pensei que Maria tinha morrido, afogada – disse ela. - Que história triste e...como é que tu conseguiste lidar com isto estes anos todos? - pergunta Marta.

Ele virou-se na direção do rio, incapaz de a olhar.

- Queres mesmo saber? Muitas vezes pensei em ir lá a casa esfregar esta filha na cara do meu pai, mas não tive coragem. Estava tão cansado de o ver na minha frente e a maltratar-me que fiquei inerte. Criei a Beatriz e aturei a Maria. Também, pouco mais me restava senão os negócios. Olha Marta, podes pensar que é pouco para uma pessoa como eu, desejar tão pouco para a vida, mas acredita, quando soube que tinhas casado e saído do país, achei mesmo que a minha missão era esta. Sem ti, já pouca coisa fazia sentido. E depois esta missão que tomei de cuidar da minha irmã e da mãe dela, por um certo lado até me fez bem. Reconciliou-me com a vida. Sempre fui uma pessoa de fazer bem, tu sabes.

- Sim sei. Mas Afonso, eu passei ainda uns bons anos por cá. Perdi o teu contacto e nunca mais te vi, mas tu sabias onde eu estava. Tantas vezes perguntei à tua mãe por ti, e ela me respondeu que não sabia, que desisti! – protestou.

- Eu não queria ser encontrado. Tinha vergonha do que estava a acontecer. Telefonava à minha mãe, mas não ia a casa. Não queria ver o meu pai de forma alguma e muito menos que soubessem que estava com a Maria - disse ao mesmo tempo que levantou o embrulho de papel, atado com um cordel. – Sabes Marta, aqui está a confissão do meu pai.

Marta não queria acreditar.

- Mas Afonso, isso significa que...

- Que eu já sabia o que o meu pai andava a fazer com a Maria quando fizemos a cápsula. Sim eu sabia. Um dia, daqueles em que ele estava mais normal, e depois de ter começado a tomar a medicação do psiquiatra, vi-o a escrever num caderno e a escondê-lo na escrivaninha fechado à chave. Em seguida escondeu a chave, mas eu sabia onde estava. Quando os meus pais foram dormir, desci e entrei no escritório. Foi fácil abrir a escrivaninha, não foi fácil ler o que ele lá tinha escrito. Entre coisas que se passaram em África - o caderno remonta a essa altura - tinha também os devaneios com Maria. Maria foi a última jovem que ele...- não teve coragem de continuar.

Marta continuava impávida. Nunca imaginara sequer que ele sabia o que o pai andava fazendo.

- Mas o que me custa mais, é que ele podia alegar loucura, ou algo parecido quando veio da Guiné, mas Marta, quando ele se meteu com a Maria, fazia tempo que não tinha acessos de loucura, nem me batia. Sabes o que está aqui?

Marta não sabia e abanou a cabeça.

Afonso respirou fundo e baixou os ombros tensos.

- O meu pai era pedófilo. Sempre gostou de meninas pequenas e registou a sua tara nestes cadernos durante anos. Não era a guerra, era a maldade, o meu pai era mau. A guerra serviu-lhe para dar largas à sua tara por meninas – e levou as mãos à cabeça.

- Não é tara no sentido que lhe dás, é doença, querido. O teu pai era doente.

- Doente, mau, maldoso, pedófilo, seja lá o que for, não quero revelar nada disto ao mundo. A minha mãe não ia aguentar, entendes?

- Claro, e os outros não tem de saber o que se passa no seio das famílias, a não ser que seja crime público.

E era, mas já prescrevera e ambos sabiam.

Afonso concordou.

- Já prescreveram Marta. Todos. Portanto, vamos encerrar aqui este ciclo da minha vida. Para mim basta-me que tu saibas, e desculpa dar-te este fardo para carregares.

Ela abraçou-o com uma ternura do tamanho do mundo. Afonso estreitou-a, beijou-lhe os lábios frios fustigados pela temperatura e disse.

- Vou tapar o buraco e depois, queimamos tudo. A caixa e os papéis.
Ela concordou, mas ficou com uma dúvida.

- Afonso, esses cadernos do teu pai são os originais?

- Sim, são- confirmou. – Tirei-lhos. O meu pai sabia que não podia revelar o que estava escrito e por isso calou-se e nunca se deu por roubado. Penso que ele morreu a culpar a minha mãe de lhos ter tirado.

Duas horas depois partiam para Lisboa para ajudar Beatriz a tratar das burocracias do funeral.

Ao chegarem ao hospital, Beatriz, lança-se nos braços de Afonso inconsolável. Chorou descontroladamente durante tanto tempo que Afonso perdera a conta. A um canto da sala que antecedia a morgue do hospital, Palmira encolhera de desgosto. Nem lágrimas, nem gritos, nem lamentos, apenas uma dor visível e imensurável. Tiago cumprimentou Afonso com o olhar e passou o braço em torno da mãe, amparando-a.

Passado um tempo sem fim para todos, Beatriz limpou as lágrimas e afastou-se um pouco de Afonso, o suficiente para Marta ficar no seu campo de visão. O olhar da jovem mudou de imediato.

- Porque é que ela tem de estar aqui? Tinhas de a trazer? – interroga-o de forma acusatória.

Afonso afastou-a de si e olhou-a com firmeza e carinho.

- Bia, percebo que estás a sofrer muito. Mas acredita, filha, não conheces toda a verdade. Estamos todos aqui, e todos temos lugar na vida da tua mãe, e acredita, depois do funeral, vamos esclarecer tudo o que há para esclarecer- vaticinou.

Beatriz olhou o pai atónita com a conversa, sem perceber onde queria chegar e fixou o olhar na porta a abrir-se.

José Vargas entrou completamente vestido de negro.



O vento soprava forte no mármore das sepulturas cortando a pedra sem qualquer piedade. Os pinheiros que ladeavam o cemitério vergavam-se ao senhor dos ares, espalhando carumas no solo vergastado. Nada nem ninguém poderia supor que aquele grupo desgrenhado e com as roupas prestes a serem arrancadas do corpo pela força da intempérie, encerravam em si emoções e sentimentos tão distintos e fortes.

Maria baixou à terra finalmente, levando consigo uma vida de problemas e sofrimento. Beatriz, Afonso, Tiago e Palmira estavam inconsoláveis. Marta e Joana apreensivas pelo que se seguia e os Ramires ainda em choque. A Teresa e Sérgio ainda lhes parecia ser uma cena de um filme. À parte do grupo, ligeiramente afastado, José Vargas não demonstrava qualquer emoção. Parecia uma pedra negra, carcomida pelo caruncho. Só Tiago sabia o sofrimento que o pai encerrava dentro de si.

Marta observou Afonso, a amparar Beatriz que chorava copiosamente, tal como ele, e percebeu que o homem da sua vida estava a chorar pelo pai, por ele, por Maria, por Beatriz, por todos. Aquela mágoa era tão antiga, como a sua vida. Sentiu orgulho por ele. Afonso era um homem forte, integro e com um coração do tamanho do mundo. Criara uma irmã, filha da perfídia do pai, como se fosse sua filha, para proteger a mãe e até o próprio pai. Aguentara a doença de Maria e protegera Beatriz da mãe, fazendo dela uma jovem equilibrada, e ainda se tornara um homem de negócios próspero. Se existia resiliência Afonso era a prova viva.

**

Três horas depois

- Estamos aqui reunidos, porque tenho algo a revelar-vos que já deveria ter sido dito há muito tempo – respirou fundo antes de continuar.

- Não é fácil para mim... não foi fácil para mim – repetiu Afonso emocionado. - Carregar este fardo durante vinte anos – e olhou para Marta a assegurar-se que ela estava com ele – sei que vai ser duro ouvir o que tenho para dizer, mas chega de segredos – disse Afonso olhando no rosto de todos os presentes.

A ampla sala de estar da sua casa nas Avenidas Novas, estava num silêncio sepulcral, de acordo com a tragédia que viviam. Apenas se ouvia uma ou outra fungadela de Beatriz ou de Palmira. Os restantes permaneciam estáticos e com o olhar preso em Afonso.

Marta incentivou-o a continuar.

- Há quase vinte e um anos, uma noite, a Maria bateu-me à porta de casa, a casa onde eu residia como estudante universitário – disse pesaroso.
- Fugida de casa com medo de que o pai a matasse - e parou olhando para José Vargas que permanecia com os olhos fixos no chão. – Tentei convencê-la a voltar, disse-lhe que a acompanhava a casa, que a ajudava, mas não a consegui convencer. Maria estava aterrorizada e grávida de três meses.

Os olhos dos presentes na sala caíram nele, menos os da mãe, de José Vargas e de Marta.

- Não – negou. - O pai não sou eu – e olhou para uma Beatriz chorosa e aflita. – Lamento querida, mas os laços de sangue que nos unem não são de pai e filha..., mas eu quero-te como se fosses minha filha – disse com carinho deixando transparecer o amor que sentia pela jovem.

Os olhares cruzavam-se com receio da revelação que estava prestes a acontecer.

- A Beatriz é minha irmã de sangue, por parte de pai – disse sem rodeios.

OuvIU-se um grito de Palmira, mas as restantes pessoas ficaram em silêncio. Até José Vargas de quem Afonso temia uma reação intempestiva, se manteve sereno.

Afonso perscrutou os olhares e percebeu que não estava a dar uma novidade.

- Alguns de vocês sabiam, não é verdade? – perguntou desafiando-os a deixarem de ser hipócritas.

Joana baixou os olhos incapaz de pronunciar qualquer palavra, José Vargas seguiu-lhe o exemplo e o único que teve coragem de falar foi Tiago.

- Sabia que existia um segredo macabro por detrás do desaparecimento da minha irmã, e confesso que quando a vi há muitos anos contigo, a passear na baixa de Lisboa, grávida, pensei que serias tu o pai..., mas nunca uma coisa destas – e respirou fundo olhando para o pai -, o senhor sabia pai?

José Vargas limitou-se a abanar a cabeça.

- Nunca te perderei! - gritou Palmira. – És desumano. Fazer-me crer que a minha filha tinha desaparecido afogada no rio. És um monstro! – gritou-lhe. E saiu da sala o mais depressa que as suas pernas lhe permitiam com o filho no seu encalço.

Serenados os ânimos Afonso pensou em concluir a revelação.

- Não sou um mártir, nem quero que me vejam dessa forma, o que fiz foi para proteger a todos. Compreendam – pediu. - Creio que na época nenhum de vocês iria aguentar passar por uma revelação deste tipo, numa aldeia pequena, onde todos se conhecem, numa altura em que a opinião dos outros tinha um peso superior ao que tem hoje. Sou louco? Inconsequente? Mártir?

Marta, sentada ao lado de Afonso, incita-o a continuar antes que ele se perca no discurso.

- Vamos acabar logo com isto Afonso. Estão todos muito cansados – pediu Marta.

Ele anuiu. Tinha de terminar aquele capítulo da sua vida.

- Agora que já sabem, quero também dizer-vos que a Maria era uma mulher muito doente. Tinha um transtorno de personalidade e tendência a fazer coisas desastrosas para a sua vida. Punha-se em perigo constante e, muitas vezes tentou por termo à vida. Infelizmente desta vez ninguém chegou a tempo. Lamento- disse pesaroso. - Protegi a Beatriz das suas loucuras, durante toda a sua vida e orgulho-me disso.

Beatriz mantinha-se de cabeça baixa, com as ideias a fervilhar e a raiva mesmo à flor da pele, prestes a explodir para algum lado. A dor era tão intensa que julgava não aguentar. Perder uma mãe e agora um pai, era algo que não cabia no seu pensamento.

A dor da jovem era visível no olhar e Afonso acercou-se dela, abraçou-a pelos ombros e beijou- a na face.

- Vou estar sempre contigo, não vou deixar de ser o teu pai Bia, mas não podia continuar a carregar este segredo comigo, entendes?

A jovem acenou que sim. Era muito sensata para a idade, sempre fora, e sabia estar em qualquer lugar.

- Queria pedir-vos que esta conversa ficasse aqui, entre as paredes desta sala, um segredo guardado pelas nossas três famílias. Não há necessidade de profanar a memória dos mortos. Que me dizem?

Ninguém proferiu qualquer palavra. O pacto estava selado, encapsulado pelo tempo, mais uma vez, e pela memória de todos. Jamais se voltaria a falar no assunto. Afonso tinha a certeza. Mas vida de todos também não voltaria a ser a mesma depois de hoje.

Joana Simões despediu-se do filho e de Marta e ao passar por Beatriz pousou a mão no braço da jovem e disse:

- Peço desculpa por tudo o que ouviste, tu não tens culpa de nada. Beatriz, por mais que me custe saber o que aconteceu, eu já desconfiava que era qualquer coisa deste género. A porta da minha casa está aberta para ti sempre que quiseses e desculpa-me a rudeza com que te tratei – e calou-se de repente, faltando-lhe as palavras saindo da casa do filho acompanhada do casal Ramires.

Tiago agarrou no braço da mãe, amparando-a e despediu-se de Marta e Afonso e ao chegarem a Beatriz, Palmira, beijou-lhe a face bonita e triste, e disse:

- Queria ver-te mais vezes minha neta – pediu à jovem.

Beatriz olhou aquela figura corcovada e triste.

-Deixe-me digerir tudo isto e organizar a minha vida primeiro. Com certeza que vou visitá-los – e abraçou Palmira e o tio.

Na sala, restavam Afonso, Marta e Beatriz.

- Nunca te abandonarei querida – disse Afonso estreitando a jovem a si. – Podes ficar aqui. Quero que fiques a viver connosco. A Marta sabe que fazes parte da família – proferiu.

- É verdade Beatriz. Queremos que fiques – disse Marta convicta do que aquela decisão acarretava.

Beatriz respirou fundo e limpou as lágrimas com a costa da mão.

- Agradeço. Mas preciso de tempo e não quero atrapalhar a vida de ninguém. O pai sabe que eu sou assim – e olhou para Afonso com carinho.

- Sei filha, mas agora precisas de nós, de mim, e eu estou aqui. Agora que já sabes a verdade, isso não muda nada entre nós. Serei sempre o teu pai.

Beatriz, desarma finalmente e chora agarrada ao pai.

Marta sai da sala deixando-os a sós.

- Filha, tens uma família grande. Eu, a Marta que foi a melhor amiga da tua mãe até à adolescência, a minha mãe que te aceita como neta, os avós José e Palmira, e o tio. Beatriz, queremos-te muito filha – tentou sossegá-la, sabendo o tamanho da dor que ela estava a sentir.

**

Horas depois...

Tiago Vargas apresenta-se no banco. Justifica as faltas como tendo estado doente, e toma o seu lugar na secretária, tentando despachar o trabalho acumulado, mas também à espera de que a qualquer momento Dulce o chamasse para o despedir.

Absorto no pensamento ainda acerca da irmã e da revelação que ouvira há horas, nem reparou que Dulce Moreira não estava por ali.

- Morreu a chefe *pá!* – disse o colega Pedro.

- Quê? – perguntou incrédulo.

- A Dulce, *pá!* A Dulce foi encontrada morta no apartamento dela. Estrangulada.

Tiago sentiu o sangue a fugir-lhe do corpo e o suor a cair-lhe pela testa.

Pedro reparou na mudança de cor do colega.

- Estás bem *pá?* Estiveste mesmo doente – afirmou. - Estás tão branco como a cal da parede da casa da minha avó lá no Alentejo.

Tiago respirou fundo e tentou disfarçar a voz entaramelada que teimava em sair-lhe pela boca.

- E quem foi? – perguntou finalmente mais tranquilo.

- Não sabem. Parece que não deixaram nada que pudesse incriminar alguém.

- Uhhhm...coitada – respondeu com medo de que o outro adivinhasse os seus pensamentos.

- Pois coitada...- disse Pedro – ela tinha muito inimigos. Nós conhecemos a velha Dulce – disse com uma piscadela de olho a Tiago e afastou-se até à sua secretária, onde retomou o trabalho.

Tiago tirou o lenço branco do bolso e olhou-o com atenção. Não podia esquecer-se de o lavar outra vez. Ele fora-lhe muito útil, naquela tarde quando voltara atrás, para lhe desejar bom Natal.

Sem remorsos retomou o trabalho.

**Dois meses depois...**

- Estão casados. Pode beijar a noiva – diz o juiz de paz.

Afonso enlaçou Marta pela cintura, estreitou-a e beijou-a nos lábios, com toda a ternura e amor que sentia por aquela mulher que fazia parte da sua vida desde sempre.

Marta sorriu-lhe.

- Nunca mais nos vamos separar, promete – disse ela correspondendo ao abraço.

- Prometo. Enquanto formos vivos, vamos estar juntos.

Marta e Afonso casaram em segredo, no registo civil, com apenas uma testemunha – um empregado de Afonso – e guardaram para si mesmos, a felicidade que sentiam. Os tempos não eram favoráveis a celebrações de felicidade quando o mundo de Beatriz e dos Vargas desabara recentemente.

Beatriz entrara na faculdade, para fazer uma licenciatura em fotografia e aos poucos ia absorvendo a nova realidade. Aceitara passar alguns dias com Marta e Afonso, Marta contara-lhe pormenores da sua amizade com a mãe, mas mantinha-se firme na ideia de morar sozinha no apartamento que agora era apenas dela, uma vez que era a herdeira da mãe. Afonso concordara. Tinha confiança no bom senso da filha.

Palmira Vargas arranjava coragem e confrontara o marido com a necessidade de não perderem o rasto à neta e um dia dissera-lhe:

- Se não aceitares a Beatriz aqui, deixo-te aqui sozinho. Estou cansada de ti, das tuas loucuras e da tua maldade. Não se faz com uma filha aquilo que tu fizeste homem! És desumano!

Mas José Vargas não lhe contou que deixara morrer um amigo afogado nas valas de irrigação por causa da filha, há cerca de quinze anos. Era a sua vingança, com a honra da filha, mas também um segredo que o atormentava desde esse dia.

Lembrava-se como se fosse hoje.

Naquela tarde de calor, tinha ido ver os campos de regadio, lá para os lados da vala grande e encontrara o Simões que também fiscalizava os seus trabalhadores. Simões coxeava ligeiramente agarrado a uma bengala talhada em madeira com um lobo de prata no punho.

- Fazia tempos que não te via Vargas! – dissera Simões, deveras agradado de ver ali o camarada de batalhão.

E Vargas sabia porque havia tempo que não se viam. A sua filha já saíra do campo de ação do Vargas e ele deveria andar por outros campos de caça.

- É verdade. E para dizer a verdade, não tenho qualquer prazer em ver-te, seu porco! – vociferou Vargas cuspendo-lhe para os pés.

Adérito ficara a olhar as botas sujas de cuspo. Não esperava uma receção deste género. Tivera sempre tanto cuidado em escolher os lugares onde se encontrava com a filha dele, que não julgava possível ser descoberto. Não, devia haver confusão.

- Ó camarada! Que bicho te mordeu? – tentou disfarçar. – Deve haver alguma confusão homem!

- Sabes Simões, quando tu entravas nas cubatas lá na Guiné e arrastavas para trás do mato as miúdas pequenas e as violavas eu nunca interfeiri, embora me apetecesse dar-te um tiro por vezes. Agora a minha filha! – e empurrou-o com o dedo indicador para o lado da vala.

- Estás maluco homem! Não sei do que falas! – disse Adérito.

- Sabes sim – e continuou a empurrá-lo na direção da vala.

Adérito corrigia a postura a cada vez que José o empurrava. Estava a revelar-se difícil manter o equilíbrio apenas com uma perna que obedecia ao cérebro.

- Sabes muito bem! – gritou-lhe. – A guerra a ti e *cabrões* como tu, serviu para dar largas à porcalhice! Nem todos os nossos camaradas, violavam as miúdas pretas. Só tu e aquele imbecil do Pontes, estavam sempre com o pirilau aos saltos quando íamos em missão, lembras-te? Eu ouvia as vossas conversas, sabias? Agora a minha filha era outra história! – gritou-lhe de novo empurrando-o mesmo até à beirinha da vala grande.

- Ora Simões, deixa lá de ser hipócrita! Também lá estavas e as pretas também eram filhas de alguém. Fizeste alguma coisa para nos

impedir? – disse largando um riso sardónico.

Olhando o outro com ódio de morte, Vargas, deu-lhe o golpe final.

Simões desequilibrou-se e perdeu a bengala. A cambalear curvou-se tentando recuperá-la rastejando entre as ervas. Com esforço visível

Apanhou o objeto e encarou o outro, disposto a desferir-lhe um golpe com a bengala. Vargas sorriu escarninho e deu-lhe o derradeiro empurrão. Adérito gritou:

- Grande cabrãooooo!

Ouviu-se o embate na água escura e que corria veloz pela vala. Nem mais um grito, nem um esbracejo. José Vargas sabia que o camarada tinha pavor da água porque não sabia nadar. Foi a última vez que o viu com vida. Três dias depois, ia a enterrar no cemitério da vila da Chamusca.

Fora um acidente – pensaram as gentes da aldeia e a polícia também depois de ter interrogado quase metade da aldeia.

- Estás a ouvir-me Zé? – disse Palmira.

- Que estás para aí a dizer mulher? – vociferou ainda incomodado pela recordação do passado.

O passado retornava ao pensamento, mesmo quando não era chamado. Jamais o conseguiria apagar, fechar ou empurrar para o fundo da sua memória para que não lhe trouxesse a dor que tentava mitigar há anos, sem, contudo, o conseguir.

O passado não reconhecia o seu lugar, voltava sempre.

- Sim, podes ir visitar a miúda quando quiseres. Mas não a quero aqui. Não tenho neta nenhuma, nem filha – manteve a decisão tomada há muitos anos, sob a égide da educação que o pai lhe dera, indiferente à dor de Palmira e até da própria neta. Havia vergonhas que um homem não podia suportar e só havia uma forma de as resolver – a sua.

Palmira sabia que não adiantava insistir. O marido não queria abrir a vida à aldeia pois não saberia como justificar a presença de Beatriz sem parecer que tomara uma decisão errada naquela época. O marido era um homem duro e com costumes rígidos e alguns bárbaros até, e a guerra contribuíra em muito para o endurecer mais.

Conformada pegou na panela de arroz e escorreu-a para o lava loiça. A vida haveria de continuar, mas desta vez estava enganado.

Por nada perderia de vista a sua menina.

**

Entretanto, na sede do banco, Tiago Vargas, apanhava mais um susto. A polícia judiciária entrara pelo banco dentro, identificando-se e pedindo para falar com o diretor que substituíra Dulce Moreira. Os olhos levantaram-se dos ecrãs dos computadores, olhando de soslaio de uns para outros, como a tentarem perceber se algum deles, ia ser indiciado pelo crime.

Tiago lembrara-se de imediato de ter lavado o lenço junto a um montão de roupa e durante duas horas na máquina de lavar e que não só as impressões digitais eram perigosas, mas também os telemóveis eram uma fonte de informação que podia ser muito útil à polícia. Ele e Dulce nunca trocavam mensagens e as chamadas eram muito curtas, no entanto, ele era um funcionário do banco, trabalhava diretamente com ela, e o que é que poderia ser suspeito? Nunca entrava em casa dela durante o dia e não pernoitava quando a visitava. Nunca se deixara ver pela porteira do prédio e entrava sempre com um boné enterrado na cabeça. Não podia deixar-se intimidar.

- Os inspetores querem falar com todos- informou o diretor. – Aguardem que vão ser chamados um a um.

Tiago meteu a mão ao bolso, tirou um comprimido da carteira e engoliu-o. O *cloridrato de propranolol* ia baixar-lhe os batimentos cardíacos e quando fosse interrogado, estaria calmo. Não ia mais preocupar-se com Dulce e as suas merdas. O futuro estava à sua frente e o banco era só um trampolim para outros saltos. A velha estava morta e ele vivo, portanto ia aproveitar a vida e a sorte que tivera ao conhecê-la.

Entretanto, na aldeia de Galopim, o rio Tejo continuava a correr para o mar, os pescadores todos os dias percorriam o rio em busca do peixe que subia a corrente, e a lezíria esperava pacientemente que as sementes lhes fossem lançadas inverno após inverno.

Marta e Afonso, tinham planeado a vida de forma a passarem mais tempo na aldeia. Marta despedira-se da clínica e trabalhava agora por conta própria num pequeno salão de tratamentos estéticos que abrira na cidade em Vila Franca. Ganhava mais do que a exercer enfermagem, e dispunha de tempo para o casal, e para os pais. Nos

tempos livres ainda ajudava Afonso a supervisionar a construção das duas estufas que iriam abastecer as lojas dele dali a uns meses.

Marta estava encostada ao cais de madeira que albergava a maior parte dos barcos dos pescadores em pleno inverno. O sol afastava-se ao longe, escondendo-se no horizonte e fazendo a noite cair dali a pouco. Esperava o seu homem, ali, num local estratégico e que fazia parte da memória dos dois, para lhe comunicar a novidade. Estava tão feliz que quase não cabia em si.

Viu-o chegar com uma simples rosa na mão e com o olhar a brilhar, com as botas de motard a ressoar na madeira, o capacete enfiado no braço e o blusão de cabedal preto a enfatizar os ombros largos e a postura ativa, era a personificação de um homem saído das telas do cinema. Nem quando era criança e sujeito a maus tratos Afonso baixou o olhar e a postura.

Era lindo -pensou Marta.

Era o seu homem, o seu amor de sempre, o companheiro para a vida inteira.

Correu a refugiar-se nos seus braços. Afonso abraçou-a e mergulhou os lábios nos dela.

Era amor para a vida inteira.

Nota da autora

A guerra do Ultramar, ou guerra colonial, ocorrida nas províncias coloniais de Angola, Moçambique, e Guiné, contou com um milhão e meio de soldados portugueses, obrigados a combater em “defesa da nação” com os guerrilheiros armados por diversos países, que incentivavam a descolonização. As motivações dessa guerra que durou de 1961 a 1975, não cabem aqui, mas sim as consequências físicas e psicológicas das quais foram vítimas os soldados portugueses e nativos. A devastação pessoal e familiar, ainda hoje está presente nos homens que à data deverão andar pelos setenta anos ou mais, e que correm consultas de psiquiatria, para suportarem o trauma, e preocupando as famílias com as suas *loucuras*. Nem todos os soldados que estiveram no cenário de guerra ficaram traumatizados, mas, aqueles que já tinham predisposição ou alguma fragilidade psicológica, tornaram-se pessoas perturbadas, e que fizeram posteriormente, atos de selvageria aos seus, tornando-se numa preocupação social e médica.

A história de Afonso, Marta, Tiago e Maria, filhos de soldados do Ultramar é fictícia, no entanto, é inspirada em relatos de homens que participaram na guerra com os quais eu fui contactando ao longo da minha vida e de outros que ouvi falar – na passagem da tradição oral – que me fizeram pensar sobre o assunto.

Para completar a pesquisa, baseei-me em três livros escritos por ex-militares que em muito me esclareceram sobre o cenário de guerra, desde já o muito obrigado por terem colocado em papel o seu testemunho para memória futura.

Na minha família existem alguns homens que participaram nessa guerra e nenhum deles, voltou a ser a mesma pessoa depois desse tempo; alguns com lesões corporais, outros com o psíquico alterado, sobreviveram até hoje, não sem traumas, quer eles, quer os filhos e as esposas.

Por último quero revelar que a aldeia de Galopim é uma recreação minha, baseada nas aldeias *vieiras* da zona do Ribatejo e unicamente por conveniência da trama do livro.

Obrigado por ler o meu livro!

As palavras deste livro são como um iceberg: o que você lê é apenas a ponta de todo o pensamento, discussão, leitura, pesquisa, revisão, argumentação, refinamento e reescrita. Eu apenas fiz o trabalho de escrever as palavras e colocar o meu nome na capa. No entanto, isso é apenas parte da história.

Há muitas pessoas que me inspiraram, me fizeram sentar e prestar atenção, forçaram-me a quebrar as minhas suposições e me fizeram acreditar que as ideias deste livro são validas, ou que servem de entretenimento. Amigos que beberam um copo comigo e compartilharam uma refeição; incentivaram-me a continuar, escutaram os meus desabafos e mais do que tudo, me foram dando ideias, quando nem sequer imaginavam que o faziam.

O tempo de escrita também incluiu muitas conversas pessoalmente, ou até de recolha de ideias em frases, acontecimentos, em escuta activa durante a minha profissão, porque um escritor está sempre a trabalhar. Esses momentos e conversas foram inestimáveis, e o tempo foi bem gasto, e eu os adiciono como “tempo de escrever”, embora, muitas vezes não utilize tudo o que recolho no meu precioso caderno de rascunhos.

Se você considera que a leitura deste livro vale uma apreciação justa feita por si, deixe o seu comentário na amazon.

Muito obrigado por ter dispensado o seu precioso tempo, lendo o meu livro.

Com carinho,

A handwritten signature in dark ink, appearing to read 'Lidiânneiro', with a horizontal line extending to the right.

A AUTORA

Lídia Craveiro é uma escritora que nos faz procurar compreender o ser humano através das suas histórias com fatos empolgantes e personagens que não são propriamente saídas de um conto de fadas. A autora cria personagens reais que convivem com todos nós na sociedade, fruto da sua profissão como psicóloga clínica e psicoterapeuta.

A par da actividade literária como autora independente, Lídia Craveiro tem uma longa carreira como Psicóloga Clínica e Psicoterapeuta Psicanalítica. Actualmente divide a sua actividade pelo consultório, uma escola profissional onde lecciona, e a escrita em casa no sossego do seu escritório.

Reside em Portugal, no Alentejo, com o marido, os filhos e uma netinha, e ainda uma cadela shnauzer mini, convencida que é o bebé da família. É autora de romances de ficção, livros e artigos científicos de psicologia.

www.lidiacraveiro.com

www.perolasparaaalma.com

lidiacraveiro@gmail.com

facebook.com/lidiaescritoracraveiro/

Referências bibliográficas:

Aguiar, C. BRAÇO TATUADO – RETALHOS DA GUERRA COLONIAL. Publicações Dom Quixote.

Mergulhão M, M. ESTÓRIAS DA 177, UM SOLDADO EM MOÇAMBIQUE. 2014 Edições Glowbooks.

Roque, João Carlos. A ILHA DE METARICA. 2014 Index Books

[1] Shabby significa gasto, desalinhado. Estilo de decoração criado por Rachel Ashwell, inspirada no tempo das grandes casas de campo inglesas. Era costume adquirir os móveis nos mercados, já usados. Mistura mobiliário moderno com antigo, usa muito branco, e tons pastéis.

[2] Nome que as gentes do povo davam às próteses usadas pelos ex-combatentes que ficaram sem um membro inferior.

[3] Conjunto de árvores em torno de uma pedra de tamanho considerável. Expressão do povo.

[4] Instituto Nacional de Emergência Médica

[5] Unidade de cuidados intensivos

[6] Jovens que se correspondiam por carta com os soldados que estavam na guerra do Ultramar, e que podiam tornar-se namoradas, amantes ou esposas.

[7] Terras, propriedades.

[8] Terras, propriedades.

[9] Guerrilheiros resistentes à ocupação dos portugueses.